

LINGUAGEM EM FOCO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
APLICADA DA UECE

LINGUAGEM EM FOCO
Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE
Volume 1 - Junho/2009 - ISSN 2176-7955



© EDUECE
Editora filiada à ABEU



Ficha Catalográfica
Bibliotecária Meirilane Santos de Moraes
CRB-3/785

Linguagem em Foco - Revista do Programa de Pós-Graduação
Em Linguística Aplicada da UECE / Universidade Estadual
do Ceará . v.1, n.1 (jun./2009) .- Fortaleza: EdUECE, 2009 -

Periodicidade semestral
ISSN: 2176-7955

1. Linguística aplicada 2. Ensino-aprendizagem 3. Linguagem.
4. Tradução 5. Lexicologia I. Universidade Estadual do Ceará,
Centro de Humanidades.

CDD: 000

LINGUAGEM EM FOCO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
APLICADA DA UECE
Volume 1 - Junho/2009 - ISSN 2176-7955

LINGUAGEM EM FOCO
Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE
Volume 1 - Junho/2009 - ISSN 2176-7955

PUBLICAÇÃO

Editora da Universidade Estadual do Ceará em Co-Edição com o Programa de
Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

EDITOR CIENTÍFICO

Vera Lúcia Santiago Araújo

EDITOR ADJUNTO

Maria Helenice Araújo Costa

ORGANIZADORAS DESTE NÚMERO

Vera Lúcia Santiago Araújo e Stella Esther Ortweiler Tagnin

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Fábio Nunes Assunção

TIRAGEM

300 exemplares

APOIO

CAPES

CORRESPONDÊNCIA

LINGUAGEM EM FOCO
Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE
Av. Luciano Carneiro, 345, Fátima
60410-690 - Fortaleza - Ceará - Brasil
Contatos: (85) 31012032
Fax: (85) 31012026



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR

Francisco de Assis Moura Araripe

VICE-REITOR

Antônio de Oliveira Gomes Neto

EDITORA DA UECE

Liduína Farias Almeida da Costa

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes

Eduardo Diathay Bezerra de Menezes

Elba Braga Ramalho

Francisco Horácio da Silva Frota

Francisco Josênio Camelo Parente

Gisafran Nazareno Mota Jucá

Humberto de Andrade Carmona

José Ferreira Nunes

José Henrique Leal Cardoso

Lucili Grangeiro Cortez

Luiz Cruz Lima

Manfredo Ramos

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Marcony Silva Cunha

Maria do Socorro Ferreira Osterne

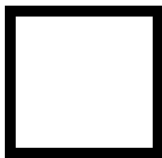
Maria Salete Bessa Jorge

CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA

Ângela Paiva Dionísio (UFPE)
Antonieta Cellani (PUC-SP)
Antonio Carlos Xavier (UFPE)
Antonio Paulo Berber Sardinha (PUC-SP)
Antonio Mendoza Fillola (Universidade de Barcelona)
Bernardete Rodrigues Biasi (UFC)
Carlos Alberto Marques Gouveia (Universidade de Lisboa)
Célia Magalhães (UFMG)
Charles Bazerman (UCSB, Estados Unidos)
Denise Bértoli Braga (UNICAMP)
Eduardo S. Junqueira Rodrigues (UFC)
Elizabeth Reis Teixeira (UFBA)
Giovana Ferreira Gonçalves (Universidade Federal de Pelotas)
Heloísa Collins (PUC-SP)
Ieda Maria Alves (USP)
Ingedore Koch (UNICAMP)
Jean-Pierre Cuq (Universidade de Nice-França)
Júlio César Araújo (UFC)
Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP)
Leila Barbara (PUC-SP)
Luiz Fernando Gomes (UNISO-Sorocaba-SP)
Luiz Paulo Moita Lopes (UFRJ)
Mailce Borges Mota (UFSC)
Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos (UFSC)
Marcelo Buzato (UNICAMP)
Matilde V. R. Scaramucci (UNICAMP)
Mônica Magalhães Cavalcante (UFC)
Nina Célia Almeida de Barros (Universidade Federal de Santa Maria)
Orlando Vian Júnior (UFRN)
Stella Esther Ortweiler Tagnin (USP)
Tania Regina de Souza Romero (Universidade Federal de Lavras - MG)
Thaís Cristófaros Silva (UFMG)
Vera Lúcia Menezes (UFMG)
Vlândia Maria Cabral Borges (UFC)

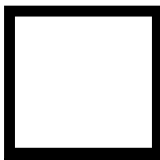
PARECERISTAS PARA ESTE NÚMERO

Adauri Brezolin (Universidade de São Judas)
Márcia Martins (PUC-RJ)
Leila Darin (PUC-SP)
Luciana Carvalho (USP)
Antônio Luciano Pontes (UECE)
Emília Farias (UFC)
Stella Esther Ortweiler Tagnin (USP)
Paula Lenz Costa Lima (UECE)
Maria José Finatto (UFRGS)
Antonio Paulo Berber Sardinha (PUC-SP)



SUMÁRIO

Normas da Revista	08
Editorial	11
Terminografia trilingue	13
<i>Emilia Maria Peixoto Farias e Teresa Maria Frota Bezerra</i>	
Advérbios terminados em -mente (L2) e em -ly (L1): um estudo sobre condições de tradução de manuais de química	24
<i>Salete Moncay Cechin, Daviane Zottis Contini e Maria José B. Finatto</i>	
A tradução de itens lexicais no processo de elaboração de ontologias bilíngues de domínios especiais	36
<i>Claudia Zavaglia, Maria Amélia Quiozini e Monique Lopes Ferraresi</i>	
Tradutores e traduções juramentadas: um sobrevoo pelo Brasil	49
<i>Lídia Almeida Barros, Francis Henrik Aubert e Diva Cardoso de Camargo</i>	
Estudo baseado em corpora paralelos de textos médicos nas subáreas de cardiologia e ortopedia, na direção português/ inglês	56
<i>Diva Cardoso de Camargo e Paula Tavares Pinto Paiva</i>	
El difícil papel del traductor como receptor de su propio texto. Un experimento sobre los problemas de la revisión en la traducción inversa	66
<i>Pilar Lorenzo</i>	
Huxley e Veríssimo: a questão da “influência” nos estudos de tradução	82
<i>Silvana Maria de Jesus</i>	
As definições em dicionários de medicina e de dermatologia: que modelo adotar?	98
<i>Viviane do Amaral Ferini e Lidia Almeida Barros</i>	



NORMAS DA REVISTA

Proposta

LINGUAGEM EM FOCO é uma publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A revista divulga trabalhos sobre a linguagem numa perspectiva interdisciplinar, abordando questões ou enfoques teórico-metodológicos envolvendo as seguintes áreas de estudo: Leitura, Escrita e Multiletramentos; Desenvolvimento da Linguagem e Ensino de Línguas; Tradução, Lexicologia e Processos Cognitivos; Pragmática Cultural e Estudos da Linguagem.

Política Editorial

A revista estimula a colaboração da comunidade científica na área de Linguística Aplicada, aceitando artigos, em fluxo contínuo, de autoria de pesquisadores de universidades do Brasil e do exterior, assim como de docentes e discentes do Programa. Os trabalhos devem ser inéditos, podendo ser redigidos em português, inglês, espanhol ou francês. Havendo necessidade, conforme análise do Conselho Editorial, poderão ser organizados números temáticos e/ou especiais. Além dos artigos, a revista aceita: resenhas de livros recém-publicados; textos de conferências; entrevistas; divulgação de teses ou dissertações recentes (contendo resumo, texto do autor enfatizando os resultados e implicações da investigação, mais o comentário de um membro da banca). As propostas enviadas são avaliadas por dois pareceristas, especialistas nas áreas em questão, do Conselho Editorial ou pareceristas *ad hoc*. Havendo discordância entre os pareceres, o trabalho será enviado a um terceiro parecerista.

Os trabalhos poderão ser apresentados em português ou em outro idioma. Deverão ser enviados em CD (no formato DOC ou ODT) e em três vias impressas (papel A4, 210 x 197 mm), sendo uma com identificação: nome, instituição, endereço para correspondência (com CEP), e-mail, telefone (com prefixo). O CD deve trazer uma etiqueta indicando o(s) autor(es) do trabalho e o programa utilizado (Word for Windows ou BrOffice).

Todos os trabalhos devem seguir as normas de apresentação descritas abaixo e enviados para:

Endereço

Comissão Editorial – Linguagem em Foco

Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - CH-UECE

Av. Luciano Carneiro, 345, Fátima

60410-690 – Fortaleza – Ceará – Brasil

Não serão aceitos, em nenhuma hipótese, trabalhos enviados pela internet/e-mail.

Contatos

Fone: 85-31012032

Fax: 85-31012026

E-mail: linguagememfoco@uece.br

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DO TRABALHO:

Número de páginas para cada tipo de trabalho:

Artigos – 7 a 20 p.

Resenhas de livros – 1 a 3 p.

Divulgação de teses e dissertações – resumo de 10 linhas, texto do autor de 3 a 5 p. e comentário do membro da banca – 15 a 30 linhas.

Conferência – 3 a 8 p.

TÍTULO – centralizado, em maiúsculas e negrito (sem grifos)

Nome(s) do(s) autor(es), à direita da página (sem negrito ou grifo), duas linhas abaixo do título, com maiúscula só para as letras iniciais. Usar asterisco para nota de rodapé, indicando a instituição à qual está vinculado(a). O nome da instituição deve estar por extenso, seguido da sigla

RESUMO – colocar a palavra resumo em corpo 10, negrito, itálico e maiúsculas, duas linhas abaixo do nome do autor, seguida de dois pontos. O texto-resumo deverá ser apresentado em itálico, corpo 10, com recuo de dois centímetros de margem direita e esquerda. O resumo deve ter, no mínimo, três linhas e, no máximo, 10

PALAVRAS-CHAVE – dar um espaço em branco após o resumo e alinhar com as mesmas margens. Corpo de texto 10. A expressão palavras-chave deverá estar em negrito, itálico e maiúsculas, seguida de dois pontos. Máximo de cinco palavras-chave

ABSTRACT – mesmas observações do **RESUMO**

KEYWORDS – mesmas observações das **PALAVRAS-CHAVE**

Texto – em Times New Roman, corpo 12. Espaçamento simples entre linhas e parágrafos. Usar espaçamento duplo entre o corpo do texto e subitens, ilustrações e tabelas, quando houver

Parágrafos: usar adentramento 1 (um)

Subtítulos: sem adentramento, em negrito, só com a primeira letra em maiúscula, numerados em algarismo arábico. A numeração não inclui a introdução, a conclusão e as referências

Tabelas e ilustrações (fotografias, desenhos, gráficos etc.) devem vir prontas para serem impressas, dentro do padrão geral do texto e no espaço a elas destinados pelo autor

Notas – devem aparecer ao pé da página, numeradas de acordo com a ordem de aparecimento, em corpo 10

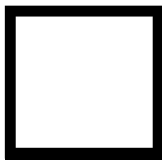
Ênfase ou destaques no corpo do texto – deve-se usar negrito. Para palavras em língua estrangeira não dicionarizadas em português, usar itálico

Citações de até três linhas vêm entre aspas (sem itálico), seguidas do sobrenome do autor (em maiúsculas), ano de publicação e página(s) entre parênteses.

Com mais de três linhas, vêm destacadas com recuo de 4 cm na margem esquerda, corpo menor (fonte 11), sem aspas, sem itálico e também seguidas do sobrenome do autor (em maiúsculas), ano de publicação e página(s) entre parênteses. As citações em língua estrangeira devem vir em itálico e traduzidas em nota de rodapé.

REFERÊNCIAS (a palavra “Referências” em maiúsculas, negrito): devem vir ao final do texto, segundo a NBR 6023.

OBSERVAÇÃO: A desconsideração das normas implicará a não aceitação do trabalho. Os artigos recusados não serão devolvidos ao(s) autor(es).



EDITORIAL

A revista Linguagem em Foco está sendo lançada ao mesmo tempo em que o Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada comemora onze anos de atuação. A iniciativa em propor essa publicação surge do anseio de seus professores em difundir e discutir pesquisas em diversas linhas pertencentes à grande área da Linguística Aplicada.

Este primeiro número traz artigos na área da Tradução, uma das linhas de pesquisa do Pós-LA, resultantes de trabalhos apresentados no IX Congresso da Abrapt, em 2004, patrocinado pela UECE. O primeiro artigo, de autoria de **Emilia Maria Peixoto** e **Tereza Maria Frota Bezerra**, apresenta o produto final de um projeto intitulado Glosterm, que consiste de um glossário trilingüe, português (brasileiro), francês e inglês, referente ao universo da moda. O segundo artigo, de **Saete Moncay Cechin**, **Daviane Zottis Contini** e **Maria José B. Finatto**, propõe observar aspectos coesivos e enunciativos em manuais acadêmicos de Química utilizados em pesquisa interdisciplinar entre a Área de Educação Química e o projeto TEXQUIM da UFRGS, a fim de trazer algumas observações sobre a incidência e funcionalidade de advérbios terminados em -mente (L2) e -ly (L1) em dois manuais de Química Geral contrastando texto-fonte e texto traduzido. Em seguida, o artigo de **Claudia Zavaglia**, **Maria Amélia Quiozini** e **Monique Lopes Ferraresi**, trata da tradução de itens lexicais no processo de delineamento de ontologias de domínios restritos, no caso, a Ecologia de Populações, com vistas ao tratamento computacional, em uma perspectiva bilíngüe (português-italiano). O artigo de **Lídia Almeida Barros**, **Francis Henrik Aubert** e **Diva Cardoso de Camargo** aborda alguns aspectos relativos ao exercício da profissão de tradutor juramentado no Brasil, apresentando resultados obtidos em nossa pesquisa sobre os idiomas nos quais os tradutores juramentados estão habilitados e sobre a distribuição geográfica desses profissionais nas diferentes Unidades da Federação. **Diva Cardoso de Camargo** também divide a autoria do próximo artigo, desta vez com **Paula Tavares Pinto Paiva**, e apresenta pesquisa de desenvolvimento de dois corpora paralelos com aproximadamente 170.000 palavras. Cada corpus é constituído por artigos médicos escritos em português e por suas respectivas traduções para o inglês, extraídos, respectivamente, de uma revista científica de Cardiologia e de outra de Ortopedia. **Pilar Lorenzo** discute a importância da revisão de traduções próprias ou de outros e a necessidade de se desenvolver uma prática individual

como atividade independente. **Silvana Maria de Jesus** apresenta pesquisa sobre a representação do discurso ficcional embasado na Gramática Sistêmico-Funcional proposta por Halliday e na Linguística de Corpus, utilizando-se o software *WordSmith Tools*, que tem por objetivo foi observar como os pensamentos das personagens de um corpus ficcional são representados através dos verbos de elocução THINK e PENSAR, buscando descrever padrões textuais nos três romances que compõem o corpus a fim de identificar uma possível “influência” do romance original de Aldous Huxley sobre a produção textual de Veríssimo tradutor e autor. O texto final, de **Viviane do Amaral Ferini** e **Lidia Almeida Barros**, analisa modelos de definição encontrados em dicionários de Medicina e de Dermatologia com o fim de verificar se os enunciados definicionais são adequados a um público-alvo composto de especialistas em Dermatologia, estudantes e residentes dessa área médica.

Com esta edição pretende-se, além de dar início a uma série de publicações advindas do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, divulgar as discussões ocorridas no IX Congresso Nacional e III Encontro Nacional de Tradutores promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e pela Associação Brasileira de pesquisadores em Tradução.

TERMINOGRAFIA TRILÍNGUE*

Emilia Maria Peixoto Farias (Universidade Federal do Ceará - UFC)

Doutora em Letras. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Departamento de Letras Estrangeiras.

Teresa Maria Frota Bezerra (Universidade Federal do Ceará - UFC)

Mestre em Letras. Professora do Departamento de Letras Estrangeiras.

ABSTRACT

This article presents the final product of the Glosterm Project which was a three year research developed at the Department of Foreign Languages at Universidade Federal do Ceará (UFC). It aims at describing the procedural steps which were followed to produce a trilingual glossary of clothing terms in three modern languages: Brazilian Portuguese, as the source language (SL), French and English as the target languages (TL).

Keywords: Metalexigraphy, Terminology, Glossary.

RESUM O

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o produto final do projeto Glosterm, pesquisa desenvolvida ao longo de três anos no âmbito do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC. Trata-se de um glossário trilingue, que tem como língua de partida (LP) o português brasileiro (PB) e, como línguas de chegada (LC), o francês e o inglês. Pretendemos, pois, apresentar os motivos que nos levaram a investigar o universo discursivo da Moda, as etapas processuais adotadas na elaboração do glossário, como também, evidenciar algumas das dificuldades na execução de um projeto desta natureza.

Palavras-chave: Metalexigrafia, Terminologia, Glossário.

*Este trabalho foi apresentado em sua versão preliminar na Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE, em 2002, UFC, Fortaleza.

Considerações iniciais

O projeto Glosterm constitui-se em uma pesquisa departamental com vistas à investigação e descrição de termos que integram o universo discursivo da Moda. Ao final foi elaborado o **Glossário trilingue de termos do vestuário** (no prelo), doravante Glossário, em que o português brasileiro é a língua de partida (LP) e as línguas de chegada (LsCs) são o francês e o inglês.

Dentre os motivos que nos levaram a investigar o universo escolhido podemos apontar a possibilidade de o Glossário servir como ferramenta adicional na sistematização e organização do conhecimento nessa área específica da atividade humana, na difusão desse conhecimento, no fornecimento de informações especializadas, no registro e na recuperação das informações produzidas, além de poder contribuir para a normalização terminológica da área e oferecer base terminológica para a elaboração de outros glossários, sejam eles bilíngues ou multilíngues, fortalecendo, assim, o binômio língua portuguesa – língua estrangeira.

Em sendo a Moda um universo muito complexo que inclui aspectos os mais diversos, tais como econômicos, sociais e culturais, limitamo-nos a pesquisar apenas os aspectos linguísticos com vistas à verificação das formas de comunicação entre os participantes desse universo em português, francês e inglês.

1. Breve histórico

O Glossário resulta de pesquisa no âmbito da terminografia multilíngue que, ao longo de três anos, sofreu modificações que merecem ser aqui destacadas. A princípio, para o Glossário estava prevista a inclusão do português europeu (PE). A decisão de não mais incluir a variante portuguesa deu-se por entendermos ter sido mais urgente, naquele momento, atingirmos o público brasileiro, cuja necessidade mais premente reside na descrição dos termos em PB e seus equivalentes nas LsCs escolhidas.

Outra mudança adotada foi quanto ao número de subdomínios. Nosso objetivo primeiro, que era investigar três subdomínios: tecido, padrão e vestuário, ficou restrito à subárea do vestuário, devido à exiguidade do tempo. Contudo, os dados já coletados referentes aos outros dois subdomínios, ao seu tempo, serão devidamente revistos e ampliados para serem objeto de investigação de um novo projeto. Sendo assim, compõem a nomenclatura do Glossário 254 termos da área do vestuário com seus respectivos equivalentes em francês e inglês.

2. Metodologia

Para a elaboração do Glossário seguimos as etapas processuais sugeridas em Rondeau (1983: 66-103) e Aubert (1996: 37-67), a saber:

- **Escolha do domínio e das línguas de trabalho.** A escolha do domínio e das línguas de trabalho teve como base os vários anos de parceria entre o Curso de Estilismo e Moda e o Departamento de Letras Estrangeiras da UFC. A oferta anual das disciplinas Francês Técnico de Moda e Inglês Técnico de Moda e o crescente interesse por parte dos alunos têm estimulado pesquisas que investigam os padrões de interação e o léxico daqueles que participam do mundo da Moda.

Atuando como professores dessas disciplinas, foi-nos possível perceber a lacuna existente nessa área com relação a dicionários, glossários e outras obras do gênero que pudessem ser utilizadas como referências no processo de ensino-aprendizagem da linguagem de especialidade em questão. Devido a essa lacuna, fomos também levadas a consultar especialistas, na busca de esclarecimentos a respeito dos termos e de suas acepções. Com os trabalhos de Farias (2001; 2003), foi-nos possível ampliar a pesquisa e aprimorar o fazer terminográfico.

- **Delimitação dos subdomínios.** Uma vez que o glossário tem como base o trabalho de Farias (2003), restringimos o número de subdomínios a apenas um, qual seja o subdomínio do vestuário, devido ao motivo anteriormente exposto.
- **Consulta a especialistas.** A consulta a especialistas ocorreu ao longo do trabalho e mostrou-se muito eficaz. Na fase inicial, recebemos contribuições importantes dos alunos do Curso de Estilismo e Moda da UFC, que resultaram no esclarecimento de questões a respeito do subdomínio de investigação e de seus termos.
- **Consulta a dicionários monolíngues e bilíngues.** A consulta aos dicionários monolíngues e bilíngues deu-se ao longo da elaboração do Glossário na busca e na checagem de equivalência ou de esclarecimento conceitual a respeito dos termos, na identificação de etimologias para facilitar a compreensão das diferentes acepções como, também, na verificação de recursos tipográficos que nos ajudassem na criação de um modelo próprio para o verbete.
- **Escolha das fontes.** As fontes escolhidas foram materiais de divulgação dos quais foram extraídos os termos que compuseram o *corpus* da pesquisa. Considerando a especificidade do público-alvo, optamos por revistas e jornais de Moda de circulação dentro dos países onde

se falam as línguas escolhidas, assim como aqueles de circulação internacional, abrangendo um intervalo de tempo que vai de 1995 a 2004, com ênfase no período de 2000 a 2004. Além de revistas e jornais, foram também utilizados catálogos de venda e páginas disponibilizadas na Internet.

- **Tratamento dos termos.** Para o tratamento adequado dos termos, elaboramos uma ficha terminológica que serviu para o registro dos termos nas línguas de chegada. Seguimos os modelos propostos por Alves (1998) e Pais (1996) que, adaptados, resultaram no seguinte formato:

Termo na língua de chegada. O termo pode ser constituído de unidades linguísticas simples, compostas ou abreviaturas (sigla e acrônimo).

Equivalente na língua de partida. Este campo foi preenchido com o termo equivalente na língua de partida (português brasileiro).

Referências gramaticais. Campo preenchido com informações a respeito da classe gramatical à qual o termo pertence, seu gênero e número.

Sigla ou acrônimo. Quando os termos são representados por suas letras iniciais (sigla) ou por sílabas iniciais pronunciadas (acrônimos), estes foram registrados neste campo.

Variante gráfica. Neste campo foram registradas as variantes de caráter gráfico dos termos e seus respectivos contextos.

Contexto. Aqui foram registrados os contextos dos quais foram extraídos os termos e suas fontes. Quando foi possível, apresentamos contextos definitórios, com o objetivo de apresentar o termo no seu funcionamento conceitual morfossintático. Quando não, recorremos aos outros dois tipos – contexto explicativo e contexto associativo.

Nota linguística. Neste campo foram registradas informações de caráter linguístico referentes à etimologia do termo, à data do primeiro registro nas línguas e aos processos de formação: formações sintagmáticas, derivação, composição, metáforas, metonímias, empréstimos, dentre outros.

Nota enciclopédica. Neste campo registramos informações de teor enciclopédico que dizem respeito, por exemplo, ao local de surgimento do termo, ao seu criador ou introdutor no discurso da Moda. Algumas vezes, houve a necessidade de incluir componentes extralinguísticos de natureza diversa para complementação do conteúdo do termo-entrada.

Sinônimo(s). Aqui registramos os termos característicos de um dado momento da história da Moda, como também empréstimos linguísticos. Foram também considerados sinônimos termos

que resultaram da elipse de um dos elementos do sintagma nominal ou da transferência de significado para o prefixo. Finalmente, os casos de mudança de classe gramatical dos termos (conversão).

Remissiva(s). Aqui registramos os termos remissivos que indicassem relação de antonímia, hiponímia ou hiperonímia com outros pertencentes ao mesmo subdomínio, como também aqueles incluídos na definição de um termo-entrada.

Fontes. Neste campo foram registradas informações referentes às fontes que serviram de base para a elaboração da definição, para a contextualização, informações linguísticas (notas linguísticas) e enciclopédicas (notas enciclopédicas) do termo descrito.

3. Macroestrutura do glossário

O modelo escolhido para a macroestrutura do Glossário foi o do arranjo alfabético linear das entradas, por entendermos ser este o formato mais familiar ao público-alvo. Compõem os textos externos (*textes externes, outside matter*)¹ do Glossário um prefácio, uma lista de abreviaturas usadas, dois índices remissivos, francês-português e inglês-português, a bibliografia, lista de páginas visitadas na Internet e lista de material de divulgação consultado.

4. Microestrutura do glossário

Tomando como base o trabalho de Farias (2001) e o Glossário de termos da moda (Farias, 2003), de onde extraímos o *corpus* para a compilação dos termos da língua de partida, decidimos manter no Glossário somente os termos que tivessem equivalência em, pelo menos, uma das línguas de chegada. Dessa forma, há alguns verbetes com apenas um equivalente.

A princípio, a microestrutura abstrata apresentava a seguinte organização, cuja base foi o modelo proposto por Barbosa (2001:39):

[Entrada (termo) + Enunciado lexicográfico (+ Paradigma informacional 1,
+ Paradigma definicional), +/- Paradigma pragmático 1, +/- Sinônimo(s),
+/-Remissiva(s) + Equivalente (s) em LC, + Paradigma informacional 2,
+/- Paradigma pragmático 2, +/- Nota(s), +/- Sinônimo(s), +/- Remissiva(s))]

1. Cf. WELKER 2004, p. 78.

Na preocupação de tornar mais fácil o acesso às informações por parte dos consulentes, que podem ser inclusive especialistas em Moda e que supomos estarem mais interessados nas equivalências, chegamos à seguinte microestrutura abstrata, depois de sucessivas modificações:

[Entrada (termo em LP) + Enunciado lexicográfico em LP (+ Paradigma informacional 1, +/- Variante gráfica + Paradigma definicional, +/- Paradigma pragmático 1 em LP, +/- Sinônimo em LP, +/- Remissiva em LP, Termo em LC 1+ Paradigma informacional 2 em LC 1, + Paradigma pragmático 2 em LC 1, +/- Variante gráfica em LC 1, +/- Paradigma pragmático 3, +/- Sinônimo em LC 1, +/- Remissiva em LC 1, +/- Nota em LC 1, Termo em LC 2 + Paradigma informacional 3 em LC 2, + Paradigma pragmático 4 em LC 2, +/- Variante gráfica em LC 2, +/- Paradigma pragmático 4, +/- Sinônimo em LC 2, +/- Remissiva em LC 2, +/- Nota em LC 2.)]

Com esse novo “programa constante de informação”⁴ foram feitas modificações quanto à sinonímia e às remissivas. No modelo original, aquele trazido em Farias (2003), a abreviatura de sinônimo aparece no verbete cuja entrada é o termo mais freqüente. Se este já tiver sido definido, remete-se o consulente para sua definição com a indicação VER.

A indicação Cf. é usada tanto para remeter a um termo que tenha relação de sentido, seja de antonímia, hiponímia, hiperonímia com outro, como para indicar que os termos estão incluídos na definição de outros.

No modelo utilizado no Glossário mantivemos a distinção entre Sin. e VER, sendo este último usado para os termos em que Cf. aparece em Farias (2003). Supomos que nosso consulente irá procurar a definição do termo no local para o qual foi remetido. O paradigma pragmático do sinônimo nas línguas de chegada aparece sempre que, para o equivalente em LP, só há uma entrada.

Vejamos como um verbete concreto está estruturado para melhor compreendermos as informações aqui discutidas.

biquíni s.m.s.

Calcinha com laterais médias e cós abaixo do umbigo, usada como peça do vestuário íntimo feminino. *E lá se vão 50 anos de <biquíni>. A peça criada pelo engenheiro mecânico Louis Reard no dia 18 de julho de 1946, ajudou a imortalizar no inconsciente coletivo a imagem de mulheres esculturais.* (World Fashion, 08/1996, p. 15). **Fr slip** n.m.s. *Le choix entre 5 soutiens-*

4. Cf. WELKER, 2004, p. 108.

gorge et 3 slips à assortir, pour tous les instants de vie. (La Redoute, Collection Printemps-Été 2002, p. 362). **En bikini** n.c. *Seamless stretch <bikini>*. (www.victoriasecret.com), acesso em 29/11/02. Syn. **bikini underwear** n.s. *Look for <bikini underwear> specially made for low pants.* (www.seventeen.com/fashion), acesso em 22/11/01.

No caso em que há sinônimo para o termo em LP e para seu equivalente em LC, não há necessidade do contexto para a sinonímia em LP, pois o sinônimo configura como entrada no Glossário. Vejamos abaixo:

baby-doll s.m.s.

Peça do vestuário íntimo feminino, formado por *short* e camiseta, usado para dormir. *Lindo baby! Lingerie noite preferida por nove entre dez jovens brasileiras, o short-doll é a versão revista e atualizada do velho <baby-doll>. A um só tempo ingênuo e sexy, ele não poderia ser mais sedutor.* (Manequim Lingerie, 03/1998, p. 29); Sin. **short-doll**. **Fr babydoll** n.m.s. *Charmant <Babydoll> en dentelle extensible. Très agréable à porter.* (www.cent-dessous-lingerie-fine.com), acesso em 26/12/02; Syn. **Pyjashort**. **En babydoll** n.c. *Sequin lace <babydoll>*. (www.lamode.com/catalogue), acesso em 29/12/02. Syn **sleep shorts**.

short-doll s.m.s.

Lindo baby! Lingerie noite preferida por nove entre dez jovens brasileiras, o <short-doll> é a versão revista e atualizada do velho baby-doll. A um só tempo ingênuo e sexy, ele não poderia ser mais sedutor. (Manequim Lingerie, 03/98, p. 29). Ver **baby-doll**. **Fr pyjashort** n.m.s. *Confortable, le <pyjashort>. Débardeur à manches raglantes. Short taille coulissée.* (La Redoute, Collection Printemps-Été 2002, p. 413); Voir **babydoll**. **En sleep shorts** n.c. *<Sleep shorts> Our price \$12.* (www.chadwickscatalogue.com), acesso em 27/11/02. See **baby-doll**

As notas constantes dos verbetes em Farias (2003) têm caráter linguístico e/ou enciclopédico. No Glossário em que as equivalências recebem atenção especial, optamos por eliminar as notas linguísticas e manter as notas enciclopédicas pelo caráter explicativo e conceitual. As notas são apresentadas em língua portuguesa. Vejamos, então, abaixo:

meia s.f.s.

Peça do vestuário confeccionada em tecidos variados, usada para adornar e/ou proteger os pés e/ou as pernas. *Meia fina. Náilons, sedas e tules tecem as <meias> deste inverno. Com risca na parte de trás das pernas como nos anos 40, rendas e bordados à la Mary Quant e arrastão, hit dos anos 70. Símbolos de desejo e sedução retornam nesta temporada calçadas em sandálias e sapatos de salto fino.* (Vogue Brasil, 06/97, p. 79). **Fr bas** n.m.s. *Grimpent*

alors sur les podiums <bas> noirs, porte-jaretelles, serre-taille, guêpières et autres bustiers à une époque ou bien des femmes ont jeté aux orties leur soutien-gorge. (www.absolufeminin.com), acesso em 22/03/02; **chaussette** n.f.s. *On garde la chemisette et la cravate, mais on remplace la <chaussette> par une socquette minus et les chaussures sont les mêmes, mais plates.* (20 ANS, septembre 1999).

Nota: Chama-se **bas**, a meia fina feminina que vai até o alto da coxa e **chaussette**, a meia curta, masculina ou feminina. **En sock** n.c. *Fashionistas often forget that a little leg goes a long way. And hosiery and cute <socks> are the best way to flaunt those long limbs.* (www.seventeen.com/fashion), acesso em 22/11/01. **stocking** n. c. *“Funky Bunch. Wide fishnets or lace <stockings> look so cool with season’s romantic, frilly, full skirts.”* (www.seventeen.com/fashion), acesso em 22/11/01.

Nota: Chama-se **stocking**, a meia fina feminina que vai até o alto da coxa.

Em Farias (2003) faz-se uma distinção entre os termos vernáculos e os empréstimos, indicando os primeiros pelo uso do negrito e os demais pelo negrito itálico. Isto foi modificado no Glossário, visto que essa distinção é secundária para o nosso provável consultante. Em Farias (2003), há a distinção entre sintagma nominal e substantivo, sintagma adjetival e adjetivo. No Glossário resolvemos usar apenas as classificações substantivo e adjetivo.

Ainda com relação à elaboração da microestrutura, as decisões quanto à formatação foram penosas. Que fontes escolher? Que critérios adotar para maiúscula e minúscula? Como diferenciar a definição do contexto? Fonte normal para um e itálico para o outro, com tamanhos de fonte diferentes? Contexto entre aspas? Quanto aos equivalentes: como realçá-los? Em negrito ou em caixa alta? Como distingui-los nas duas línguas de chegada: com fontes diferentes ou em cores diferentes? Talvez, com uma abreviação, anunciando que vai entrar outra língua !? Mas, como abreviar francês e inglês? Com duas ou três letras? Com relação às abreviaturas, as perguntas foram as mesmas tanto para as abreviaturas de sinônimo como para a variação gráfica. Para os termos remissivos, deveríamos escrever VER ou somente indicar com a letra V? Nas línguas de chegada seguiríamos o mesmo padrão?

Finalmente, depois de consulta à literatura pertinente, da observação cuidadosa de diferentes modelos de verbetes em glossários e dicionários monolíngues e bilíngues, após a experimentação de vários formatos, chegamos a um modelo que entendemos ter sido o mais apropriado para a disponibilização de informações e consulta por parte do nosso público-alvo.

Além das questões anteriormente mencionadas, uma grande dificuldade encontrada desde o início foi a de estabelecer as equivalências. Entre o português e o francês há, por exemplo, a

peculiaridade da semelhança entre as línguas, o que pode levar à seleção não apropriada dos equivalentes. Os falsos cognatos são um fenômeno para o qual se tem de atentar. Vejamos alguns exemplos. Temos a palavra **veste** em português e **veste** em francês que, apesar da aparência, não são equivalentes. Se não se atenta para a definição, para o contexto e, muitas vezes para a ilustração, foto ou esquema que os acompanham, pode-se incorrer num erro grave. Vejamos, então, o verbete:

veste s.f.s.

Peça do vestuário feminino semelhante a uma blusa, sem mangas e sem gola, amarrada por faixa ou *coulissé* na cintura. *A caminho do mar: <Veste> de algodão, Due Donne, 65 reais.* (Claudia, 11/99, p. 100). **Fr tunique** n.f.s. *On trouve aux Galeries Lafayette leurs /d' Alexandre et Mathieu/ tops en tulle rebrodés de pastilles de cuir rose, leurs jambières décorées d'étoile, leurs <tuniques> brodées de paillettes dorées sur lesquelles s'inscrit "EROS" en majuscules.* (www.absolufeminin.com), acesso em 12/05/02. **En vest** n.c. *Women's new city <vest>. \$ 85.* (www.cutterbuck.com), acesso em 07/11/04.

Quando se trata de empréstimos, toda a atenção é recomendável, pois o termo pode ser adotado na língua de chegada com uma acepção que, às vezes, difere totalmente da que tinha na língua de partida. São inúmeros os casos de empréstimos dessa natureza. Vejamos alguns: *chemisier, bustier, collant, camisole, caleçon, salopette* são ilustrativos do francês. Alguns não têm nenhuma equivalência, enquanto outros são apenas parcialmente equivalentes. Para determinados termos, a dificuldade está na abrangência do sentido.

Na primeira página do Glossário, dois termos demandaram um enorme tempo na busca das equivalências. Foram eles: **abrigo e agasalho**. São termos bem genéricos que, nos contextos em que apareciam, não nos davam a possibilidade de precisar seus equivalentes. Houve, então, a necessidade de buscas adicionais por contextos mais esclarecedores. Vejamos como ficou o verbete:

abrigo s.m.s.

Peça do vestuário destinada a manter o corpo aquecido e protegido contra o frio ou a chuva. <Abrigos>. *Os casacos e capas 7/8 deram um show bem ao estilo dos anos 60/70.* (Desfile, 03/2000, p. 95). **Fr survêtement** n.m.s. *Pour nous, l'amitié c'est sacré. Notre devise: 1 survêt. pour tous, tous pour un survêt. Adidas nous a entendus: 1 <survêtement>, 5 coloris!* (La Redoute, Collection Printemps-Été 2002, p. 599). **En coat** n.c.; **jacket** n.c. *Save 30%. Monterrey faux-fur <coat> is fabulous.* (Chadwick's, 1995, p. 19). <Jacket>. *Soft, sleek and very sexy. It has all the right moves.* (International Male, Fall 1996, p. 2).

Considerações finais

O Glossário trilingue de termos do vestuário (no prelo) foi, sem dúvida, uma obra que exigiu de suas autoras muito trabalho e muita preocupação. As preocupações eram, principalmente, relativas às decisões que tomamos para a constituição da nomenclatura. Vejamos de forma sumarizada algumas dessas decisões.

No Glossário, os termos e seus equivalentes, mesmo aqueles considerados “transparentes” nas línguas integram a nomenclatura. Os termos homógrafos também foram objeto de dúvida quanto à maneira de incluí-los. Resolvemos lematizar separadamente os termos que fossem semanticamente mais distantes, na tentativa de evitar a produção de verbetes muito longos.

Como o Glossário tem como base o glossário monolíngue de Farias (2003), tomamos a decisão de manter o paradigma definicional somente em português, a língua de partida. Na necessidade de explicações para o devido esclarecimento de nuances de sentido dos equivalentes, essas foram registradas nas notas. Dadas as características do público-alvo, as notas estão também em língua portuguesa, a língua materna da grande maioria dos consulentes e não foram incluídas informações sobre a pronúncia dos equivalentes. Mesmo entendendo ser importante a transcrição fonética em glossário multilingue, optamos em manter o modelo de verbete próximo ao de Farias (2003).

Para facilitar a localização dos termos equivalentes no interior da nomenclatura, o Glossário traz dois índices remissivos: francês-português e inglês-português.

Finalmente, gostaríamos de dizer que mesmo sendo a lexicografia prática uma tarefa árdua e susceptível a tantas críticas é, também, desafiadora e muito prazerosa. Essa arte tão solitária, que exige tomada de decisões tão difíceis a serem assumidas não nos priva da satisfação de ver uma obra concluída que, íntima e solitariamente, esperamos ser útil àqueles que dela farão uso.

Referências

ALVES, Ieda Maria. **Glossário de termos neológicos da economia**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998. (Cadernos de Terminologia, n. 3).

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p.23-45. (Cadernos de Terminologia, n. 1).

AUBERT, Francis Henrik. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1996. (Cadernos de Terminologia, n. 2).

FARIAS, Emilia Mara Peixoto e BEZERRA, Teresa Maria Frota. **Glossário trilingue de termos do vestuário**. No prelo.

FARIAS, Emilia Maria Peixoto. **Glossário de termos da moda**. Fortaleza: Editora UFC/Edições Sebrae/Ce, 2003.

FARIAS, Emilia Maria Peixoto. **A linguagem da moda no português contemporâneo**. 2001. 264f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

PAIS, Cidmar Teodoro. **Dicionário bilingue francês – português dos termos preferenciais da ecologia**, do Projeto UC-16/96 do Acordo USP/COFECUB, 1996. Mineo.(Palestra na UFC)

RONDEAU, Guy. **Introdução à la terminologie**. 2 ed. Québec: Gaëtan-Mourin. 1983.

WELKER, Herbet Andréas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

Páginas da Internet consultadas:

<<http://www.cutterbuck.com>>. Acesso em: 07 nov. 2004.

<<http://www.lamode.com/catalogue>>. Acesso em: 29 dez. 2002.

<<http://www.cent-dessous-lingerie-fine.com>>. Acesso em: 26 dez. 2002.

<<http://www.victoriasecret.com>>. Acesso em: 29 nov. 2002.

<<http://www.absolufeminin.com>>. Acesso em: 12 mai. 2002.

<<http://www.absolufeminin.com>>. Acesso em: 22 mar. 2002.

<<http://www.seventeen.com/fashion>>. Acesso em: 22 nov. 2001.

<<http://www.cutterbuck.com>>. Acesso em: 07 nov. 2004.

ADVÉRBIOS TERMINADOS EM -MENTE (L2) E EM -LY (L1): UM ESTUDO SOBRE CONDIÇÕES DE TRADUÇÃO DE MANUAIS DE QUÍMICA

Salete Moncay Cechin (AT-CNPq, AEQ/Inst. de Química - UFRGS)

Daviane Zottis Contini (IC-FAPERGS, TEXTQUIM/Inst. de Letras - UFRGS)

Maria José B. Finatto (Professora Inst. de Letras - UFRGS)

ABSTRACT

This paper is part of an interdisciplinary research carried out by UFRGS' Chemistry Education Department and TEXTQUIM Research Project which has studied cohesive and enunciative aspects in Chemistry textbooks. Aiming at tracing a profile of chemistry didactic texts in Portuguese, and considering that most of this material is translated from English, this work brings some results of a contrastive study on the frequency and functionality of adverbs ending in -mente (L2) and -ly (L1) carried out in two General Chemistry textbooks.

Keywords: Scientific-Technique Translation, Academic-Didactic Text of Chemistry, English-Portuguese Adverbs.

RESUM O

Em meio a uma pesquisa interdisciplinar entre a Área de Educação Química e o projeto TEXQUIM da UFRGS, observam-se aspectos coesivos e enunciativos em manuais acadêmicos de Química. Visando contribuir para que se obtenha elementos caracterizadores do perfil do texto acadêmico-didático de Química em português, fruto de tradução do inglês, trazemos aqui algumas observações sobre a incidência e funcionalidade de advérbios terminados em -mente (L2) e -ly (L1) em dois manuais de Química Geral contrastando texto-fonte e texto traduzido.

Palavras-chave: Tradução Científico-Técnica, Texto Acadêmico-Didático de Química, Advérbios Inglês-Português.

Introdução

Ao buscar reconhecer elementos caracterizadores do perfil do texto acadêmico-didático de Química, trazemos nesta comunicação alguns resultados de observações que temos feito sobre incidência e funcionalidade de advérbios em dois manuais de Química Geral (ATKINS, 2002 e MAHAN, 1995), ambos traduzidos do inglês (L1) para o português (L2).

A presença e funcionalidade de advérbios é um dos vários tópicos de investigação em pesquisa que vem sendo desenvolvida pela a Área de Educação Química (doravante AEQ-UFRGS) e o projeto TEXQUIM no Instituto de Letras da UFRGS. Essa pesquisa pretende identificar aspectos coesivos e enunciativos em um corpus em formato digital composto por várias modalidades textuais de Química. A observação de advérbios, aqui destacada, tem se mostrado relevante à medida que seu emprego é capaz de revelar especificidades da enunciação científico-didática.

Sendo a classe dos advérbios bastante ampla, centramos nossa análise, inicialmente, nos advérbios de modo terminados em *-mente* (L2) e em *-ly* (L1). Essa seleção deu-se não só pelo fato de haver grande incidência desses advérbios no nosso *corpus*, mas também em função dos advérbios em *-mente/-ly* dizerem respeito a um *modus dicendi* que nos interessa reconhecer. Além de alguns aspectos semânticos, foram também observados aspectos sintáticos do uso desses advérbios a fim de colhermos evidências sobre seu papel coesivo nos textos sob estudo. Nessa direção, presumimos que essa observação será capaz de apontar elementos importantes tanto sobre coesão quanto sobre a enunciação didática de Química.

Haja vista que a classificação dos advérbios em *-mente* disponível nas gramáticas tradicionais tende a ser limitada, visto não abranger toda uma gama de funções semântico-sintáticas, adotamos, como um ponto de partida para a nossa observação, uma classificação de advérbios cujo norte é a sua funcionalidade no texto. Essa classificação, detalhada na próxima seção, tem caráter instrumental e aproximativo. Salientamos, portanto, que a mesma não se pretende absoluta ou indiscutível. Afinal, qualquer classificação implica recorte e, por natureza, tende a ser redutora.

1. Corpus de estudo e metodologia

Como corpus para observação de advérbios, utilizamos capítulos de manuais de Química Geral que tratam do tema Termodinâmica¹ em L1 e L2. Os manuais utilizados foram:

- **Manual A:** *Princípios de Química, questionando a vida moderna e o meio ambiente* (ATKINS, 2002). Equipe de tradutores: Koiti Araki e Denise de Oliveira Silva (Professores Doutores do Instituto de Química da Universidade de São Paulo); Flávio Massao Matsumoto (Pesquisador, Dr., do Instituto de Química da Universidade de São Paulo). Contou com revisão de tradução por parte da editora.
- **Manual A':** *Chemical Principles, the quest for inside* (ATKINS, 2002b).
- **Manual B:** *Química, um curso universitário* (MAHAN, 1995). Equipe de tradutores: Ignez Caracelli (LaCrEMM - DQ - UFSCar); Julio Zulerman-Schpector (LaCrEMM - DQ - UFSCar); Camillo L. Robinson (LaCrEMM - DQ - UFSCar); Francisco C. D. Lemos (LaCrEMM - DQ - UFSCar); Regina Helena de Almeida Santos, (IQSC - USP); Maria Teresa do Prado Gambardella (IQSC - USP); Paulo Celso Isolani (IQ - USP); Ana Rita de Araújo Nogueira (EMPRAPA); Elma Neide V. M. Carilho (EMBRAPA).
- **Manual B':** *University Chemistry* (MAHAN, 1995).

Para verificação de ocorrências de advérbios em *-mente/-ly*, fizemos primeiramente um levantamento quantitativo simples com a ferramenta *Concord* da suíte de aplicativos *Wordsmith Tools² v.3*. Para a percepção qualitativa desses advérbios em tradução, realizamos o alinhamento dos textos em L1 e L2, contando com o auxílio parcial da ferramenta *Viewer & Aligner* do mesmo *software*. A partir dos contextos alinhados e dos dados quantitativos, observamos os advérbios de acordo com classificação a seguir detalhada.

1.1. Proposta de classificação para advérbios em *-mente/ -ly*

Para observar a funcionalidade dos advérbios de modo, conforme já referido, utilizamos uma tipologia como ponto de partida. Estabelecemos as seguintes categorias³:

Advérbio de Comportamento (AC): advérbios que determinam como algo acontece, o comportamento de alguma substância, etc.

Ex.: *Este valor é razoavelmente próximo do valor experimental de 10,1 J.K-1, um resultado que sugere que em $T = 0$ as moléculas encontram-se aleatoriamente em suas quatro possíveis orientações.* (Manual A)

1. A escolha do tema Termodinâmica, entre outros já observados, levou em consideração uma pesquisa realizada pela AEQ-UFRGS (SILVA, EICHLER, DEL PINO, 2003) com os professores do Instituto de Química da nossa Universidade. Esses professores destacam a importância desse tema para o ensino de Química Geral em nível de graduação.

2. Versão demonstrativa disponível para *download* em <http://www.oup.com/elt/global/isbn/6890/>

3. Algumas delas já havíamos utilizado em trabalho anterior (FINATTO, AZEREDO & EICHLER, 2003).

Advérbio de Comparação (ACo): advérbios derivados de palavras que estabelecem uma comparação entre dois ou mais elementos.

Ex.: *Para tal vamos começar com a Eq.(8.35), mas devemos manter inalteradas as pressões dos estados padrão, pois estas são definidas diferentemente para os gases e para as espécies em solução.* (Manual B)

Advérbio Terminológico Específico (ATE-e): advérbios derivados de termos utilizados somente em Química.

Ex.: *Na etapa final, o gás é, novamente, isolado termicamente de suas vizinhanças e comprimido adiabaticamente.* (Manual B)

Advérbio Terminológico Amplo (ATE-a): advérbios provenientes de termos usados na área da Química, mas que também são usados em outras áreas científicas.

Ex.: *Suponha que tenhamos fornecido 80,0 kJ de calor para um calorímetro aquecendo-o eletricamente e que observamos que a temperatura do calorímetro aumenta 8,40°C; então* (Manual A)

Advérbio de Frequência (AF): advérbios que indicam a frequência com que algo ocorre.

Ex.: *Vamos usar a informação da Tabela 6.4 e a entalpia de combustão do gás propano para calcular a entalpia de formação do propano, um gás que é frequentemente usado em acampamentos e em churrascos ao ar livre.* (Manual A)

Advérbio Quantificador (AQ): advérbios que indicam quantidade.

Ex.: *Como o nitrogênio tem cinco elétrons de valência, um destes orbitais híbridos estará duplamente ocupado (45).* (Manual A)⁴

Advérbio de Intensidade (AI): advérbios que indicam a força/intensidade.

Ex.: *A diferença na entalpia molar entre um sólido e um gás de íons extremamente separados é chamada de entalpia de rede do sólido, H^** (Manual A)

Advérbio Especificador (AE): advérbios que se referem a um elemento determinado, caracterizando-o especificamente.

Ex.: *Entretanto, se tomamos a mesma massa de água aquecemos até a fervura, vaporizamos, condensamos o vapor, e resfriamos a 60°C, a mudança global na energia interna deverá ser exatamente a mesma que antes.* (Manual A)

4. Como não foram identificados advérbios do tipo AQ nos capítulos sobre Termodinâmica, selecionamos, a fim de ilustração, um exemplo extraído do capítulo sobre Ligação Química do manual ATKINS (2002).

Advérbio de Restrição (AR): advérbios que restringem ou limitam alguma ação ou dizer.

Ex.: *Ainda que empurrar um pistão afete somente a energia translacional das moléculas de gás diretamente, colisões moleculares rapidamente asseguram que rotações são excitadas levando a estados de energia mais alta, de modo que as moléculas também armazenam energia interna nos seus modos rotacionais de movimento.* (Manual A)

Advérbio Opinitivo (AO): advérbios que demonstram uma posição do enunciador sobre o que fala.

Ex.: *Como veremos, a lei de Hess também permite obter facilmente dados de combustão para compilar informação sobre uma variedade de reações.* (Manual A)

Advérbio Temporal (AT): advérbios que indicam quando algo ocorre.

Ex.: *A substância de trabalho a qual nos referimos anteriormente é geralmente um gás, mas pode ser qualquer substância.* (Manual B)

Outros (OU): advérbios que parecem não se encaixar em nenhuma das categorias antes referidas.

Ex. *Assim, o H_f para o Br_2 e o I_2 gasosos serão iguais aos calores de vaporização e sublimação, respectivamente, a $25^\circ C$.*

Em um estudo anterior, já utilizamos essa mesma categorização. Contudo, durante a observação de advérbios, agora no tema Termodinâmica, inserimos a categoria **Advérbio de Conclusão (ACI)**. Essa categoria, ao englobar advérbios que indicam o fechamento de uma idéia ou ação, possibilitou uma redução significativa do grupo **Outros**. Como um exemplo de Advérbio de Conclusão temos o seguinte caso:

*Cada molécula terá um número maior de posições disponíveis ao ocupar um volume maior. **Consequentemente**, o gás terá um número maior de estados microscópicos associados a um dado estado do sistema, se compararmos com a situação em que o gás ocupava um volume menor.* (Manual B)

Todos outros exemplos foram extraídos dos capítulos sobre Termodinâmica dos manuais ATKINS (2002) e Mahan (1995).

2. Presença de advérbios em *-mente*/ *-ly* em Termodinâmica

Veja-se abaixo a incidência e a diversidade de advérbios em *-mente*/*-ly* no corpus sob estudo:

Tabela 1: Frequência e diversidade de advérbios em *-mente*/*-ly*.

	Total de advérbios	Advérbios diferentes	Total de palavras no capítulo sobre Termodinâmica
Manual A	313	94	36.207
Manual A'	314	111	36.752
Manual B	225	77	18.105
Manual B'	217	78	17.929

Nas duas tabelas a seguir, destacamos os advérbios com número de ocorrências igual a 10 ou mais:

Tabela 2: Advérbios com 10 ocorrências ou mais nos Manuais A e B.

ADVÉRBIO	Manual A	Manual B
diretamente	12	9
espontaneamente	10	11
exatamente	10	6
reversivelmente	13	7
simplesmente	4	14
somente	42	29

Tabela 3: Advérbios com 10 ocorrências ou mais nos Manuais A' e B'.

ADVÉRBIOS	Manual A'	Manual B'
directly	12	8
only	47	49
reversibly	14	10
spontaneously	10	11
thermally	11	3

Nas Tabelas 2 e 3 podemos perceber a maior incidência dos advérbios *somente* (42 ocorrências no Manual A e 29 no Manual B) e *only* (47 ocorrências no Manual A' e 49 no Manual B). A ampla incidência desses advérbios, tanto em L1 quanto em L2, pode indicar uma tendência a restringir-se mais o dizer nesses textos, ao menos no que diz respeito ao assunto Termodinâmica.

Ainda nas Tabelas 2 e 3, se compararmos as ocorrências de *somente* e *only* entre os Manuais A' e B' e suas respectivas traduções em L2 (Manuais A e B), notamos um equilíbrio entre o emprego de *only* no Manual A' e *somente* no Manual A. Por outro lado, a diferença entre as ocorrências de

somente e *only* entre os Manuais B e B' se destacam. Essa diferença pode sinalizar uma tendência a restringir-se menos o dizer em L2 do que em L1. Entretanto, ao confrontar os contextos de *only* na L1 com correspondente na L2, vimos que, além da opção de tradução de *only* por *somente*, houve também escolhas de tradução desse advérbio por *apenas*, *simplesmente* e *único(a)*.

Tabela 4: Opções de tradução do advérbio *only* nos Manuais A e B.

Opções de tradução de <i>only</i>	MANUAL A	MANUAL B
<i>somente</i>	38	23
<i>apenas</i>	1	12
<i>simplesmente</i>	0	3
<i>único(a)</i>	6	4

Num primeiro momento, essas outras escolhas de tradução de *only* (*somente*, *apenas*, *simplesmente* e *único(a)*) pareceram adequada. Contudo, ao compararmos os contextos dessas escolhas, percebemos que, no Manual B, as 3 traduções de *only* por *simplesmente* apresentavam problemas quanto ao escopo do advérbio em relação ao texto em L1. Isso é o que exemplificamos abaixo.

L1 - To demonstrate the second property of state functions, we need **only** consider a change in the state of an ideal gas from $P_1 = 1 \text{ atm}$, $V_1 = 22.4 \text{ L}$, $T_i = 273 \text{ K}$ to a final state in which $P_2 = 10 \text{ atm}$, $V_1 = 4.48 \text{ L}$, and $T_2 = 546 \text{ K}$. (Manual B')

L2 - **Simplesmente**, precisamos considerar uma mudança no estado de um gás ideal de $P_1 = 1 \text{ atm}$, $V_1 = 22,4 \text{ L}$, $T_1 = 273 \text{ K}$ para um estado final no qual $P_2 = 10 \text{ atm}$, $V_2 = 4,48 \text{ L}$ e $T_2 = 546 \text{ K}$, para demonstrarmos a segunda propriedade das funções de estado. (Manual B)

L1 - To measure ΔE , we need **only** carry out a reaction at constant volume and measure the heat evolved or absorbed. (Manual B')

L2 - Para medirmos o ΔE , **simplesmente**, precisamos realizar uma reação a volume constante e medir o calor liberado ou absorvido. (Manual B)

L1 - To decide whether a certain change of state is spontaneous, we have **only** to evaluate the accompanying free-energy change and apply Eq. (8.30). (Manual B')

L2 - Para decidirmos se uma dada mudança de estado será espontânea, **simplesmente**, temos que encontrar a variação de energia livre que acompanha o processo e aplicar a Eq.(8.30). (Manual B)

Nos contextos em L1, o advérbio *only* incide sobre os verbos auxiliares *to need* e *to have*, enquanto que nos contextos em L2, seja pela colocação do advérbio *simplesmente* entre vírgulas, seja pelo posicionamento desse advérbio na frase, *simplesmente* incide sobre toda a oração. Conforme observamos nos exemplos acima, essa troca de escopo faz com que um advérbio do tipo **AR** na L1 se transforme em advérbio do tipo **AO** na L2. Isso pode, naturalmente, alterar ou tornar confuso o sentido da frase em português.

Especificidades como essas, relacionadas ao escopo do advérbio, também foram detectadas em outros contextos, não sendo um fenômeno restrito aos **ARs**. Como exemplo disso, temos o caso do advérbio *automaticamente*:

L1 - First, assigning values to a few state functions (usually two or three) **automatically** fixes the values of all others. (Manual B')

L2 - Primeiro, atribuindo-se os valores para algumas poucas funções de estado (normalmente duas ou três), **automaticamente**, os valores para as demais funções se tornam constantes e definidos. (Manual B)

No caso acima, o escopo de *automatically* sobre *to fix* é bastante claro na L1. Contudo, na L2, o escopo do advérbio *automaticamente* parece incidir sobre a primeira oração. Isso torna a frase confusa e dificulta inclusive a nossa classificação do advérbio.

Outro aspecto digno de nota são os apagamentos e as inserções de advérbios em ambos manuais, com maior frequência no Manual B, sendo que tais apagamentos e inserções incidem sobre os advérbios do tipo **AR** e **AO**. São esses justamente os advérbios que restringem o dizer do enunciador ou que evidenciam sua opinião sobre o que é dito. Nesse sentido e lembrando que tanto autores quanto tradutores são especialistas de Química, vale registrar uma discordância interessante entre tradutores e autores.

2.1. Apagamentos *versus* inserções

Na quantificação de apagamentos e inserções de **ARs** e **AOs** nos manuais, obtivemos os seguintes dados:

Tabela 5: Apagamentos e inserções de **ARs** e **AOs** nos manuais.

		Manual A	Manual B
Inserção	AR	2	6
	AO	0	4
Apagamento	AR	3	7
	AO	0	5

Conforme podemos observar na Tabela 5, há casos de apagamentos e inserções de ARs em ambos manuais. Contudo, só foram encontrados apagamentos e inserções de AOs no Manual B. A seguir, exemplificamos casos de apagamentos e inserções de ARs e AOs.

- **Apagamentos e inserções de ARs nos Manuais A e B:**

Manual A

Apagamento:

L1: *The following remarks therefore apply only to translational and rotational motion.*

L2: *Os próximos comentários aplicam-se portanto aos movimentos translacional e rotacional.*

Inserção:

L1: *The internal energy is an extensive property, so it depends on the amount of substance.*

L2: *A energia interna é uma propriedade extensiva, portanto depende somente da quantidade de substância.*

Manual B

Apagamento:

L1: *Let us restrict our attention to changes that occur only at constant pressure.*

L2: *Vamos restringir nossa atenção às transformações que ocorrem à pressão constante.*

Inserção:

L1: *To distinguish between them, we need only say that work is energy transferred by virtue of a mechanical link between systems and surroundings, and heat is energy transferred due to a temperature difference.*

L2: *A única distinção entre uma forma de troca de energia e a outra é que a energia na forma de trabalho é transferida por meio de uma conexão mecânica entre o sistema e a vizinhança, enquanto que a energia na forma de calor somente pode ser transferida quando houver uma diferença de temperatura entre os mesmos.*

- **Apagamentos e inserções de AOs no Manual B:**

L1: *The enthalpy (H) defined by Eq. (8.9), is definitely a state function, since its value depends only on the values of E, P, and V.*

L2: *A entalpia (H) definida pela Eq.(8.9), é uma função de estado, pois seu valor depende somente dos valores de E, P e V.*

L1: *When a gas expands against an external force f_{ex} , it actually does work on the surroundings, so w , the work done on the gas, should be a negative quantity for this process.*

L2: *Assim, quando um gás se expande contra uma força externa f_{ex} , o sistema está realizando um trabalho sobre a vizinhança e w deve ser um número negativo.*

L1: *Note that the choice of the direction of the inequality results from realizing that for a compression, $V_2 < V_1$, the inequality must have the direction indicated. Thus we are able to conclude $<formula>$*

L2: *A escolha do sentido da desigualdade pode ser feita **facilmente** se lembrarmos numa compressão $V_2 < V_1$, a desigualdade apresentada está correta e podemos concluir que $<fórmula>$*

3. Síntese de resultados

A maior incidência de apagamentos e inserções, bem como problemas relacionados ao escopo do advérbio no Manual B, confirmam tendências antes verificadas em outros temas: enquanto o Manual A apresenta uma tradução mais literal, o Manual B tende a “interferir” mais no que é dito na L1. Essa interferência, vale frisar, é geralmente via apagamento de frases e/ou parágrafos e também pela síntese ou reformulação de frases.

Nesse quadro de observações, conforme afirma VERMEER (1994:8), “não existe ‘a’ tradução, mas somente uma valorização momentânea de um fenômeno como tradução X de qualidade Y. As traduções são, em cada caso, resultados individuais (com características específicas de grupos)”. Assim, podemos dizer que não existe uma tradução correta, pois cada tradutor irá fazê-la segundo suas ideias e sua visão de mundo. Em outras palavras, o texto de chegada será a visão do tradutor perante o texto de partida.

Desse modo, podemos inferir que um tradutor se apossou um tanto mais do texto na L1, chegando a modificar o sentido dos enunciados em alguns casos. Pela inserção e apagamento de advérbios restritivos e opinativos, que carregam uma carga de modalização muito importante, vemos como o tradutor restringe ou opina sobre o que é dito pelo autor na L1.

Quanto à incidência de advérbios opinativos e restritivos nos textos, o alto índice de advérbios do tipo **AR** pode ser um indicativo que o texto acadêmico-didático de Química Geral, pelo menos no recorte Termodinâmica, tem maior necessidade de restringir o que é dito.

No que se refere a apagamentos e inserções de advérbios do tipo **AO** vemos que geralmente o apagamento dá-se com os advérbios que NEVES (2000:245) denomina “advérbios asseverativos

afirmativos”. Nas suas palavras, advérbios que dizem sobre o “saber do falante”, caso dos advérbios *actually* e *definitely*. O fenômeno de apagamento desses **AOs** pode dar-se em função de que, nas ciências como a Química, haveria uma tendência do enunciador não opinar sobre o enunciado: o que é dito é tomado como verdade, sem a necessidade do enunciador asseverar o próprio enunciado.

Por outro lado, a incidência de **ARs** e **AOs** nos textos aqui estudados pode também apontar para uma provável maior dificuldade conceitual do tema Termodinâmica, o que faria com que o enunciador precisasse modalizar, restringir e opinar sobre o que é dito. Contudo, para comprovar tal suposição, há a necessidade de comparar resultados obtidos em Termodinâmica com observações em outros capítulos/temas desses manuais.

Por último, vale registrar que o contraste e análise dos contextos em L1 e L2 evidenciaram problemas ou peculiaridades quanto ao escopo dos advérbios, conforme destacamos anteriormente nos contextos de *simplesmente* e *automaticamente*. Muitas vezes, a simples mudança de colocação do advérbio na frase ou o emprego do advérbio entre vírgulas altera o escopo do advérbio. Isso, por consequência, repercute sobre sua funcionalidade, podendo produzir até comprometimento de sentido de leitura.

5. Considerações finais

Embora instrumental, nossa classificação para advérbios em *-mente/-ly* mostrou-se satisfatória tanto para o estudo da sua presença nos textos, quanto para a observação da sua tradução, além de ter auxiliado o contraste L1 e L2, sobretudo no que se refere ao escopo da adverbialização.

Um elemento importante observado é que o tradutor, ao alterar a adverbialização, pode estar fazendo modificações significativas no teor do texto sob exame. A intervenção do tradutor pode ser “facilitadora de compreensão” ou pode resultar em dificuldades de compreensão para os seus leitores, estudantes iniciantes de graduação. Há que se considerar a possibilidade e as consequências didáticas de casos de apagamentos e inserções em enunciados que contenham explicações fundamentais sobre determinados conceitos de Química.

Este estudo, na sequência de anteriores, confirma a tendência de uma maior literalidade na tradução do Manual A frente à maior interferência dos tradutores sobre o texto do Manual B. Nesse sentido, podemos dizer que, pelo menos do ponto de vista da tradução de advérbios, o Manual A parece apresentar melhor qualidade que o Manual B. Contudo, isso não significa que o texto do

Manual A seja globalmente superior ao do Manual B, visto que, em outros aspectos já analisados, o Manual A também exibiu problemas em aspectos coesivos e de tradução.

Ao deter-se sobre o uso e tradução de advérbios em *-mente/-ly*, este trabalho mostrou que a observação quantitativa e qualitativa de tais elementos realmente contribui para uma percepção da coesão, da enunciação e de condições de tradução do texto de Química. Confirma-se, assim, plenamente, a importância dos advérbios como tópicos de pesquisa em um corpus como o nosso.

Referências

ATKINS, Peter; JONES, Loretta. **Chemical Principles, The Quest for Insight**. First Printing. United States of America: Ed. Freeman, 1998.

ATKINS, Peter; JONES, Loretta. **Princípios de Química, questionando a vida moderna e o meio ambiente**, 1.ed, Porto Alegre: Artmed, 2001.

FINATTO, MARIA JOSÉ B.; AZEREDO, SUSANA DE; EICHLER, MARCELO L. Caracterização Coesiva e enunciativa do manual de Química Geral: um estudo interdisciplinar de um corpus textual. **Anais do II Encontro Nacional de Ensino de Línguas e XVII Semana de Letras da UCS, de 8 a 11 de setembro de 2003**. UCS, Caxias do Sul.

MAHAN, Bruce M. & MYERS, Rollie J. **Química, um curso universitário**, 4.ed, São Paulo: Edgard Blücher, 1995.

MAHAN, Bruce M.; MYERS, Rollie J. **University Chemistry**. Forth Edition. United States of America: World Student Series Edition, 1987.

NEVES, MARIA HELENA DE MOURA. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

SILVA, S. M.; EICHLER, M. L.; DEL PINO, J. C. As percepções dos professores de Química geral sobre a seleção e a organização conceitual em sua disciplina. **Química Nova**, Agosto, 2003, v. 26. n. 4 p.585-594.

VERMEER, Hans. El mundo como proceso-reflexiones traslatológicas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 24 (1) 5-18 (tradução de Célia Mastín de Leon), 1994.

A TRADUÇÃO DE ITENS LEXICAIS NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE ONTOLOGIAS BILÍNGUES DE DOMÍNIOS ESPECIAIS¹

Claudia Zavaglia (Universidade Estadual Paulista – UNESP/IBILCE)

Maria Amélia Quiozini (Universidade Estadual Paulista – UNESP/IBILCE)

Monique Lopes Ferraresi (Universidade Estadual Paulista – UNESP/IBILCE)

ABSTRACT

In this paper, we deal with the translation of lexical items based on the ontology design process of restricted domains, i. e., the Ecology of Populations. We have adopted a computer-based model in a bilingual perspective (Portuguese-Italian). In this work, we use the theoretical model of the Generative Lexicon in which the Qualia Structure plays an important role in the formalization and in the structure pattern of the linguistic data of the proposed model.

Keywords: Ontology, Lexical Knowledge Base, Natural Language Processing, Ecology.

RESUM O

Neste artigo, tratamos da tradução de itens lexicais no processo de delineamento de ontologias de domínios restritos, no caso, a Ecologia de Populações, com vistas ao tratamento computacional, em uma perspectiva bilíngue (português-italiano). O presente trabalho baseia-se no modelo teórico do Léxico Gerativo no qual a Estrutura Qualia desempenha um papel fundamental na formalização e estruturação dos dados linguísticos do modelo proposto.

Palavras-chave: Ontologia, Base Lexical de Conhecimento, Processamento Natural da Linguagem, Ecologia.

1. Pesquisa financiada pela FAPESP - Fundação de Amparação à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Introdução

Uma base de dados semântica constitui um repositório lexical fundamental como fonte de Reservas e Recursos Linguísticos para os estudos do Processamento das Línguas Naturais (PLN), máxime se bilíngue ou multilíngue. De fato, a informação semântica é indispensável para programas que analisam e decodificam textos em língua natural. A elaboração de uma base léxico-ontológica bilíngue (português-italiano) que possua informações de natureza morfossintática, semântica, ontológica e *Qualia* torna-se essencial para que expedientes linguísticos das mais variadas espécies possam ser utilizados e recuperados em Sistemas de Processamento de Línguas Naturais (SPLN), tais como a Tradução Automática, a Recuperação da Informação, a Web Semântica, os Motores de Busca.

1. Objetivos

O presente trabalho objetiva apresentar uma proposta de elaboração de uma Base de Dados Lexicais e a elaboração de uma ontologia especializada para o subdomínio da Ecologia de Populações numa perspectiva bilíngue português e italiano.

A partir dos itens lexicais terminológicos extraídos de um *corpus* específico que foi especialmente elaborado para tal fim, temos como escopo estruturar essa ontologia em classes e subclasses, além de especificar as relações semânticas que os itens mantêm entre si. Esses itens lexicais são etiquetados manualmente e contêm informações morfossintático-semânticas concernentes à Estrutura *Qualia* do Léxico Gerativo de Pustejovsky (1995), como detalhado em Zavaglia (2002).

2. Embasamento teórico para uma Base Léxico-Ontológica Bilíngue (Português-Italiano)

No âmbito computacional, os termos *genus* e *differentia*, emprestados de Aristóteles, foram introduzidos por Amsler (1980), a partir do momento em que toda definição de uma entrada lexical (ou *definiendum*) de um dicionário padrão, segundo o autor, pode ser analisada como uma sequência constituída por um termo indicador do *genus* e por outro, indicador da *differentia*. Por taxionomia entende-se “palavras baseadas em relações específicas existentes, geralmente, entre o *definiendum* e o *genus terminus* em uma definição lexicográfica padrão” (CALZOLARI et al., 1991).

Para Zavaglia (2002:166):

Os modificadores do *genus terminus* têm papel importante e fundamental na decisão do conceito da entrada lexical. De fato, eles constituem as *differentiae* da definição e oferecem indícios de significação que delimitam o conceito no interior da definição expresso pelo *genus terminus*.

Segundo Calzolari et al. (1993), com base em sua natureza, o *genus terminus* é distinto em três modos: “pleno”, “vazio” e “semi-vazio”, cujas relações de sentido são:

- a) relação “parte de” (componente, elemento, fatia, parte...);
- b) relação “conjunto de” (classe, coleção, comunidade, família...);
- c) relação “tipo de” (forma, gênero, espécie, tipo, variedade).

Alguns tipos de relações semânticas e seus princípios são muito importantes para o modelo semântico proposto, dado que o significado de cada item lexical estrutura-se a partir das relações semânticas que o conceito desse item lexical mantém com outro item lexical. Com efeito, Zavaglia (2002:175-76) diz que se entende

Hiponímia e hiperonímia (conhecidos também por termos “subordinados e superordenados” ou “subconjunto e superconjunto”, respectivamente) como sendo um tipo de relação semântica existente entre significados. Um hiperônimo, ou lexema superdotado, é também chamado de arquilexema. Esse tipo de relação é conhecido como “IS-A” ou “é um, é uma”.

Para Picoche (1992:98), uma classe A (ex. cadeira) e uma classe B (ex. assento) estão em uma relação tal que a extensão da primeira é uma parte da segunda, respectivamente, *uma espécie e gênero*. Assim, *assento* tem extensão maior do que *cadeira*, uma vez que possui um número superior de características comuns (semas ou traços pertinentes). Acrescenta ainda que entende a relação de sinonímia como “duas ou mais palavras são sinônimas quando pertencem à mesma classe, ou seja, quando compartilham o mesmo semema (mesmo gênero próximo e as mesmas diferenças)” (PICOCHÉ, 1992:99).

2.1. O Léxico Gerativo (LG) de Pustejovsky

Em *The Generative Lexicon*, Pustejovsky investiga a interação do significado da palavra e sua composicionalidade apresentando uma nova perspectiva de como representar a ambiguidade lexical tanto em modelos teóricos quanto em modelos computacionais; o princípio fundamental que rege

essa abordagem é de que existem diversos modos de se caracterizar os múltiplos significados das palavras. Segundo Pustejovsky, Semântica Lexical é o estudo de como e o que as palavras de uma língua denotam. De fato, as teorias do estudo da semântica de uma língua não têm dado muita importância ao uso criativo de palavras em contextos novos, tampouco a uma apreciação dos modelos semântico-lexicais baseados na composicionalidade (ZAVAGLIA, 2002).

Para Pustejovsky (1995:5), os maiores problemas da semântica lexical são: i) explicar a natureza polimórfica da língua; ii) caracterizar a “semanticalidade” [*semanticality*] da expressão de uma língua natural; iii) resgatar o uso criativo de palavras em contextos novos; iv) desenvolver a representação semântica co-composicional.

Segundo o autor, essas questões são importantes para pesquisas que envolvem a elaboração de ferramentas computacionais para a lexicografia bem como para a elaboração de vastos bancos de dados lexicais. Além disso, um léxico gerativo é caracterizado como um sistema computacional que envolve os seguintes níveis de representação:

- Estrutura Argumental (que se divide em Argumentos Verdadeiros, Argumentos *Default*, Argumentos Sombra e Adjuntos Verdadeiros);
- Estrutura de Evento que caracteriza o título de evento de um item lexical que pode conter uma estrutura de subevento, tal como: temporalmente ordenados, completamente simultâneos e basicamente simultâneos;
- Estrutura *Qualia* e
- Estrutura de Herança Lexical.

Outrossim, sugere a idéia de “evento nuclear” que serve para indicar o subevento mais relevante na Estrutura de Evento de um predicador, além de revelar que a Estrutura *Qualia* é a representação que dá força relacional ao item lexical, especificando 4 papéis essenciais para o significado de uma palavra (ou *Qualia*²), a saber:

- Constitutivo ou Partes Constituintes (*Constitutive*), i.e., aquele que exprime a relação entre um objeto e suas partes constituintes;
- Formal (*Formal*), ou seja, aquele que identifica o objeto em um domínio mais amplo;
- Télico (*Telic*), aquele que expressa a finalidade e a função do objeto;
- Agentivo (*Agentive*), i.e., aquele que considera fatores envolvidos na origem do objeto.

2. Entende-se que, para Pustejovsky, *Qualia* é sinônimo de "significado de uma palavra" (word's meaning).

Cada um dos quatro papéis *Qualia* é representado como uma relação que está em alternância com o topo da hierarquia de outras relações específicas, representando os subtipos de informação de um dado *Quale*. Essa hierarquia nos quatro papéis *Qualia* é chamada de Conjunto de *Qualia* Ampliado (*Extended Qualia Set*) descritas em Lenci (1999) a partir do Projeto SIMPLE (*Semantic Information for Multifunctional Plurilingual Lexica*). Para cada um dos quatro papéis *Qualia* foi especificado um Conjunto de *Qualia* Ampliado, ou seja, foram especificados subtipos de um dado papel *Qualia* que são coerentes com a sua interpretação. Cada papel da Estrutura *Qualia* possui, até o momento, as seguintes relações semânticas no Conjunto de *Qualia* Ampliado, como postula Zavaglia (2002):

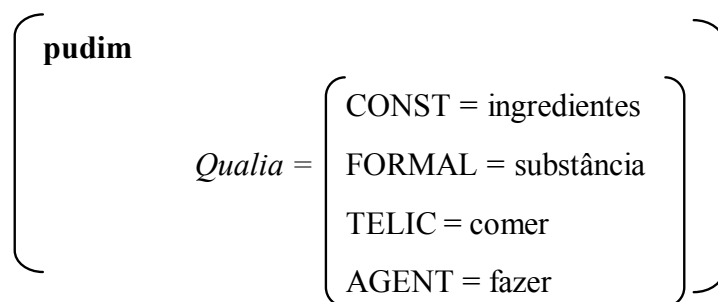
FORMAL <é_um>; <é_um_sinônimo>; <é_um_antônimo>

CONSTITUTIVO <é_um_membro_de>; <contém>; < quantifica>; < vive_em>; <atividade_constitutiva>; <está_em>; <tem_como_cor>; <tem_como_membro>; <feito_de>; < produzido_por>; < é_parte_de>; < propriedade_de>; < medido_por>

TÉLICO <é_uma_atividade_de>; < objeto_da_atividade>; < é_a_habilidade_de>; < usado_para>; < usado_por>; < destinado_a>; < usado_contra>

AGENTIVO <experiência_agentiva>; <resultado_de>; <origem>; <derivado_de>

Dada a suposição de que múltiplas dimensões do significado são necessárias para começar a caracterizar unidades lexicais em um nível semântico, a Estrutura *Qualia* tem sido utilizada³ como um dos princípios cruciais de organização para a representação e interpretação do significado lexical de uma frase em sistemas computacionais de complexidade variada. De fato, ela é capaz de suprir o vocabulário básico para expressar aspectos diferentes do significado lexical (*word-meaning*). O objetivo geral é ir além de uma hierarquia dimensional, resgatando, assim, o padrão de relações de hiponímia e hiperonímia. Os quatro papéis essenciais da Estrutura *Qualia* representam as dimensões múltiplas do significado lexical. Vejamos o exemplo do item lexical “pudim”, como demonstra (ZAVAGLIA, 2002):



3. Um exemplo da utilização da Estrutura *Qualia* como representação do significado pode ser visto em Hathout (1996) onde estão as especificações da elaboração de uma base de conhecimento lexical para o domínio da química, na qual as informações específicas das entidades desse domínio correspondem ao papel Formal da Estrutura *Qualia*.

2.2. Ontologias

Notamos atualmente uma popularização das ferramentas para a criação e o armazenamento de documentos em meios digitais, que permitiu assim, um rápido crescimento da quantidade de documentos armazenados em bases de informação. Contudo, a disponibilização de sistemas que contivessem ferramentas necessárias para o tratamento adequado dessa base de documentos não acompanhou esse crescimento. Desta maneira, ainda hoje nota-se certa carência em relação a ferramentas que realizem diferentes funções relacionadas ao tratamento de documentos digitais, tais como: classificação e recuperação automática de documentos. Inúmeras pesquisas buscam diminuir essa defasagem. Entretanto, a maior parte delas aborda o tratamento de documentos apenas sob o ponto de vista sintático e estrutural. Poucos (ainda) se baseiam em aspectos semânticos na realização de suas tarefas, levando em consideração o trabalho árduo que é o tratamento semântico. Nota-se que ferramentas baseadas puramente nos aspectos sintáticos tendem a serem pouco flexíveis, além de possuírem um alcance limitado, tornando-se assim necessária a junção de aspectos semânticos nas ferramentas com o intuito de produzir sistemas mais poderosos. (DAMASCENO et al., s.d.)

A base de conhecimento proposta por Ortiz (2002) é de uma natureza diferente da proposta por Martin Mingorance (1993). Essa última proposta contempla-se como sendo um depósito de conhecimento enciclopédico que considera o conhecimento léxico e o conhecimento de mundo. Já Ortiz (2002) propõe a utilização de ontologias como sendo um recurso de apoio à informação contida em bases lexicais baseadas em conhecimento.

Para Gruber (1993), ontologias compartilham e reutilizam o conhecimento de mundo. Com efeito, segundo o autor: “o termo ontologia significa uma especificação de conceitos, isto é, uma ontologia é uma descrição formal dos conceitos e das relações existentes entre estes em um determinado domínio” (*apud* BRAGA et al., 2002). Para esse mesmo autor, “um corpo de conhecimento formalmente representado está baseado em uma conceitualização: os objetos, conceitos, e outras entidades que são supostas a existir em alguma área de interesse e as relações que as ligam” (*idem*, 1993:2). A conceitualização seria algo abstrato, uma visão simplificada do mundo que possui algum propósito. Segundo a sua natureza, as ontologias podem ser classificadas em dois grandes tipos: Ontologias Genéricas que buscam representar o senso comum de uma comunidade sócio-linguística, na medida em que representam o conhecimento enciclopédico existente de maneira intrínseca nesse grupo linguístico e Ontologias Específicas que buscam representar o consenso de um grupo linguístico de especialistas de uma área restrita e especial, uma vez que representam o conhecimento terminológico existente de maneira contundente nesse grupo linguístico.

No que diz respeito aos modos de construção de ontologias são levados em consideração dois tipos de elaboração: (i) a abordagem *Top-Down* que define primeiramente os conceitos do senso comum e, em uma segunda etapa, abarca o conhecimento especializado; (ii) a abordagem *Bottom-Up* que parte de um número pré-definido de bases especializadas para, em seguida, integrar os conceitos gerais que fazem parte do senso comum.

A taxonomia mais comum de uma ontologia é a do tipo hereditária em que classes e subclasses mantêm relações hierárquicas em forma de árvores, vejamos:

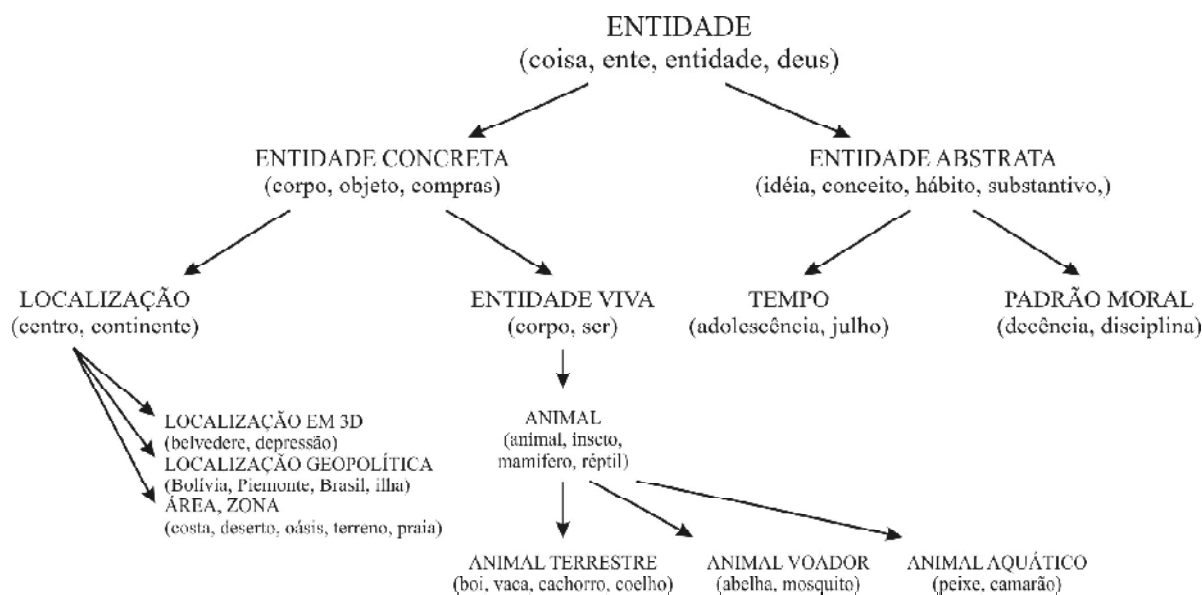


Figura 1: Exemplo de parte de uma Ontologia Geral

Por meio desse exemplo de categorias arbóreas, a taxonomia hierárquica se verifica a partir do momento em que temos axiomas do tipo: (i) Todo animal terrestre é um animal, que por sua vez, é uma entidade viva, uma entidade concreta e uma entidade: *um cachorro é um animal, ser vivo e concreto* e (ii) Toda área é uma localização, que por sua vez, é uma entidade concreta e é uma entidade: *uma praia localiza-se em uma cidade que é uma entidade concreta*.

Os membros de uma mesma classe ou subclasse carregam algumas propriedades em comum: na subclasse “animal terrestre”, por exemplo, seus membros “boi”, “cachorro”, “coelho” possuem patas, andam, não falam; propriedades em comum são, portanto, herdadas pela inserção de uma palavra em uma ou em outra classe.

Ressaltamos que, atualmente, no campo do PLN, principalmente em Sistemas de Bases de Conhecimento Lexical, é consensual a inclusão desse tipo de repositório semântico, isto é, do tipo ontológico para a representação do significado. Existe a necessidade de se oferecer de forma

estruturada e organizada um léxico comum utilizado em conformidade por uma determinada comunidade. O uso de ontologias tem sido amplamente empregado em representações do conhecimento de domínios restritos, máxime para sistemas de busca de informação e indexação de documentos, para os quais a sua aplicação pode ser mais eficaz por tratar, justamente, de conjuntos léxicos de número finito. Em uma Base de Conhecimento Lexical – BCL, por exemplo, o uso de uma ontologia pode servir como recurso de apoio à informação contida no repositório lexical dessa base para ser possível resgatar o significado de um item léxico de forma unívoca. De fato, os recursos linguístico-classificatórios, que a utilização de uma ontologia pode oferecer para um linguista e/ou lexicógrafo, servem para que ele possa dar conta de individualizar univocamente, dentre os diversos significados ou diversas acepções atribuíveis a um mesmo item lexical, o significado pertinente no interior do feixe de sentidos polissêmicos que a palavra comporta, neutralizando, dessa maneira, a polissemia própria a esse mesmo item lexical. Dito isso, a utilização de uma ontologia em Bases lexicais computacionais é primordial, principalmente para bases bilíngues português-italiano, como é o caso da Base Léxico-Ontológica Computacional Bilíngue (BLOCB-Eco) que ora propomos.

2.3. Tradução

Em relação à tradução dos itens lexicais, tratando-se de uma tradução técnico-científica que, aparentemente, podemos considerar como um tipo de automatismo de pequeno ajuste lexical, utilizamos a abordagem de Aubert (1984) que trata das modalidades tradutórias. Segundo o autor:

Convém ressaltar que tais modalidades não devem ser interpretadas como procedimentos de tradução. (...) Ressalta-se, também, que o termo modalidade não pretende necessariamente designar o produto de uma reflexão ou opção invariavelmente consciente por parte do tradutor, pois deverá abarcar não apenas as transmutações culturais, como também os aparentes automatismos dos pequenos ajustes gráficos, lexicais, morfológicos e sintáticos. (AUBERT, 1984, p.73)

Esse modelo descrito por Aubert decorre da proposta de sistematização das modalidades tradutórias sugeridas inicialmente por Vinay e Darbelnet (1958), e retomada apenas por Vinay (1968) com algumas modificações. Nestes últimos trabalhos citados, as modalidades são concebidas numa escala, desde uma tradução dita de “grau zero” até aquela que chega ao ponto de renunciar à equivalência, limitando o intraduzível. (AUBERT, 1984:74)

Assim, segundo o autor, as modalidades dividir-se-iam em duas grandes categorias: a tradução direta (que engloba três procedimentos básicos: o empréstimo, o decalque e a tradução literal) e a tradução oblíqua (que compreende a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação).

2.3.1. Tradução Direta

- O **empréstimo** seria uma transcrição de um segmento do original
Exemplo: “software”, “feedback”, etc.
- No decalque, o termo na língua estrangeira ou, língua de partida, passaria a ser inserido no sistema fonológico, grafológico e morfológico da língua de chegada “disfarçado”.
Exemplo: performance (Ingl.) – performance.
- Já a tradução literal entender-se-ia como “o reconhecimento de uma coincidência formal, seja porque as palavras são as mesmas, ou porque são paralelas e as estruturas comparáveis” (Vinay *apud* Aubert, 1984, p.74).
Exemplo: *Elle s'appelle Marie* (Fr.) – Ela se chama Maria

2.3.2. Tradução Oblíqua

- A transposição implicaria numa alteração da forma lexical e/ou gramatical.
Exemplo: *output block* (Ingl.) – bloco de saída
- A modulação provocaria um deslocamento em nível semântico e/ou estilístico, sem produzir uma mensagem de sentido situacional diferente.
Exemplo: *good evening* (Ingl.) – boa noite.
- A equivalência também resultaria de uma mudança de ponto de vista, contudo chega a ponto de restar apenas a observação a nível situacional para determinar a existência de uma equivalência textual.
- E a adaptação que atingiria o limite do intraduzível, representando apenas um certo grau de semelhança entre duas situações.
Exemplo: *baguette* (Fr.) – bengala (de pão). (AUBERT, 1984:74-75)

Em nosso trabalho, os métodos empregados, segundo a teoria de Aubert (1984), foram a tradução literal predominantemente, que se encontraria na categoria de Tradução Direta, e a tradução por equivalência, que se encontraria na categoria de Tradução Oblíqua.

Na busca por equivalentes na Língua de Chegada (L2), dividimos o processo tradutório dos itens lexicais em dois grandes grupos: (I) quando existe a correspondência entre a Língua de Partida (L1) e L2 e os itens são traduzíveis e totalmente correspondentes nas duas línguas e (II) a não correspondência entre L1 e L2.

(I) No primeiro grupo, encaixam-se as seguintes possibilidades:

- a. Os itens lexicais são equivalentes em todos os níveis textuais como o morfológico, o sintático e o semântico.

L1	L2
Espécie	<i>Specie</i>
Indivíduo	<i>Individuo</i>

- b. Alguns itens lexicais são equivalentes semanticamente, mas necessitam do “acréscimo” de certos elementos, tal como:

L1	L2
Método de Marcação e Recaptura	<i>Metodo di cattura-marcaturation-ricattura</i>

- c. Os itens lexicais apresentam duas possibilidades tradutórias em L2 que se equivalem semanticamente, caracterizando-se como sinônimos.

L1	L2
Taxa de Natalidade	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Tasso di Natalità</i> • <i>Quoziente di Natalità</i>

- d. Os itens lexicais são equivalentes nos níveis textuais sintático e semântico, contudo possuem diferença morfológica.

L1	L2
(A) Amostra	<i>(II) Campion</i>

(II) No segundo grupo, temos:

- a. Quando os itens lexicais da língua de chegada não possuem uma correspondente semântica equivalente àquela da língua de partida. Nesse caso, optamos pela equivalência zero, uma vez que definições e sugestões de equivalentes técnicos podem incorrer em inadequações.

L1	L2
Maninhos de Serpentina	-----

3. Considerações Finais

Como resultados finais, obtivemos uma ontologia bilingue do subdomínio Ecologia de Populações e todos os termos etiquetados, definidos e traduzidos, com os papéis *Qualia* preenchidos, como podemos observar no exemplo a seguir:

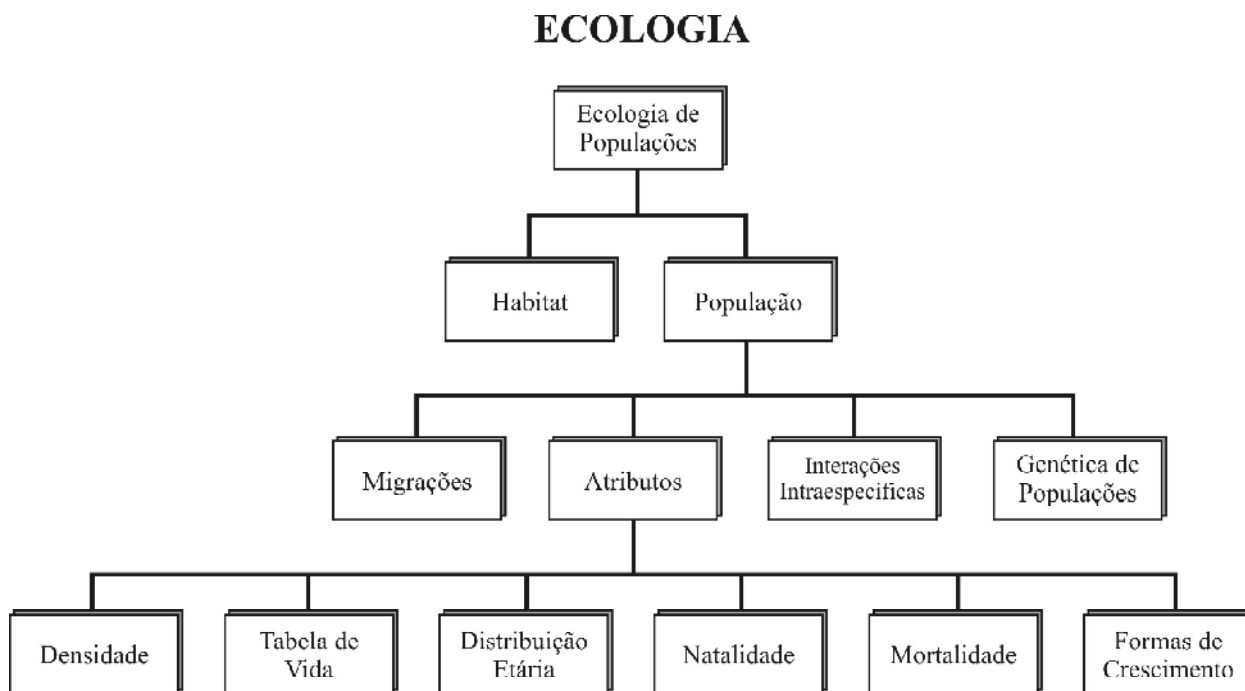


Figura 2: Ontologia da Ecologia de Populações em Língua Portuguesa.

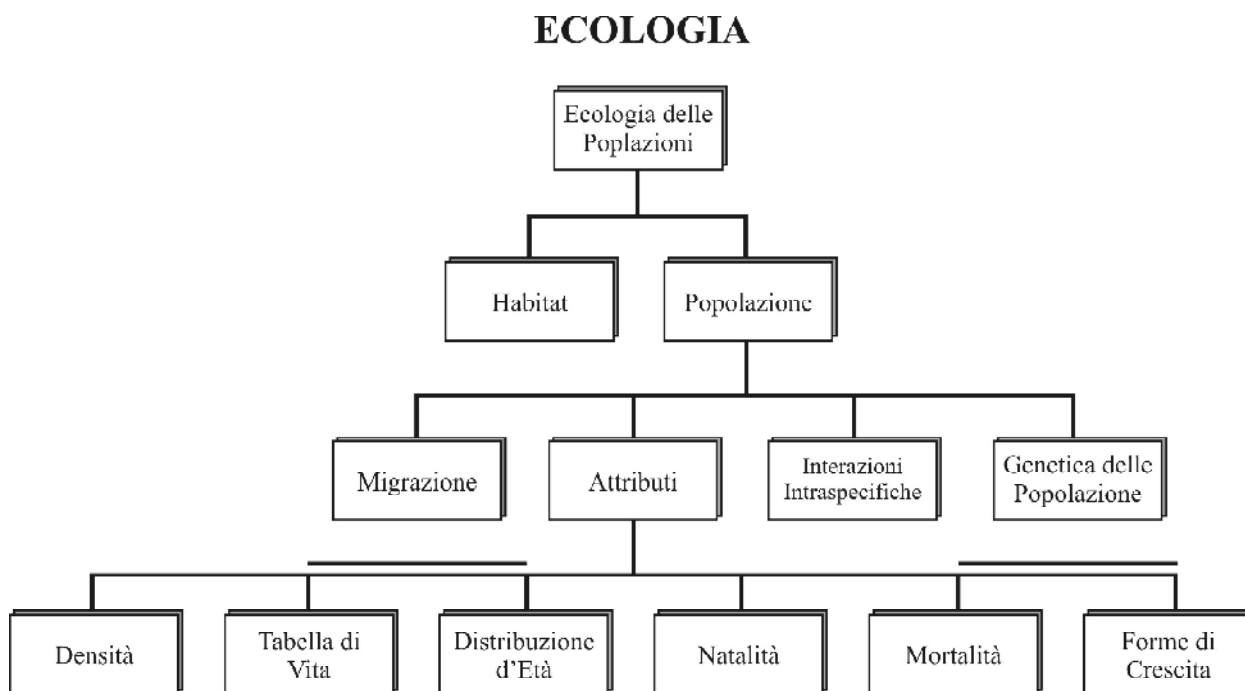


Figura 3: Ontologia da Ecologia de Populações em Língua Italiana.

Vejam, a seguir, o exemplo de um item lexical com todos os seus campos de significação preenchidos:

Fronteira Natural

SemU:	<fronteira_natural>
Tipo:	[Habitat]
Supertipo:	[Ecologia de Populações]
Domínio:	<i>Ecologia</i>
Formal:	<i>é um</i> (<fronteira_natural>,<limite>)
Agentivo:	<Nil>
Constitutivo:	<i>produzido_por</i> (<fronteira_natural>,<natureza>) <i>feito_de</i> (<fronteira_natural>,<acidente_geográfico>) <i>feito_de</i> (<fronteira_natural>,<rio>) <i>feito_de</i> (<fronteira_natural>,<montanha>) <i>está_em</i> (<fronteira_natural>,<natureza>)
Télico:	<i>destinado_a</i> (<fronteira_natural>,<limitar>)
Glossário:	<i>Limite imposto por um acidente geográfico, como rio, montanha, etc.</i>
Exemplo:	<i>As fronteiras de uma população podem ser as naturais, impostas pelos limites geográficos de um hábitat.</i>
PDD:	NOME
MORFOL:	FEM SING
SemU_syn	<Nil>
SemU_ant	<Nil>
Equiv_It	<i>Frontiera naturale</i>

Tabela 1: Modelo de um item lexical que contém informações morfosintáticas, semânticas e a tradução para a Língua Italiana.

Contamos então, até o momento, com uma ontologia formada por 13 classes e subclasses, além dos 120 termos.

Em seguida listamos alguns dos termos bilíngues com os quais trabalhamos. Vejamos:

Português	Morfo	Italiano	Morfo
Agregação	subst., fem., sing.	Aggregazione	subst., fem., sing.
Densidade	subst., fem., sing.	Densità	subst., fem., sing.
Espécie	subst., fem., sing.	Specie	subst., fem., sing.
Indivíduo	subst., masc., sing.	Individuo	subst., masc., sing.
Maninhos de Serpentina	subst., masc., pl.	Area Improduttiva	subst., masc., pl.
Método de marcação e recaptura	subst., masc., sing.	Metodo di cattura marcatuaraicattura	subst., fem., sing.
População	subst., fem., sing.	Popolazione	subst., fem., sing.

Tabela 2: Itens lexicais em português e em italiano.

4. Referências

ALMEIDA, G. M. de B. **Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT):** uma aplicação. Tese de Doutorado. Araraquara, 2000.

AUBERT, F. H. Descrição e Quantificação de Dados em Tradutologia. In: **Tradução & Comunicação**, São Paulo, nº 4 p. 71-82, 1984.

CALZOLARI, N. Encoding Lexicographic Definitions as Typed Feature Structures. In: BECKMANN, F & HEYER, G. (eds.). **Theorie und Praxis des Lexicons. Beiträge zu einem Kolloquium über Theoretische Lexicologie und Praktische Lexicographie.** Berlin: Walter de Gruyter, 1993.

DAMASCENO, F. O.; OLIVEIRA, A. de P. Uso de Ontologias para Suporte à Classificação Automática de Documentos. In: WORKSHOP DE ONTOLOGIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS DE BUSCA NA WEB POR CONTEÚDOS EDUCACIONAIS – XIII SBIE'2002. **Anais da XIII SBIE.** Unisinos. São Leopoldo, RS, 2002.

GRUBER, T. R. **Toward principles for the design of ontologies used for knowledge sharing.** Presented at the Padua workshop on Formal Ontology, March 1993, to appear in an edited collection by Nicola Guarino. Disponível em:

http://kslweb.stanford.edu/KSL_Abstracts/KSL-93-04.html> Acesso em: 06 de janeiro de 2002.

LENCI, A. et. al. **SIMPLE - Semantic Information for Multifunctional Plurilingual Lexica.** Linguistic Specifications - Deliverable D2.1. University of Pisa and Institute of Computational Linguistics of CNR, Pisa, December 1999.

ORTIZ, A. M. **Diseño e implementación de un Lexicón Computacional para lexicografía y Traducción Automática.** *Estudios de Lingüística Española.* Vol.9, 2000. Disponível em:

<<http://elies.rediris.es/elies9/index.htm>>. Acesso em: 14/06/2002.

PICOCHÉ, J. **Precis de Lexicologie Française:** l'étude et l'enseignement du vocabulaire. Paris: Nathan, 1992.

PUSTEJOVSKY, J. **The Generative Lexicon.** Cambridge: The MIT Press, 1995.

ZAVAGLIA, C. **Análise da homonímia no português:** tratamento semântico com vistas a procedimentos computacionais. Tese de Doutorado. 2 v., Araraquara: [s.n.], p.360, v.I; p.199, v.II, 2002.

TRADUTORES E TRADUÇÕES JURAMENTADAS: UM SOBREVÃO PELO BRASIL

Lídia Almeida Barros (Universidade Estadual Paulista - UNESP)

Francis Henrik Aubert (Universidade de São Paulo - USP)

Diva Cardoso de Camargo (Universidade Estadual Paulista - UNESP)

ABSTRACT

This paper presents certain aspects of sworn translation as a profession in Brazil, presenting the range of languages covered by the qualified sworn translators working in the country as well as the geographical distribution of these professionals among the several States.

Keywords: Translation, Sworn Translation.

RESUM O

Neste trabalho abordamos alguns aspectos relativos ao exercício da profissão de tradutor juramentado no Brasil. Mais especificamente, apresentamos alguns resultados obtidos em nossa pesquisa sobre os idiomas nos quais os tradutores juramentados estão habilitados e sobre a distribuição geográfica desses profissionais nas diferentes Unidades da Federação.

Palavras-chave: Tradução, Tradução Juramentada.

1. Introdução

A tradução juramentada (TJ), entendida como uma "tradução feita em formato apropriado para ter validade oficial e legal perante órgão em instituições públicas" (ANDRART, 2004), reveste-se de grande importância para as relações entre povos. Em diversos países, essa forma de tradução é produzida por profissionais especificamente habilitados (por concurso, diploma ou certificação por parte de entidades jurídicas ou profissionais). No Brasil, esses profissionais recebem o título de *tradutor público e intérprete comercial*, mas, mais comumente, são denominados "tradutores juramentados".

A bibliografia especializada é carente em descrições e sistematizações das práticas da TJ¹. Essa, no entanto, é uma forma de tradução e de traduzir bastante significativa em termos de volume, e que assume algumas características especiais, decorrentes do princípio da "fé pública" inerente a TJ. Trata-se, em suma, de uma prática profissional pouco conhecida, que exige variados esforços de pesquisa.

No sentido de atender a essa demanda, os autores deste artigo decidiram desenvolver, em colaboração, investigações científicas que visam estudar a TJ em uma perspectiva multidisciplinar.

Esta comunicação pretende apresentar alguns resultados iniciais de nossas pesquisas no que concerne ao levantamento de dados extralinguísticos para delinear a imagem da tradução juramentada no Brasil. Procuramos mapear a TJ do ponto de vista das línguas nas quais os tradutores juramentados estão habilitados e da distribuição geográfica desses profissionais sobre o território nacional.

2. Fontes dos dados

O primeiro passo de nossa pesquisa consistiu em consultar o Sindicato Nacional de Tradutores-SINTRA sobre a existência de levantamento feito a respeito do número de tradutores juramentados credenciados no país. Essa entidade respondeu-nos prontamente, via correio eletrônico, informando que "os tradutores públicos são credenciados pelas Juntas Comerciais dos Estados. Para obter informações sobre esses profissionais, sugerimos acessar os *sites* das Juntas ..." (SINTRA, 2004).

Seguimos essa orientação e consultamos as páginas Web de todas as Juntas Comerciais do Brasil disponíveis na Internet, a do próprio SINTRA, a da Associação dos Tradutores Públicos do Rio de Janeiro - ATPRio e alguns sites especializados, tais como Tradutores.com. Obtivemos, sem dificuldade, os dados que desejávamos nos sites das Juntas Comerciais dos Estados de São Paulo,

1. Vide, porém: Alcaraz & Hughes (2002), Aubert (1996a, 1996b, 1998); Aubert & Tagnin (2003, 2004), Campbell (1983); Stupiello (2001).

Distrito Federal, Amazonas, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso, Santa Catarina, Sergipe, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia, Espírito Santo e Piauí. Mesmo após inúmeras tentativas, não conseguimos acessar a página da Junta do Estado de Roraima.

Os sites das Juntas do Acre, Amapá, Tocantins, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Paraíba não disponibilizam informações sobre os tradutores juramentados desses Estados. Assim, procuramos entrar em contato por meio de mensagem eletrônica, solicitando informações, mas obtivemos resposta apenas dos Estados do Acre, de Tocantins e de Pernambuco. Os dados concernentes ao Rio de Janeiro foram obtidos por meio da página da ATPRio (2004). Este só disponibiliza, porém, informações relativas aos profissionais que atuam nas cidades do Rio de Janeiro, Niterói e Petrópolis.

Diante do exposto, acreditamos que os dados que apresentaremos, embora incompletos, sejam representativos, uma vez que abrangem a maior parte dos Estados brasileiros.

3. Mapa da tradução juramentada no Brasil por idiomas

As fontes consultadas permitem, com razoável grau de segurança, identificar o número de tradutores públicos habilitados no Brasil, por idioma e por Estado. O quadro abaixo indica quantas habilitações existem por idioma. Não nos referimos a "quantos tradutores habilitados?", uma vez que um mesmo profissional pode ser credenciado para atuar com mais de um idioma. Os dados que se encontram na última coluna à direita correspondem ao percentual de habilitações no idioma em questão em relação ao total de habilitações de todas as línguas.

	Língua	Nº de habilitações	Porcentagem
1.	Inglês	937	46,89%
2.	Francês	341	17,06%
3.	Espanhol	202	10,11%
4.	Italiano	191	9,55%
5.	Alemão	148	7,40%
6.	Japonês	53	2,65%
7.	Russo	24	1,20%
8.	Árabe	12	0,60%
9.	Polonês	10	0,50%
10.	Chinês	9	0,45%
11.	Coreano	9	0,45%
12.	Hebraico	8	0,40%
13.	Romeno	8	0,40%
14.	Latim	8	0,40%
15.	Holandês	7	0,35%
16.	Dinamarquês	5	0,25%
17.	Tcheco	5	0,25%
18.	Húngaro	4	0,20%

19.	Croata	3	0,15%
20.	Grego	3	0,15%
21.	Norueguês	2	0,15%
22.	Esloveno	2	0,10%
23.	Lituano	2	0,10%
24.	Sérvio	2	0,10%
25.	Eslovaco	1	0,05%
26.	Ucraino (ucraniano)	1	0,05%

Os dados acima mostram que 26 idiomas possuem tradutores públicos habilitados no Brasil. O inglês é a língua com maior número de profissionais credenciados: quase 50%. Esse idioma é seguido, de longe, em termos percentuais, pelo francês (17%) e pelo espanhol (10%). As demais línguas ficam abaixo dos dois dígitos. O italiano aproxima-se dos 10% (9,55%), seguido do alemão (7,4%). O japonês (2,65%) e o russo (1,2%) ainda se situam na faixa superior ao 1%, todavia é evidente que contam com poucos profissionais habilitados para a tradução juramentada no Brasil. Esses dados são, entre outros fatores, consequência de uma realidade que se deve levar em consideração: a proporcionalidade entre o número de tradutores habilitados e a demanda efetiva (Há registros sobre a demanda?) para cada idioma.

4. Distribuição geográfica dos tradutores juramentados sobre o território nacional

Um elemento importante para a análise da situação da tradução e dos tradutores juramentados no Brasil é a distribuição desses profissionais nos diferentes Estados.

Inicialmente procuramos responder à seguinte pergunta: quantos são os tradutores juramentados atuando em cada Unidade da Federação? Percebemos, no entanto, que a resposta dependeria de um levantamento qualitativo, ou seja, seria necessário identificar individualmente esses profissionais (por nome).

Essa situação decorre do fato de que um tradutor pode ser credenciado para atuar com mais de um idioma. Inúmeros são os casos desse tipo e essa realidade é generalizada em todo o território nacional. Observamos situações em que o profissional encontra-se credenciado em até cinco idiomas. Em Sergipe, apenas duas línguas possuem tradutor habilitado (inglês e alemão), mas o profissional que lá atua é único, ou seja, o único tradutor público do Estado efetua traduções nessas duas línguas.

Diante dessa situação, os resultados seriam falseados se adotássemos a metodologia simplista de somar o número de tradutores por idioma, pois haveria repetição do mesmo tradutor.

Consideramos que uma pesquisa dessa natureza seja importante e de interesse da própria categoria profissional, embora não constitua objeto específico de estudo deste trabalho. A relevância desse aspecto ficou, aliás, patente quando da reunião realizada entre os tradutores juramentados do Brasil durante o IX Encontro Nacional de Tradutores e III Encontro Internacional de Tradutores, realizado em Fortaleza (CE), no período de 30/08 a 03/09/2004. De fato, o primeiro ponto de pauta consistiu exatamente na necessidade de criação de um cadastro nacional dos Tradutores Públicos e Intérpretes Comerciais do Brasil.

Neste trabalho, procuramos responder a uma outra questão de relevo: quantos idiomas contam com tradutores públicos em cada Unidade da Federação? O quadro abaixo sistematiza os dados obtidos em nossa pesquisa e contém elementos que objetivam responder a esse questionamento.

	Unidade da Federação	Nº de idiomas
1.	SP	25
2.	RS	15
3.	DF	12
4.	MG	11
5.	PR	11
6.	ES	9
7.	RJ	8
8.	BA	7
9.	RN	7
10.	CE	6
11.	RO	6
12.	AM	5
13.	GO	5
14.	MA	5
15.	MS	5
16.	MT	4
17.	SC	4
18.	PA	4
19.	SE	2
20.	PI	1

Evidencia-se, pelo quadro acima, que o Estado de São Paulo apresenta maior número de idiomas com tradutores juramentados credenciados. A presença paulista é tão marcante que alguns idiomas só possuem tradutores públicos nessa Unidade da Federação: o croata, o eslovaco, o esloveno, o lituano e o sérvio. Outros contam com profissionais habilitados em dois ou três Estados brasileiros, sendo um deles o de São Paulo, a saber:

Idioma	Estado
Chinês	SP, RS
Grego	SP, RS
Húngaro	SP, RS
Dinamarquês	SP, RS
Coreano	SP, DF
norueguês	SP, RN
romeno	SP, BA e DF

Percebe-se que o Rio Grande do Sul rivaliza com São Paulo no que concerne à presença de tradutores credenciados nesses idiomas, sendo seguido do DF. Em contrapartida, o ucraniano (ucraniano) conta com apenas um tradutor público em todo o país e esse atua no Paraná.

Conclusão

Os dados demonstram que - como a experiência prática já permitia intuir - as línguas européias modernas inglês, francês, espanhol, italiano e alemão predominam no que tange ao número de tradutores habilitados: juntas perfazem 91% do total; os restantes 9% são distribuídos entre 21 idiomas. Pode-se, talvez, atribuir esse último dado à associação de dois fatores: o de que há poucos profissionais no Brasil com formação para atuar com tradução nesses idiomas e em diversos Estados brasileiros há muito não ocorrem concursos públicos para habilitação de tradutores juramentados.

No que concerne ao inglês, diversos fatores explicam sua predominância, destacando-se a inegável realidade de esse idioma constituir, hoje, a língua da comunidade internacional, tendo-se tornado uma língua de intermediação. Efetivamente, diversos documentos, mesmo não provenientes de países de idioma oficial inglês, nele são redigidos. As razões desse procedimento também são múltiplas, sobressaindo-se o fato de muitos documentos serem originários de países de língua falada por poucos ou de pequeno impacto comercial e cultural no mundo. A redação nesses idiomas provocaria dificuldades em encontrar tradutor habilitado no país de destino.

De acordo com nossa pesquisa, o Estado de São Paulo concentra o maior número de idiomas (25) com tradutores públicos credenciados; segue-se, após ele, o Rio Grande do Sul (15), Distrito Federal (12), Minas Gerais e Paraná (ambos com 11 idiomas).

A correlação número de tradutores juramentados/idioma não implica nenhuma valoração no sentido de "importância", "prestígio" ou outra atribuída às línguas. Também não significa obrigatoriamente uma ausência de mercado de trabalho, ou melhor, de demanda de traduções. Por vezes, dá-se exatamente o processo oposto: um reduzido número de profissionais habilitados por língua implica uma sobrecarga de trabalho desses.

No que concerne à distribuição geográfica dos tradutores públicos por Estado e por idioma, o maior número desses profissionais concentra-se em São Paulo. Diversos fatores colaboram para essa situação: São Paulo é o Estado mais populoso do Brasil; é cosmopolita, sobretudo sua capital; detém o maior volume de negócios e intercâmbios culturais do país; abriu recentemente, após 20 anos, concurso público para tradutores públicos e intérpretes comerciais, dando, assim, vazão a uma grande demanda reprimida por parte dos tradutores. Por outro lado, alguns idiomas só contam

com profissionais credenciados em outro Estado brasileiro que não São Paulo: é o caso do ucraniano, que tem no Paraná o único tradutor credenciado.

Existe uma reivindicação por parte dos tradutores de quase todos os Estados brasileiros no que concerne à abertura de concursos para habilitação de tradutores públicos. As associações de categoria têm pressionado as Juntas Comerciais nesse sentido e espera-se que nos próximos anos algo seja feito nesse sentido.

Referências

ALCARAZ, E.; HUGHES, B. **Legal Translation Explained**. Manchester: St Jerome Publishing Ltd, 2002. v. 4 (Translation Practices Explained). Anthony Pym (ed.).

ANDRART. **O que é uma tradução juramentada**. Disponível em: http://www.andrart.com/portugues/faq_br.html. Acesso em : 15 mar. 2004.

ASSOCIAÇÃO DOS TRADUTORES PÚBLICOS DO RIO DE JANEIRO (Rio de Janeiro). **Por que tradução juramentada?** Disponível em: <<http://www.atprio.com.br/pages/juramentada.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2004.

AUBERT, F. H. **O tradutor público e intérprete comercial: definições dos idiomas "raros"**. São Paulo: Citrat/fflch, 1996(B). Nº 5 (Boletim do CITRAT).

AUBERT, F. H.. **Tipologia da tradução: o caso da tradução juramentada**. In: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 5., 1996, São Paulo. Anais do 5º Encontro Nacional de Tradutores. São Paulo: Humanitas, 1996. p. 105 - 118.

AUBERT, F. H.. **Tipologia e procedimentos da tradução juramentada**. Vol. 1: Teoria, legislação, modelos e exercícios práticos. São Paulo: Citrat/fflch, 1998. 86 p.

AUBERT, F. H.; TAGNIN, S. E. O. **A corpus of sworn translations**. In: ARCHER, Dawn; RAYSON, Paul; MCENERY, Tony (Ed.). Proceedings of the Corpus Linguistics. Manchester: Ucel Technical Papers, 2003. Parte 1. (16). Special Issue.

AUBERT, F. H.; TAGNIN, S. E. O. **Um corpus de traduções juramentadas: - material de pesquisa linguística, sociológica e histórica**. Tradterm, São Paulo, p.163-178, 2004. Trimestral.

CAMPBELL, A. S.. **Tradutores públicos e traduções juramentadas no Brasil**. In: PORTINHO, W. M. et al. A tradução técnica e seus problemas. São Paulo: Álamo, 1983. p. 107-146.

SINDICATO NACIONAL DE TRADUTORES. NILA SOARES. **Comentários do site - SINTRA**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lidia@lem.ibilce.unesp.br> em 21 maio 2004.

SINDICATO NACIONAL DOS TRADUTORES-SINTRA. **Pesquisar tradutores filiados ao SINTRA**. Disponível em: <http://www.sintra.org.org>. Acesso em: 30 abr. 2004.

STUPIELLO, E. N. de A. **Implicações teóricas para a tradução do discurso legal**. 2001. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Ibilce-Unesp, São José do Rio Preto, 2001.

ESTUDO BASEADO EM CORPORA PARALELOS DE TEXTOS MÉDICOS NAS SUBÁREAS DE CARDIOLOGIA E ORTOPEDIA, NA DIREÇÃO PORTUGUÊS/ INGLÊS

Profa. Dra. Diva Cardoso de Camargo (Universidade Estadual Paulista)
Paula Tavares Pinto Paiva (Universidade Estadual Paulista; União das Faculdades dos Grandes Lagos - Doutoranda em Estudos Linguísticos)

ABSTRACT

Based on Baker's proposals (1993, 1995, 1996) and by using the software WordSmith Tools, we have been developing a research using two parallel corpora with approximately 170,000 words. Each corpus is composed of medical articles written in Portuguese and their translations into English, taken from, respectively, a scientific journal of Cardiology and of Orthopaedics. In this part of the research, we have extracted type/token ratio in order to examine the variation of specialized terms in both corpora. We have also observed explicitation and simplification, and identified some linguistic characteristics of two translators selected for our analysis.

Keywords: Translation, Translation of Cardiology and Orthopaedics Texts, Corpus-based Translation Studies, Corpus Linguistics.

RESUMO

Tomando como arcabouço teórico-metodológico a proposta lançada por Baker (1993, 1995, 1996) e utilizando o programa WordSmith Tools, estamos desenvolvendo uma pesquisa em dois corpora paralelos com aproximadamente 170.000 palavras. Cada corpus é constituído por artigos médicos escritos em português e por suas respectivas traduções para o inglês, extraídos, respectivamente, de uma revista científica de Cardiologia e de outra de Ortopedia. Nesta etapa da pesquisa, geramos a razão forma/item (type/token ratio) e examinamos a variação de termos médicos especializados. Também observamos a ocorrência de traços explicitadores e simplificadores, e identificamos algumas marcas de comportamento linguístico dos dois tradutores selecionados para a análise.

Palavras-chave: Tradução, Tradução de textos nas Subáreas de Cardiologia e Ortopedia, Estudos de Tradução baseados em Corpus, Linguística de Corpus.

Introdução

A área da tradução técnico-científica tem se notabilizado devido a sua contribuição para a rápida divulgação de pesquisas brasileiras em outros países por meio das publicações bilíngues de revistas especializadas, como, por exemplo, as de Medicina. Por sua vez, a tradução de textos médicos para o vernáculo tem trazido resultados positivos para os profissionais da área da saúde, possibilitando-lhes a aquisição de conhecimentos específicos e atualizados.

Embora tenha havido um número crescente de traduções na área médica, existe uma lacuna na literatura sobre os Estudos da Tradução, uma vez que são raras as pesquisas voltadas para esse tipo de texto.

Por essa razão, julgamos ser relevante um estudo que aborde as estratégias e tendências apresentadas pelos tradutores diante desse tipo de texto, bem como a elaboração de um léxico com os termos¹ mais frequentes nas subáreas de Cardiologia e Ortopedia na direção português/inglês.

Além de profissionais da área médica, nossa pesquisa poderá ajudar professores e alunos de tradução que queiram saber mais sobre a tradução de textos médicos, fornecendo-lhes um levantamento de termos médicos mais frequentes em português e seus correspondentes em inglês nas subáreas de Cardiologia e Ortopedia.

1. Perspectiva Teórica

Com base nos Estudos Descritivos da Tradução e na Linguística de Corpus, Baker (1993, 1995, 1996) lança uma proposta em que considera a tradução como um fenômeno em si, direcionando as pesquisas para a linguagem dos textos de chegada (TCs), uma vez que as traduções costumam apresentar traços característicos que, em geral, não são encontrados nos textos de partida (TPs). A autora sugere que grandes corpora permitirão que o objeto de estudo da tradução seja explorado numa escala muito maior por meio do auxílio de ferramentas automáticas, o que poderá contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno tradutório.

Por meio da metodologia fornecida por Baker (1996), podemos analisar características que estão presentes nos textos traduzidos, observando dois dos traços de tradução propostos pela autora: a explicitação e a simplificação.

1. Neste estudo, “termo” é entendido como a “designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido em uma língua de especialidade” (ISO 1087, 1990, p. 5, *apud* BARROS, 2004).

A explicitação é definida como uma “tendência geral de explicar termos que estariam implícitos nos TPs”² (BAKER 1996:180). Essa tendência pode ser encontrada em ocorrências como, por exemplo, o tamanho maior do TC em relação ao TP. Outro fator a ser considerado na observação de traços explicitadores são evidências lexicais, expressas por meio de conjunções e locuções conjuntivas explicativas e conclusivas, as quais apareceriam mais nos TCs que nos TPs como, por exemplo: *cause, reason, due to, lead to, because, therefore, consequently* etc.

A simplificação é definida como “a tendência de tornar mais simples a linguagem usada na tradução”³ (BAKER 1996: 180) para facilitar a compreensão do leitor da língua de chegada. A simplificação também pode ser observada nos TCs quando ocorrer em quebras de sentenças mais longas nos TPs. Mudanças na pontuação nos TCs também são características de simplificação. Por sua vez, a razão forma/item (*type/token ratio*) pode mostrar estratégias empregadas, de forma consciente ou inconsciente, que poderiam ser identificadas pelo analista como traços de simplificação, as quais seriam decorrentes de uma menor variação de vocábulos nos TCs. Segundo Baker (1996), uma razão forma/item mais baixa nos TCs sugeriria um maior índice de repetições empregado pelo tradutor.

Para a construção dos dois corpora, procuramos seguir os requisitos que Berber Sardinha (2004:19) destaca como sendo primordiais na construção de um corpus computadorizado: autenticidade, conteúdo escolhido criteriosamente, e representatividade.

2. Método

Quanto ao *material* utilizado para a construção do corpus paralelo de Cardiologia, coletamos quinze artigos publicados pela revista *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, entre os anos de 2000 e 2004, o qual conta com 53.220 palavras nos TPs e 54.613 nos TCs. Por sua vez, os artigos do corpus paralelo de Ortopedia foram extraídos da *Revista Brasileira de Ortopedia*, nos anos de 2003 e 2004 e conta com 31.613 palavras nos TPs e 28.870 palavras nos TCs.

Para a escolha dos *tradutores*, o critério foi o de selecionarmos profissionais com larga experiência nas subáreas analisadas. Com base nesse critério, escolhemos os artigos de Cardiologia traduzidos pela Dra. Stella Maris C. Gandour, que tem formação em Medicina e mestrado em

1. I take “explicitation” to mean that there is an overall tendency to spell things out rather than leave them implicit in the translation.

2. We can tentatively define “simplification” as the tendency to simplify the language used in translation.

tradução pela PUC do Rio de Janeiro. Os artigos de Ortopedia foram traduzidos pelo Dr. Jacques Vissoky, que também atua tanto na área médica quanto na de tradução. Importante ressaltarmos que o Sr. Vissoky foi contemplado com o “Prêmio União Latina de Tradução Científica e Técnica”, de 2003, na Bienal do Rio de Janeiro.

Quanto aos *procedimentos* adotados para este estudo, os artigos de Cardiologia publicados até o ano 2001 foram escaneados, limpos e salvos em forma de texto sem formatação (txt). Já os artigos de 2002 a 2004 foram diretamente salvos em txt porque a revista passou a ser disponibilizada na Internet. Os artigos da revista de Ortopedia passaram pelo mesmo processo descrito primeiramente, uma vez que não se encontram disponíveis na Internet até o presente momento.

A seguir, os textos foram processados pelo programa WordSmith Tools versão 3.0. Utilizamos, em primeiro lugar, o aplicativo WordList que nos forneceu uma lista de frequência de palavras, da qual extraímos as dez mais recorrentes nos TPs e nos TCs. O próximo passo foi calcular a razão forma/item a fim de observarmos a variação lexical dos TPs e dos TCs. Tal variação nos auxilia nas análises do traço de simplificação e, de certa forma, também de explicitação. Em seguida, passamos à observação de aspectos referentes a mudanças na pontuação e a resoluções de ambiguidades nos TCs em relação aos TPs.

Como passo seguinte, fizemos uma comparação com alguns termos dos TPs e os possíveis correspondentes nos TCs; para tanto, utilizamos o aplicativo Concord que, ao gerar as linhas de concordância em que as palavras aparecem, permitiu-nos a observação das palavras em seu contexto tanto nos TPs quanto nos TCs. Por contexto, entende-se o texto ao redor da palavra de busca, ou nóculo (Berber Sardinha, 2004: 105).

3. Discussão e resultados

Para a apresentação, primeiramente, dos dez termos médicos mais frequentes nos TPs e TCs de cardiologia, elaboramos a tabela 1 ilustrada na próxima página, com o número de ocorrências e sua porcentagem.

Como podemos observar, alguns dos termos selecionados aparecem com uma frequência alta em ambos os subcorpora. Este é o caso, por exemplo, do termo “hipertensão” que apresenta 173 ocorrências nos TPs e *hypertension* com 164 ocorrências nos TCs. Outros termos como “ventricular”, “atrial”, “pressão” e “artéria” também aparecem com os seus respectivos correspondentes *ventricular*,

atrial, *pressure* e *artery* entre os dez termos médicos com frequência alta nos TPs e nos TCs. No entanto, vale notar que todos esses termos ocorrem em número maior nos TCs. Essa evidência poderia estar apontando para o traço de simplificação por meio da repetição de palavras nos textos traduzidos.

Tabela 1: Termos mais frequentes no Corpus Paralelo de Cardiologia

Corpus em Português (TPs)			Corpus em Inglês (TCs)		
Word	WordSmith Tools Freq.	%	Word	WordSmith Tools Freq.	%
ARTERIAL	213	0,40	VENTRICULAR	218	0,40
HIPERTENSÃO	173	0,33	HEART	211	0,39
MITRAL	132	0,25	CORONARY	198	0,36
VENTRÍCULO	121	0,23	HYPERTENSION	164	0,30
VENTRICULAR	118	0,22	PULMONARY	157	0,29
ATRIAL	114	0,21	MITRAL	150	0,27
PRESSÃO	91	0,17	PRESSURE	148	0,27
SISTÓLICA	83	0,16	ARTERY	142	0,26
ARTÉRIA	82	0,15	VALVE	127	0,23
ATRESIA	82	0,15	ATRIAL	123	0,23

Outro caso a ser comentado é o de termos que contêm um dos seus elementos com função de adjunto adnominal, o qual apresenta diferenças significativas na frequência ao ser empregado como locução adjetiva, como por exemplo: "exame do coração". Mesmo assim, no caso da palavra "coração" que registrou 54 ocorrências nos TPs, não mostrou uma frequência semelhante à da palavra *heart* (211 ocorrências) nos TCs, fato esse que nos levou a observar as linhas de concordância conforme veremos mais adiante.

A tabela 2 que aparece na próxima página, apresenta os dez termos mais frequentes nos TPs e TCs de Ortopedia. Assim como no corpus de cardiologia, o corpus de Ortopedia também apresenta vários termos de alta frequência no português e no inglês, como em: "enxerto" e *graft* (97 ocorrências nos TPs e nos TCs); "fratura" (73 ocorrências) e *fracture* (58 ocorrências); "ósseo" (68 ocorrências) e *bone* (171 ocorrências); "cotovelo" e *elbow* (55 ocorrências nos TPs e nos TCs); "joelho" (42 ocorrências) e *knee* (58 ocorrências); "tendão" (33 ocorrências) e *tendon* (50 ocorrências). As diferenças em número de ocorrências apontam para a necessidade de observarmos os termos inseridos nas linhas de concordância, de modo similar ao realizado para o corpus de cardiologia. Esse é o caso de termos como o adjetivo "ósseo" (68 ocorrências) que pode também aparecer no feminino

"óssea" (52 incidências). O possível correspondente de "ósseo" seria bone que também pode se referir ao substantivo "osso" e que teve nos TPs 31 ocorrências. Somando-se as palavras "ósseo", "óssea" e "osso", chegaríamos a 161 ocorrências, número próximo ao das incidências de bone (171 ocorrências). Outro termo que nos chamou a atenção foi "patela" (46 vezes) nos TPs e patellar (101 ocorrências) nos TCs, que discutiremos mais adiante ao abordar as linhas de concordância.

Tabela 2: Termos mais frequentes no Corpus Paralelo de Ortopedia

Corpus em Português (TPs)			Corpus em Inglês (TCs)		
Word	WordSmith Tools Freq.	%	Word	WordSmith Tools Freq.	%
ENXERTO	97	0,31	BONE	171	0,59
FRATURA	73	0,23	PATELLAR	101	0,35
ÓSSEO	68	0,22	GRAFT	97	0,34
LESÃO	60	0,19	JOINT	83	0,29
COTOVELO	55	0,17	LIGAMENT	59	0,20
LUXAÇÃO	49	0,15	FRACTURE	58	0,20
ARTICULAR	48	0,15	KNEE	58	0,20
PATELA	46	0,15	ELBOW	55	0,19
JOELHO	42	0,13	TENDON	50	0,17
TENDÃO	33	0,10	ACETABULAR	41	0,14

Outro aspecto para o exame dos TCs é o número de itens e de formas em relação aos TPs. Nos TCs de cardiologia analisados, ocorre maior número de itens (54.613) do que nos TPs (53.220). A maior incidência de itens nos TCs confirma a hipótese da explicitação pela qual os TCs costumam ter mais palavras do que os TPs. Já o número de formas nos TCs é menor (5.589) que nos TPs (7.134), o que evidencia maior número de repetições e menor variação de vocábulos na tradução.

A razão forma/item dos TPs de cardiologia é de 13,40 e a dos TCs de 10,23. A razão forma/item padronizada de 41,28 nos TPs e de 37,21 nos TCs também aponta para uma menor variação de palavras na tradução, confirmando o princípio de simplificação. Poderíamos inferir que a tradutora usou de estratégias, de modo consciente ou inconsciente, a fim de facilitar a compreensão do texto para os leitores de língua inglesa.

No subcorpus de TCs de Ortopedia, ao contrário do que ocorre com o subcorpus de cardiologia, houve um menor número de itens nos TCs (28.870) que nos TPs (31.613) assim como ocorre

também um menor número de formas nos TCs (3.566) que nos TPs (4.585). A razão forma/item dos TPs foi de 14,50 e dos TCs de 12,35. Já a razão forma/item padronizada dos TPs foi de 41,17 e a dos TCs de 39,22. Este corpus não confirma o princípio de explicitação, uma vez que houve uma redução do número de itens e de formas nos TCs.

Para ilustrar esse traço, destacamos, no exemplo (1) do corpus de Ortopedia em que podemos notar a diferença na extensão do segmento do TP e a do TC:

- (1) Conclusões: 1) A reconstrução do ligamento patelofemoral medial (LPFM) com a restauração da funcionalidade dessa estrutura anatômica mostrou-se um bom método de tratamento de luxação recidivante da patela. 2) A rápida recuperação pós-operatória, garantida pela baixa morbidade da técnica empregada, permitiu aos pacientes operados retorno antecipado às suas atividades profissionais, reduzindo os custos sociais inerentes aos procedimentos cirúrgicos usualmente empregados no tratamento dessa patologia. 3) O seguimento de mais de cinco anos mostrou que os resultados da reconstrução da patela sustentaram-se adequadamente em face da inexorável pressão do tempo.

Conclusions: Medial patellofemoral ligament reconstruction was very instrumental to improve unstable extension mechanism, and to prevent lack of confidence, gradual joint deterioration, and disabling pain during dislocation episodes, in a minimal 5 years follow-up.

Já o menor número de formas dos TCs em relação aos TPs ratifica o princípio de simplificação, uma vez que há mais repetição nos TCs, sugerindo que o tradutor procurou tornar a leitura mais fácil no texto traduzido.

A pontuação usada pelos tradutores também mostra a presença de traços de simplificação, confirmando a hipótese sugerida por Baker (1996) de que, normalmente, usa-se uma pontuação mais "forte" no TC, ou seja, uma vírgula transforma-se em ponto e vírgula no TC, ou ainda um ponto e vírgula ou dois pontos do TP passam a ser ponto final no TC, a fim de quebrar sentenças mais longas dos TCs. O exemplo (2) a seguir, extraído do corpus de cardiologia, apresenta mudanças na pontuação:

- (2) Em todos os animais estudados foram aplicados dois protocolos experimentais: hipertensão arterial transitória e hipertensão arterial sustentada representados esquematicamente na figura 1. [grifo nosso]

In all animal studied, two experimental protocols were applied. The transient and sustained arterial hypertension protocols are schematically represented in figure 1. [grifo nosso]

Como podemos notar nos trechos grifados por nós, houve uma substituição de dois pontos no TP por um ponto final no TC, dando-se a retomada de informação na sentença seguinte.

Como outro exemplo de mudança de pontuação no corpus de Ortopedia, temos o exemplo (3):

- (3) Descrevemos a rotina para exame, expondo quadro objetivo, para respostas quanto ao exame neurológico antes da redução; exame vascular; classificação radiográfica da luxação em posterior, póstero-lateral, anterior, lateral ou rotatória; tipo de anestesia para redução (bloqueio plexular, geral e sem anestesia); a radiografia pós-redução deve identificar se a articulação está congruente, espaço articular no perfil em milímetros, e se há fratura do capitulo na superfície articular póstero-lateral. [grifo nosso]

Examination Routine describes the objective clinical picture, assessing neurological status before reduction, vascular examination, radiographic classification of the dislocation as posterior, posterolateral, anterior, lateral, or rotary. Kind of anesthetic employed for reduction (plexus blockade, general anesthetic, no anesthesia), post-reduction X-ray assessing joint congruity, and joint space in millimeters in the lateral view, and the presence of capitellum fracture at the posterolateral joint surface were all assessed. [grifo nosso].

Nesse segmento do TP, o autor usou ponto e vírgula; já o tradutor empregou o ponto final, tendo dividido o período longo do TP em duas orações no TC. É interessante ressaltar que os textos de cardiologia escritos originalmente em português são, na sua maior parte, mais elaborados, contendo orações complexas e extensas. Talvez seja esse o motivo que levou a tradutora dos textos de cardiologia a modificar a pontuação dos TCs, numa tentativa, consciente ou inconsciente, de facilitar a leitura na língua de chegada.

Notamos que no subcorpus de TCs de Ortopedia, os períodos, em geral, são curtos, não tendo havido, desse modo, a necessidade de o tradutor recorrer a quebras de orações.

No tocante às linhas de concordância geradas pelo aplicativo Concord, nas quais as palavras aparecem junto ao seu cotexto, pudemos averiguar como os termos levantados são empregados na linguagem médica. A palavra "coração", com 54 incidências, apresentou um número muito abaixo de ocorrências se comparada à palavra heart (com 211 incidências) nos TPs. Na maior parte dos TPs, encontramos a locução adjetiva "do coração", como em "capacidade contrátil do coração", "ápice do coração", "doença isquêmica do coração" etc, ou apenas "coração", como podemos observar nas linhas de concordância apresentadas no exemplo (4) a seguir:

(4) LINHAS DE CONCORDÂNCIA DA PALAVRA "coração" COMO NÓDULO

- 1 em preparações de *coração* isolado e no *coração* in situ,
- 2 a capacidade contrátil do *coração* por razões de ordem
- 3 contornava o ápice do *coração* e ascendia no sulco
- 4 o aparecimento da doença isquêmica do *coração* e
- 5 bem como os estudos radiológicos do *coração*, esôfago

A diferença significativa na frequência da palavra *heart*, que apresentou 211 incidências, deve-se à sua co-ocorrência, principalmente na função de adjunto adnominal em inglês, como em *heart failure*, *heart rate*, *heart attack*, *heart disease* e *heart valve*. Apresentamos, no exemplo (5), uma amostra de linhas de concordância da palavra *heart* no corpus de TCs de cardiologia.

(5) LINHAS DE CONCORDÂNCIA DA PALAVRA *heart* COMO NÓDULO

- 1 an incidence of 12.5%. In none of the *hearts* that we
- 2 and 26,000 deaths occurred due to *heart* failure in the
- 3 the control of cardiac rhythm or *heart* rate in atrial
- 4 countries, where one third of *heart* attacks and one
- 5 the absence of congenital or secondary *heart* disease.

No subcorpus de TCs de Ortopedia, destacamos o termo *patellar*, que ocorreu 101 vezes. Ao observarmos os respectivos TPs, verificamos que o mesmo termo em inglês tem como correspondente o adjetivo "patelar", como em "tendinite patelar" e "componente patelar" traduzidos respectivamente por *patellar tendinites* e *patellar component*. Também ocorre como locução adjetiva "da patela" em termos como "pólo inferior da patela" no TP e lower patellar pole no TC. Para ilustrarmos tal fato, apresentamos as linhas de concordância nos exemplos (6), (7), (8) e (9) a seguir:

(6) LINHAS DE CONCORDÂNCIA DA PALAVRA "patelar" COMO NÓDULO

- 1 dos a tratamento cirúrgico da tendinite *patelar* no Hospital Madre
- 2 quanto à colocação ou não do componente *patelar*, bem como

(7) LINHA DE CONCORDÂNCIA DA PALAVRA "patela" COMO NÓDULO

- 1 com corticosteróides no pólo inferior da *patela*, sem melhora

(8) LINHAS DE CONCORDÂNCIA DA PALAVRA *patellar* COMO NÓDULO

- 1 Also known as jumpersÆ knee, *patellar* tendinitis usually afflicts
- 2 sure the remaining bone stock under the *patellar* component, the
- 3 such as drilling, shaving, and lower *patellar* pole resection.

4. Conclusão

O levantamento de termos médicos mais frequentes neste estudo revela a organização das palavras dentro de sintagmas. A maioria dos termos levantados não tem significado independente, mas seus elementos se inter-relacionam gerando especificidades próprias de acordo com cada situação dentro do contexto da *Cardiologia e Ortopedia*. Quanto aos traços de tradução propostos por Baker (1996), as observações feitas até o presente momento, com base nos princípios da Linguística de Corpus e o auxílio de ferramentas eletrônicas, evidenciaram traços de simplificação, por meio de mudanças de pontuação e quebras de sentenças longas. A comparação de textos traduzidos por dois profissionais em duas subáreas médicas também aponta algumas características da tradução na área médica bem como revela o uso de padrões específicos de cada tradutor. Ao observarmos a razão forma/item nos corpora das duas subáreas, pudemos notar a presença de traços de simplificação nos TCs analisados, destacando-se os TCs de *Cardiologia* com um número significativamente maior de palavras em relação aos TPs.

Como não houve confirmação da hipótese de explicitação sugerida por Baker de que os textos traduzidos seriam mais longos do que os respectivos textos originais no tocante ao corpus de *Ortopedia*, pretendemos observar, na continuação desta pesquisa, se há influência de um determinado TC desviante no conjunto de textos desse corpus, ou se há a ocorrência de TCs com menor extensão devido a idiosincrasias do respectivo tradutor. Para tanto, realizaremos uma análise detalhada em cada TC e TP separadamente a fim de verificarmos o motivo de tal resultado.

Além disso, pretendemos aumentar os corpora de estudo por meio da compilação de corpora comparáveis, compostos por artigos originalmente escritos em português e em inglês, para que possamos observar as características da linguagem de especialidade utilizada pelos autores nativos de cada língua e compará-las às características presentes na linguagem empregada pelos tradutores profissionais.

Referências

- BAKER, M. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: **Text and technology: in honour of John Sinclair**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993. p.233-250.
- BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: USP, 2004.
- _____. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. **Target**, v. 7, n. 2, 1995. p. 223-243.
- _____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, Harold(Ed). **Terminology, LSP and translation studies in language engineering in honour of Juan C. Sager**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1996. p. 177-186.
- BERBER SARDINHA, **Linguística de Corpus**, SP: Manole, 2004.

EL DIFÍCIL PAPEL DEL TRADUCTOR COM O RECEPTOR DE SU PROPIO TEXTO. UN EXPERIMENTO SOBRE LOS PROBLEMAS DE LA REVISIÓN EN LA TRADUCCIÓN INVERSA

Pilar Lorenzo

ABSTRACT

This paper discusses the importance of the revision of translation products - not only of other translators' texts but also of translators' own texts- and the need to develop this part of the process as an independent activity. As part of a project on revision of translations into the foreign language, an experiment is presented in which a comparison is made between translators' revision of their own products (immediately after writing the text and at a later stage) and the same translators' revision of other translators' products. The purpose of the study is to find out whether time delay in revision of the translators' own texts brings about a critical awareness which is similar to that present when revising other translators' texts.

Keywords: Revision, Inverse Translation, Critical Attitude.

RESUM EN

En esta comunicación se discute la importancia actual de la revisión de traducciones propias y ajenas y la necesidad de desarrollar su práctica como actividad independiente. Dentro de una investigación más amplia sobre la revisión en la traducción inversa, se presenta un experimento en que se comparan la revisión inmediata y diferida del texto propio con la revisión de un texto ajeno. El propósito del experimento es comprobar si el distanciamiento temporal de la fase de revisión de la traducción propia da lugar a una actitud crítica comparable a la que se observa en la revisión de traducciones realizadas por otros.

Palabras clave: Revisión, Traducción Inversa, Actitud Crítica.

1. La revisión de textos propios y ajenos dentro de una concepción actual de la traducción

El experimento que se discute en esta aportación se encuadra dentro de una exploración general en torno a la revisión que el traductor hace de su propio texto antes de dar por terminada su traducción. Se basa por ello en resultados de experimentos anteriores (Lorenzo, 2002b) y plantea a su vez nuevas hipótesis para su comprobación en experimentos futuros. No se pretende por ello llegar aquí a conclusiones definitivas sino simplemente ir arrojando poco a poco más luz sobre una fase del proceso de traducción que, a pesar de su importancia, se ha mantenido en una considerable oscuridad hasta ahora. Poco sabemos en realidad de las dificultades que entraña, los beneficios que aporta e incluso los riesgos que conlleva.

Su importancia resulta evidente, ya que de la revisión depende el acabado del producto y en ella toma el traductor las decisiones finales, que convierten en definitivo lo que hasta ese momento tenía sólo el carácter de provisorio. Considerada la actividad traductora como un proceso de toma de decisiones es, pues, en esa fase final, donde se pone verdaderamente a prueba la competencia traductora. Su importancia ha aumentado, además, en las últimas décadas con el uso de las nuevas tecnologías, o digamos simplemente, con el uso del ordenador como herramienta de trabajo.

No parece que se haya dedicado suficiente atención a la revolución que el ordenador ha supuesto para el proceso de traducción¹, y sin embargo es evidente que ha cambiado las rutinas de trabajo de los traductores. Por encima de las diferencias de talante puede observarse en el traductor actual una tendencia general a un mayor dinamismo y flexibilidad en el proceso de su escritura, que se expresa en menos reflexión previa y más correcciones. Si antes el traductor tenía que volver a escribir prácticamente su texto cada vez que realizaba correcciones en el mismo, viéndose por ello obligado a pensarse las cosas bien antes de llevar nada al papel, las herramientas electrónicas permiten un replanteamiento continuo del texto, y el traductor se lanza a la escritura de manera más espontánea, convirtiéndose más en evaluador que en planificador de su producto. El proceso de traducción, que como han señalado sus estudiosos, se caracteriza por su recurrencia, por esa alternancia entre movimientos de progresión y regresión en el texto (Lörscher, 1991:265s., Dancette & Ménard, 1996), se hace así notablemente más recurrente, dando lugar a variaciones y versiones infinitas. La actividad traductora se hace de esta forma más ágil, más creativa, pero al mismo tiempo la apertura del proceso que supone la posibilidad de seguir practicando hasta el infinito alteraciones en el texto confiere al producto un carácter de provisionalidad que desafía la capacidad de toma de decisiones

1. Una excepción es Ladmiral (1990)

del traductor. Antes el traductor estaba forzado a decidir claramente cuál iba a ser la versión definitiva de su texto, diferenciándola del borrador o los borradores que pudiera haber hecho del mismo, ahora se difuminan las fronteras entre las versiones sucesivas, y la versión última supone simplemente la interrupción de un proceso en principio inacabable. En ese sentido yo me atrevería a decir que la traducción se ha alejado más de la interpretación, ya que ésta entre otras cosas se caracteriza por la imposibilidad de la regresión.

En resumen puede decirse, pues, que la evaluación, y especialmente la evaluación última y definitiva que se realiza en la fase de revisión, se sitúa en el centro mismo de la competencia traductora. Y sin embargo, sabemos todavía muy poco sobre lo que ocurre en esa última fase de la traducción. Más atención se está dedicando últimamente a la revisión de textos ajenos (Mossop, 2001), cada vez más común también por las facilidades que ofrece la internacionalización de las nuevas tecnologías en un mundo cada vez más globalizado. Especialmente interesante resulta aquí el enfoque de esta investigación desde el estudio del proceso (Krings, 2001), porque nos permite hacernos una idea de las diferentes operaciones que el traductor realiza hasta considerar acabada su tarea, las dificultades que encuentra y las estrategias a que recurre para resolverlas. Llama la atención, por ello, que el estudio del proceso, que abre la posibilidad de diferenciar las diferentes fases de la actividad traductora, no haya prestado tampoco mayor atención a la fase de la revisión en que culmina la traducción del texto propio.

Las razones de esa laguna en la investigación son probablemente múltiples, y tendrán que ver tanto con consideraciones relativas al mercado de trabajo de la traducción, si se parte, por ejemplo, de la idea de que una mayor parte de las traducciones es de todas formas revisada por otros, como con una visión simplista de la actividad traductora misma como proceso mecánico y lineal, y por tanto poco sometido a evaluación, correspondiente a lo que especialistas en producción de textos como Bereiter & Scardamalia (1987) llaman *knowledge telling model*.

Pero también puede pensarse que esa falta está relacionada con la metodología utilizada tradicionalmente para el estudio del proceso, consistente primordialmente en experimentos a base de TAP, en que por lo dificultoso de la recabación de datos, se ha recurrido muchas veces a muestras experimentales un tanto casuales, especialmente accesibles o manejables, pero no siempre óptimas, como puedan ser estudiantes o, en cualquier caso, no verdaderos profesionales de la traducción. Esto ha repercutido de diferentes formas en los resultados obtenidos. Por un lado los sujetos mismos de la mayoría de los experimentos realizados parecen dedicar poco o ningún esfuerzo a la tarea de

la revisión (Krings, 1986, Kiraly, 1995). Por otro lado, podría sospecharse que en muchos casos es la verbalización misma del proceso lo que lleva a centrarse en lo que Hönig (1995) llama microestrategias, y hacer menos referencia a la macroestrategia, es decir a la percepción global del texto con la que se relaciona la revisión, que exigiría del traductor expresarse a un nivel más abstracto y hacer un esfuerzo quizá excesivo mientras realiza la tarea de traducción. Otros experimentos sobre el proceso, y precisamente algunos de los más completos, presentan un diseño poco adecuado para el estudio de la revisión, al menos en el sentido al que nos referíamos en relación con la importancia que gana con el uso del ordenador. Así los sujetos estudiados en la obra pionera de Krings (1986) sobre el proceso de traducción escriben a mano, y el experimento realizado por Lörcher (1991) se basa en traducción oral. Todo ello hace que la fase de revisión permanezca invisible en los estudios del proceso, y que al centrarse la atención en las microestrategias, se confunda con la evaluación a lo largo del proceso de cada una de las decisiones tomadas por el traductor. Esto puede verse, entre otras cosas, en los modelos con que los especialistas pretenden visualizar el proceso de traducción (por ejemplo Krings, 1986). El flujo recurrente que en ellos se muestra se refiere a cada una de las decisiones tomadas, no a la recurrencia sobre la globalidad del texto que supondría la revisión.

Esta confusión de la revisión con la evaluación de las unidades de traducción durante el proceso de producción del texto está en contradicción con una visión actual de la traducción como operación textual. Sólo en la fase de revisión puede evaluarse si el texto funciona como tal, la cohesión entre sus partes, su coherencia dentro de un determinado contexto. Teniendo en cuenta la función especial que desempeña la revisión, Hanna Risku (1998: 201ss.) señala que es un error suponer, como se ha venido haciendo, que la competencia revisora se desarrolla como consecuencia natural de la habilidad para la traducción, y plantea la exigencia de ejercitarla como actividad independiente con características propias. Y lo interesante es que al hablar de competencia revisora como actividad aparte, que no coincide necesariamente con la competencia traductora, la autora se refiere tanto a la revisión de textos ajenos como a la revisión del texto de la traducción propia. La revisión del texto propio se equipara a la revisión del texto ajeno en cuanto que aquella se produce desde una distancia que permite, una vez superado el texto de partida, la recepción por parte del traductor de la representación siempre nueva de la realidad que supone el texto meta producido por él mismo. La lectura del texto propio pasa a ser así un acto de comunicación en que el traductor se convierte en interlocutor de sí mismo y con ello en evaluador de su propio texto como lo sería de un texto ajeno.

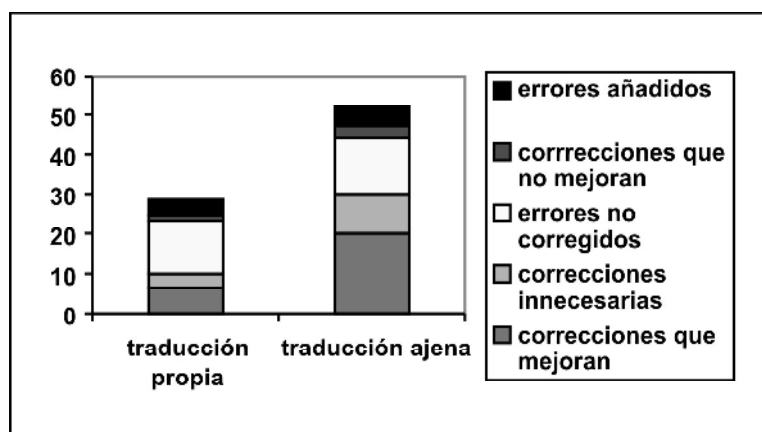
2. Algunas observaciones empíricas respecto a la competencia revisora en traducción inversa

Las acertadas consideraciones de Risku en torno a la revisión como actividad independiente con características propias, y su equiparación de la revisión de la traducción propia con la traducción ajena, me han servido de inspiración para un estudio de la competencia revisora que pretendo explorar en relación con la traducción inversa, campo general de mi investigación. Mi interés por la inseguridad especial que siente el traductor respecto a la recepción adecuada de su texto en un contexto lingüístico y cultural que le resulta menos familiar que el de su lengua materna, y por la repercusión que esta inseguridad tiene en la toma de decisiones que caracteriza el proceso de la traducción, me ha llevado a fijar cada vez más la atención en la fase definitiva que supone la revisión. En una investigación sobre las claves de la competencia de traductores profesionales (Lorenzo, 1999, 2002a) pude hacer unas primeras observaciones generales sobre las dificultades que esa fase encierra en la traducción a la lengua extranjera.

Partiendo de estas observaciones realicé un primer experimento (Lorenzo, 2002b) con un grupo de estudiantes en el último año de formación como traductores, en el que se pretendían sacar unas conclusiones básicas sobre su capacidad para la revisión de la traducción propia y ajena. Se trataba de un experimento muy modesto en el que al mismo tiempo querían ponerse a prueba las posibilidades metodológicas que ofrece el sistema de ordenador *Translog* para el estudio de la revisión como actividad independiente. En este aspecto el experimento mostró las ventajas de este método, porque a través de él pueden obtenerse las sucesivas versiones del texto y con ello aislarse la fase de revisión para su estudio como actividad equiparable a la revisión de un texto ajeno, y porque posibilita la combinación rápida y sistemática de los datos de producto y proceso, lo que permite tener en cuenta en todo momento el funcionamiento global del texto por encima de las alteraciones puntuales.

El experimento, a pesar de lo rudimentario de su diseño, permitía aventurar ciertas conclusiones respecto a la competencia, o más bien incompetencia, del grupo de estudiantes para la revisión en general y especialmente para la revisión de la traducción propia. Esta incompetencia se expresaba tanto en una considerable incapacidad para detectar o corregir errores como en correcciones innecesarias, en la sustitución de unos errores por otros, es decir en correcciones que no mejoran el texto, o incluso en la agregación de errores nuevos. El balance no era muy alentador, ya que las mejoras realizadas en el texto, y muy especialmente en el texto propio, eran al mismo tiempo muy

modestas. En relación con esto hay que tener en cuenta que la traducción ajena había sido realizada también como traducción inversa por otro compañero el año anterior, y presentaba un volumen de errores representativo de la media de los estudiantes. En el diagrama siguiente pueden verse de forma simplificada los resultados de las dos revisiones relativos a la media del grupo, según las categorías que acabamos de señalar, inspiradas en una clasificación propuesta por Didaoui (1998) para la valoración de la competencia revisora referida a textos ajenos:



Sorprende en estos resultados que la revisión de la traducción ajena aparezca como más eficaz que la de la traducción propia. Si la tendencia a una más acertada evaluación de lo ajeno es en general comprensible, por la menor distancia crítica que puede suponerse ante la producción propia, en el caso de la traducción inversa esta actitud general podía esperarse que entrara en conflicto con estrategias que pudieran considerarse propias de la traducción en esa dirección y que llevan a una mayor adaptación del mensaje a los propios recursos como garantía del buen funcionamiento del texto meta (Lorenzo, 1999, 2002a). Estas estrategias deberían facilitar la valoración del texto propio pero no tanto la del ajeno. Si a pesar de ello, los estudiantes han sido capaces de corregir mejor la traducción ajena, lo que estos resultados podrían indicar es que la distancia crítica es el factor decisivo también en la revisión de la traducción inversa.

Tal deducción resultaba, sin embargo, precipitada a partir de este experimento. Los problemas que presentaba su diseño y realización no permitían descartar explicaciones distintas. Para empezar, había una gran desproporción entre el número de estudiantes que habían hecho la revisión del propio texto (8) y el de los que habían realizado la revisión del texto ajeno (3), lo cual hace que la comparación de las dos revisiones pierda bastante de su sentido. Aparte de eso, los dos tipos de revisión se hacían sobre la traducción de un mismo texto. Es decir, que los estudiantes revisaron la traducción ajena del mismo texto que ellos habían traducido ya algún tiempo antes. El que se trate de un sólo texto tiene sus ventajas para la comparación de los resultados de la revisión propia y

ajena pero no puede dejar de repercutir en esta última, facilitando quizá excesivamente la realización de la tarea de revisión de la traducción ajena.

Se decidió por ello hacer un nuevo experimento para comprobar si estas deducciones tenían algún fundamento. La muestra volvía a ser un grupo de traductores del último año de carrera, y se hizo lo posible por asegurar que el grupo entero realizara todas las fases del experimento. Pese a ello, los resultados que van a discutirse se refieren únicamente a 6 estudiantes, que son los que nos suministran datos completos. En el experimento se intentaron corregir, así mismo, las deficiencias detectadas en el diseño anterior, por lo que se usaron dos textos distintos y se controló que las dificultades que presentaran fueran equivalentes.

3. Planteamiento de un nuevo experimento

Las observaciones hechas en el experimento anterior llevaron a formular las hipótesis siguientes:

1. La revisión de una traducción ajena es considerablemente mejor que la revisión de una traducción propia
2. Esta diferencia se debe a una mayor distancia crítica respecto al producto ajeno
3. Si se distancia temporalmente la revisión de la traducción propia, los resultados serán equiparables a la revisión del texto ajeno.

Con estas hipótesis se quería, pues, comprobar no sólo si realmente se tenía más capacidad para revisar el texto ajeno, sino muy especialmente las razones de que esta operación se realizara con más éxito. Ya que el motivo de mi estudio es desentrañar las claves de la competencia en la revisión del texto propio, lo que aquí se pretendía ver era, así, si su equiparación a la revisión del texto ajeno a base de crear una mayor distancia, repercutía en los resultados. Esta técnica es recomendada por Risku (1998: 204s.) para facilitar el desdoblamiento del traductor, que asume el papel de receptor del texto meta como si no fuera propio. Y de forma intuitiva, la utilizan la mayoría de los traductores, dejando descansar el texto para enfrentarse a él con ojos nuevos. No se trata, pues, de algo nuevo, sino de una suposición generalizada que, sin embargo, por lo que yo sé, no se ha comprobado de manera sistemática.

Los cambios en el diseño del experimento iban a suponer también una mayor diversificación de tareas, ya que ahora la revisión del propio texto iba a ser doble. Se iba a hacer tanto una revisión inmediata como una revisión diferida. La revisión inmediata serviría así para el control de la repercusión que el distanciamiento temporal tuviera sobre la calidad del producto final en la revisión diferida. Ambas revisiones iban a compararse entre sí y con la revisión de la traducción ajena. Para

que esta comparación fuera justa, se iba a partir en las tres tareas de la primera versión de los dos textos, es decir del estado en que estaban antes de empezar la revisión. Para poder acceder a las diferentes versiones del texto se necesitaba que la traducción ajena hubiera sido realizada dentro del programa *Translog*, por lo que se decidió dividir a los estudiantes en dos grupos que traducirían cada uno un texto, seleccionándose después una de las traducciones de cada grupo como punto de partida de la revisión del texto ajeno del grupo opuesto. El reparto de sujetos entre los dos grupos había sido en un principio equitativo, ya que se contaba con 4 estudiantes en cada uno. Este reparto terminó lamentablemente siendo desproporcionado, ya que los datos de 2 de los estudiantes del segundo grupo resultaron incompletos y no se han podido tener en cuenta.

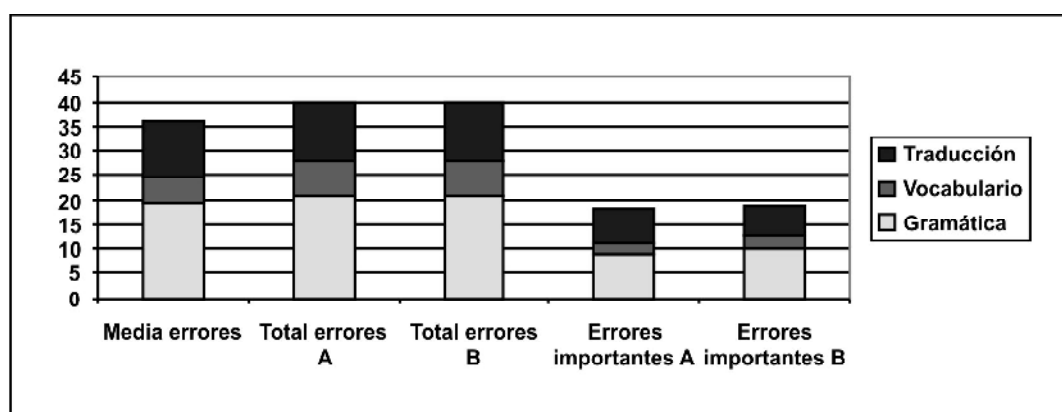
Estas fueron, pues, las tareas realizadas en el experimento y su especificación por fases:

- Tareas: Traducción y revisión de dos textos (A y B) de lenguaje general, no especializado, de características similares y nivel de dificultad comparable. 4 estudiantes traducen el texto A y 2 estudiantes traducen el texto B. Cada estudiante revisa su propia traducción y la traducción ajena.
- Fases del experimento:
 - a) Revisión inmediata: Traducción del texto incluyendo fase de revisión inmediata
 - b) Revisión diferida de la primera versión de la traducción propia
 - c) Revisión de traducción ajena: Revisión de la primera versión de la traducción hecha por uno de los estudiantes del otro grupo.

La metodología para la recabación y el análisis de datos se iba a diversificar también en este experimento, pues los datos cuantitativos que proporciona *Translog* iban a ser complementados por un análisis cualitativo del proceso de revisión a base de *TAP*. El análisis cualitativo parecía aquí el más adecuado para detectar algo tan subjetivo como la actitud crítica del traductor ante el propio texto y el ajeno en las diferentes fases. Nos permitiría observar sobre todo si la actitud crítica aumentaba con la distancia temporal. La metodología empleada fue, pues, la siguiente:

- a) Análisis cuantitativo a base del sistema de ordenador *Translog*, que hace posible:
 - extraer la primera versión del producto de la traducción para su análisis y manipulación en las diferentes revisiones
 - aislar la fase de revisión inmediata del resto del proceso de traducción para su análisis
 - combinar los datos del producto y el proceso de la traducción para analizar el efecto de las diferentes revisiones
- b) Análisis cualitativo a base de la introspección (*TAP*) de 2 estudiantes de cada grupo durante los 3 procesos de revisión

Una cuestión que planteaba este nuevo diseño con dos textos distintos era no sólo el nivel de dificultad comparable de los dos textos (pesadilla de todo investigador empírico), sino los criterios para la selección de la traducción de cada grupo que iba a servir de base para su revisión como texto ajeno por el grupo opuesto. El criterio elegido fue que los errores que presentara la versión que iba a manipularse fueran comparables en cuanto a número, gravedad y tipo. En el diagrama siguiente pueden verse las traducciones elegidas por los errores que presentan en su primera versión, y observarse cómo al mismo tiempo se corresponden bastante bien con la media de errores que presenta la primera versión de los dos textos realizada por todos los estudiantes:



Con esta selección quería asegurarse que la comparación entre las diferentes revisiones fuera justa, es decir, que un texto no fuera considerablemente más mejorable que otro, lo que casi inevitablemente daría lugar a una revisión más eficaz. La clasificación de errores por tipo no puede tener, sin embargo, más que un carácter orientativo, ya que en el fondo cualquier error es en principio un error en el uso de estrategias de traducción. Como explicación del volumen considerable de errores, considero necesario señalar que el experimento se realizó sin la asistencia de herramientas de traducción de ningún tipo, algo que puede parecer artificial pero que corresponde a las exigencias del examen final en traducción inversa. Esto hay que tenerlo en cuenta a la hora de generalizar los resultados finales, ya que el uso de herramientas podría llevar a otras conclusiones.

4. Resultados del experimento

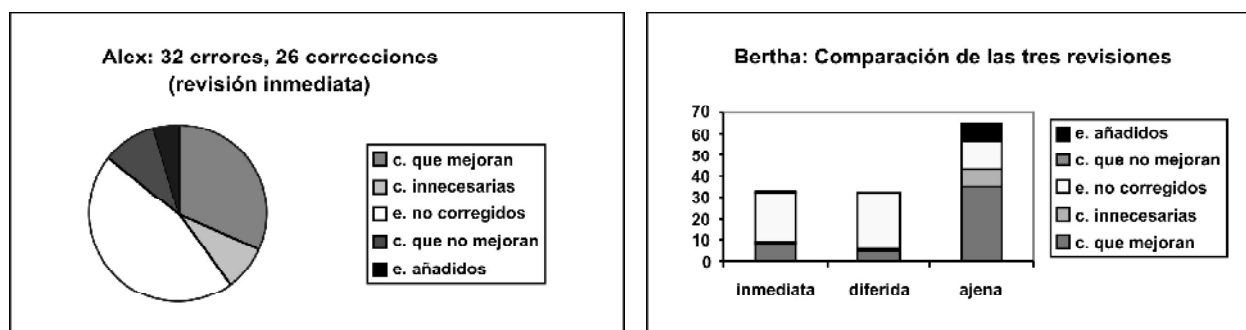
4.1. Análisis de los datos de *Translog*

El proceso de las tres revisiones de cada uno de los estudiantes fue analizado según las mismas categorías usadas para el experimento anterior, que parecían muy adecuadas para visualizar el efecto de la actividad revisora en el texto:

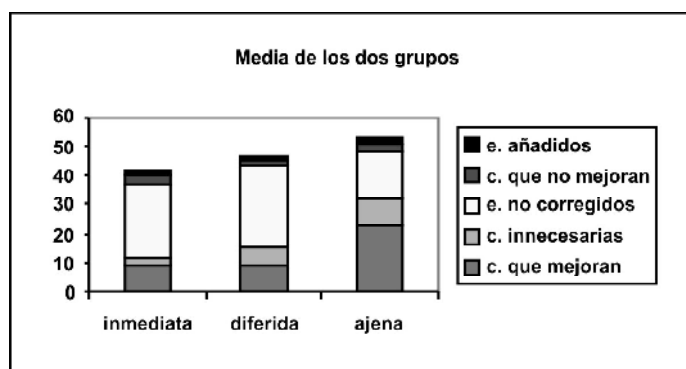
- correcciones que mejoran la traducción
- correcciones innecesarias

- errores no corregidos
- correcciones que no mejoran la traducción (sustitución de unos errores por otros)
- errores añadidos

Además de esto se hicieron otros análisis según importancia y tipo de errores, sobre todo de los no corregidos, por ser su representación especialmente numerosa. Esos resultados, muy elocuentes, sobre todo respecto al volumen de errores de morfología, no se recogen en este artículo, por lo limitado del espacio. Los que a continuación se presentan se refieren a la totalidad de errores y correcciones. Los dos diagramas siguientes pueden servir de ilustración de la manera en que se ha analizado cada proceso de revisión y de la comparación que se ha hecho de los diferentes procesos para cada uno de los estudiantes:



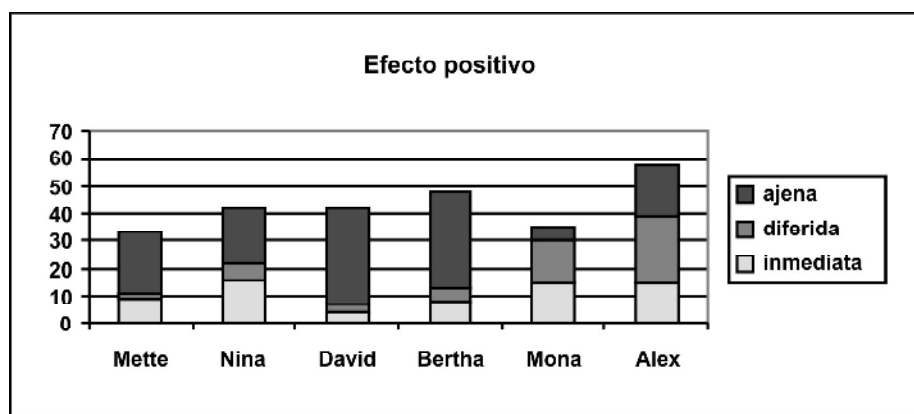
El resultado del análisis de todos los procesos a base de los datos de *Translog* nos da así una imagen global de los diferentes efectos de los tres tipos de revisión, que visualizamos en la figura de abajo:



Los resultados del análisis parecen confirmar la suposición relativa a la capacidad considerablemente mayor de los estudiantes para la revisión de la traducción ajena. Lo que no muestran, sin embargo, es que haya tenido ninguna incidencia el distanciamiento temporal a que se ha sometido la revisión de la traducción propia en la revisión diferida. Los procesos de revisión inmediata y diferida resultan muy similares, con un volumen muy elevado y casi idéntico de errores no corregidos, y con sólo algo más de correcciones innecesarias y un mínimo menos de errores añadidos o que vienen a sustituir a otros errores en la revisión diferida. Frente a esto en la revisión

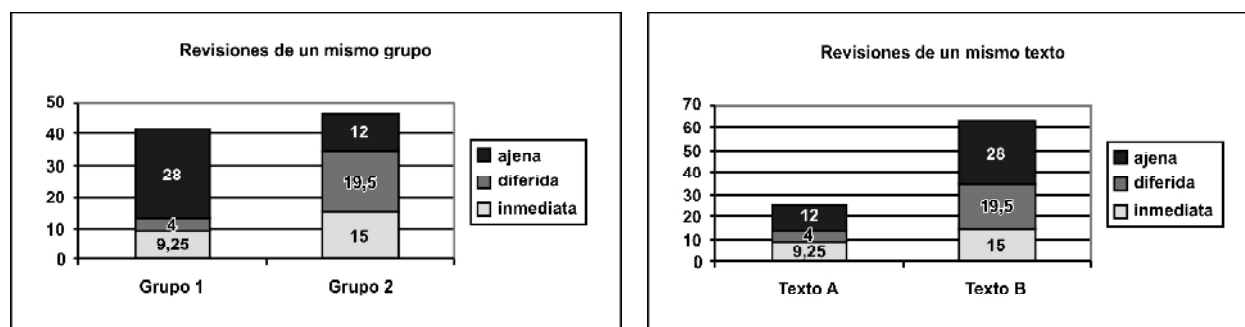
de la traducción ajena se observa un mayor esfuerzo, que se emplea positivamente en la corrección de errores, disminuyendo considerablemente el volumen de los no detectados o corregidos, gastándose mucho menos en correcciones innecesarias y mínimamente en correcciones erróneas. Si nos fijamos, sobre todo, en el efecto positivo de las tres revisiones, es decir en el volumen de mejoras que aportan, las diferencias no pueden ser más claras. La revisión de la traducción ajena resulta, con mucho, la más competente, mientras que la diferida parece sorprendentemente la menos eficaz, aunque no se distancie mucho de la inmediata.

Con este resultado podría concluirse el experimento, ya que se tendría la verificación de la primera hipótesis, mientras que la segunda y tercera hipótesis, respecto a las razones de la mayor competencia, según esto no se sostienen. Estos resultados referentes a la media de los dos grupos presentan, sin embargo, un problema. Como muchas veces ocurre cuando se hacen cuantificaciones de este tipo, la media puede ocultar, neutralizándolas, grandes desviaciones entre los diferentes sujetos, lo que lleva a conclusiones erróneas. Lo que aquí no apreciamos es la gran diferencia en el comportamiento de los dos grupos. Si consideramos el efecto positivo de las diferentes revisiones para cada estudiante por separado, la imagen es otra, tal como se muestra en la figura siguiente:



Los 4 primeros estudiantes componen el primer grupo y los dos últimos, el segundo. Lo que aquí puede verse es que, mientras los estudiantes del primer grupo presentan una revisión de la traducción ajena claramente más competente, siendo su revisión diferida de la traducción propia la peor con mucho, para los estudiantes del segundo grupo la revisión diferida es igual o bastante mejor que la inmediata, superando, en uno de los casos considerablemente, la de la ajena. Dado el reducido número de sujetos que componen este grupo, no puede saberse lamentablemente si se debe a características personales de estos estudiantes, ya que las diferencias son también muy grandes entre ellos, o si la disparidad en el comportamiento de los grupos se debe más bien a una diferencia

entre los textos, a pesar del control de dificultad a que se han sometido. En los dos diagramas siguientes se pretenden visualizar los dos enfoques: la diferencia de resultados entre los grupos, y las diferencias en los resultados obtenidos para cada texto en las tres revisiones:



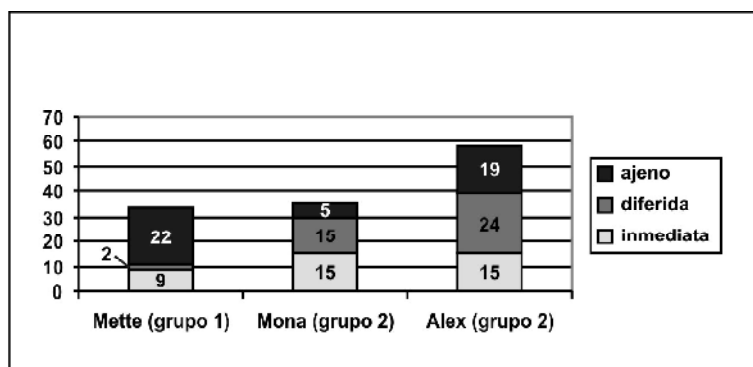
Es esta una cuestión que no puede dilucidarse en el presente experimento. Lo que sí podemos decir es que, si observamos la figura relativa a las diferencias entre los textos, podemos ver, por un lado, que el texto B ha mejorado incomparablemente más en todas las revisiones, por lo que puede pensarse que fuera más mejorable, pero por otro lado, lo que puede apreciarse es que ninguno de los dos textos mejora considerablemente más en la revisión diferida, y en ningún caso mejora tanto como en su revisión como texto ajeno.

Volviendo a nuestras hipótesis, podríamos decir, pues, que la primera se verifica para uno de los grupos pero no para el otro, aunque un análisis de los mismos datos desde otra perspectiva indique que, en general, la revisión del texto ajeno resulta más eficaz. En cuanto a las otras hipótesis, que no se sostienen según el experimento, tenemos que tener en cuenta que se trata de una hipótesis doble. De los datos cuantitativos de *Translog* sólo podemos deducir que la distancia temporal de la revisión diferida no ha hecho que la traducción se revise mejor, e incluso muchos datos indican que ocurre precisamente lo contrario. Lo que no podemos saber es la relación que hay entre distancia temporal y actitud crítica. Esa relación puede no ser tan natural como se supone generalmente, o puede haber otros factores que incidan tanto o más en la actitud crítica que la distancia temporal. Esto es lo que hemos intentado observar a base del análisis cualitativo de los *TAP*.

4.2. Análisis de los datos de la introspección

De los datos recogidos en los *TAP* voy a centrarme aquí, por lo limitado del espacio, en los que proporcionan los estudiantes cuyo proceso presenta las diferencias extremas entre los dos grupos. En este caso se trata de una afortunada casualidad que entre los estudiantes de cada grupo que verbalizan su proceso, nos encontremos precisamente con los dos que muestran las mayores diferencias: Mette, que representa de manera extrema las características del primer grupo, con una

competencia mucho mayor para la revisión de la traducción ajena, y un mínimo de competencia para la revisión diferida del propio texto, que resulta mucho menor que para la inmediata. Y Mona, del segundo grupo, quien no puede por tanto considerarse representativa más que de sí misma, y en la cual se igualan la revisión inmediata y diferida del texto propio, que a su vez son considerablemente mejores que las del texto ajeno. Otro de los estudiantes que hace la introspección es Alex, también del segundo grupo, que puede interesarnos especialmente por ser quien presenta el mayor equilibrio entre los tres procesos de revisión, y porque es en realidad el único que confirma nuestras suposiciones en relación con el efecto que tendría el distanciamiento temporal en la revisión del texto propio, que curiosamente supera aquí en calidad a la revisión del texto ajeno, lo que confirmaría nuestras sospechas iniciales relativas a las dificultades especiales que la revisión de textos ajenos tendría en la traducción inversa. En la figura siguiente se muestran las características de la actividad revisora de los tres estudiantes a base de los datos cuantitativos referentes al efecto positivo de las tres revisiones, comentándose más abajo la actitud que expresan en el proceso de su trabajo a base de los datos de los *TAP*. Lo que se pretende con ello es comprobar si puede establecerse una relación entre calidad de la revisión y actitud crítica, por un lado, y entre actitud crítica y distancia temporal, por otro:



- Mette: Ninguna actitud crítica en la revisión diferida de la traducción propia. Considera el texto acabado y se siente incapaz de mejorarlo (un total de 12 correcciones), olvidando prácticamente que se trata de una primera versión. Muy crítica respecto a la traducción ajena.
- Mona: Ninguna actitud crítica en la revisión de la traducción ajena. Considera el texto muy acabado y se siente incapaz de mejorarlo (un total de sólo 7 correcciones). Muy insegura y crítica respecto a la traducción propia, tanto en la revisión inmediata como en la diferida.
- Alex: La primera versión de su traducción presenta un carácter provisional, con varias alternativas para la solución de problemas. En la revisión diferida se observa mayor actitud crítica que en la inmediata. Su actitud crítica es también considerable en la revisión de la traducción ajena, aunque se muestra más insegura (30 correcciones en ambas, pero menos correcciones acertadas en la traducción ajena).

Lo que llama la atención en estos rasgos, necesariamente esquemáticos, de la introspección es la gran similitud de las posiciones extremas en cuanto a actitud crítica. Los comentarios de Mette y Mona son en realidad muy similares, sólo que referidos en el primer caso a la traducción propia en la revisión diferida y en el segundo caso, al texto ajeno. La palabra clave de su verbalización parece ser *texto acabado*, olvidándose en ambos casos algo que se sabe muy bien, y es que se trata de una primera versión. La idea del *texto acabado* impide en ambos casos la visión crítica, sin importar si se trata del texto propio o ajeno. Frente a estas similitudes, el comportamiento de Alex es muy distinto. Hace una labor concienzuda en todas las revisiones, replanteándose de forma especialmente efectiva el propio texto en la revisión diferida. La gran diferencia es que este estudiante no puede considerar su propio texto *acabado*, ya que las diferentes alternativas que presenta para soluciones de problemas le dan todo el aspecto de provisionalidad, a pesar de la distancia temporal que supone la revisión diferida. Esa distancia temporal le sirve, sin embargo, para replantearse el texto desde nuevas perspectivas y encontrar soluciones de carácter más global.

5. Discusión de resultados

Lo que podríamos deducir de los comentarios de la introspección es, pues, que el factor psicológico que hace percibir un texto como acabado o susceptible de cambios está estrechamente relacionado con la actitud crítica. Este factor puede incluso entrar en conflicto con la actitud crítica que supuestamente se derivaría de la distancia temporal, ya que el paso del tiempo puede conferir, como en el caso de Mette, categoría de definitivo a lo que en un principio tenía sólo carácter provisional. Desde este punto de vista se comprendería que la actitud crítica fuera mayor en la revisión inmediata, dentro de un proceso todavía abierto, que en la revisión diferida, con un proceso simplemente interrumpido pero que en la distancia adquiere categoría de cerrado, porque no se tiene ya la percepción de las diferentes posibilidades que se abrían para la solución de problemas. En este factor psicológico influye, a mi parecer, de forma importante, el uso del ordenador, que como decía en un principio, difumina las fronteras entre lo provisional y lo definitivo, borrando los indicadores de provisionalidad. Lo que hace Alex es precisamente mantener esos marcadores dejando el proceso abierto, lo cual le permite una nueva manipulación del texto.

Cabe preguntarse, entonces, cómo se explica que la mayoría de los sujetos mantengan una actitud crítica respecto al texto que podría parecer más acabado de todos, como es la primera versión del texto ajeno. Ahí surge la pregunta de si no supone esta revisión en realidad una actividad muy distinta. Aunque durante todo el tiempo estemos usando indiferentemente los términos *revisión de*

texto y revisión de traducción como si fueran equivalentes, habría que plantearse si no sería más justo hablar de una revisión de texto, cuando se trata del producto propio, y una revisión de traducción, cuando se trata del ajeno. Así podría suponerse que la revisión de la traducción ajena conlleva, de forma natural, una reapertura del proceso de composición del texto desde nuevas perspectivas y obliga, por ello, a adoptar una actitud crítica.

6. Conclusiones

Como se advertía al principio de este artículo, con el experimento que se ha presentado aquí no se pretendía llegar a conclusiones definitivas, sino simplemente ir explorando posibilidades y comprobando hipótesis que, a su vez, den lugar a hipótesis nuevas para su comprobación en experimentos sucesivos. A pesar de lo reducido de las muestras experimentales que se manejan, considero que los resultados que aquí se presentan abren ciertas perspectivas nuevas para el estudio de la competencia revisora y sus claves. Muestran, entre otras cosas, la complejidad en la actitud psicológica que dirige los procesos de evaluación, al revelarse como simplista la suposición de que a mayor distancia temporal corresponda una mayor distancia crítica. Nos hacen replantearnos también el sentido de la comparación de la revisión de textos propios y ajenos e incluso la conveniencia de utilizar en el diseño experimental textos distintos en lugar de comparar simplemente revisiones distintas de un mismo texto. La complejidad de factores que se pone de relieve en este experimento da, en último término, idea de que son varias las variables independientes que hay que combinar en exploraciones futuras para dar una imagen más justa de los retos que presenta la revisión y las estrategias más adecuadas para responder a ellos.

Bibliografía

BEREITER, C. & SCARDAMALIA, M. **The Psychology of Written Composition**. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum. 1987.

DANCETTE, J. & MÈNARD, N. Modèles empiriques et expérimentaux en traductologie: questions d' épistémologie, **Meta**, XLI, 1, 1996. p.139-156.

DIDAOU, M. Qualitätslektorat. In Snell-Hornby, M. et. al. (eds.) **Handbuch Translation**. Tübingen: Stauffenburg. 1998. p. 381-383.

HÖNIG, H. **Konstruktives Übersetzen**. Tübingen: Stauffenburg. 1995.

KIRALY, D. **Pathways to Translation: Pedagogy and Process**. Kent: The Kent State University Press. 1995.

KRINGS, H. P. **Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht: Eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern.** Tübingen: Narr. 1986.

KRINGS, H. P. **Repairing Texts. Empirical Investigations of Machine Translation Post-Editing Processes.** Kent: The Kent State University Press. 2001.

LADMIRAL, J-R. Traduction et informatique: Le traitement de texte au secours du traducteur. In Arntz, R. & Thome, G. (eds.) **Übersetzungswissenschaft. Ergebnisse und Perspektiven.** Tübinger Beiträge zur Linguistik. 1990. p. 489-498.

LÖRSCHER, W. **Translation Performance, Translation Process, and Translation Strategies. A psycholinguistic Investigation.** Tübingen: Narr. 1991.

LORENZO, M. P. La seguridad del traductor profesional en la traducción a una lengua extranjera. **Copenhagen Studies in Language**, 24. 1999. p. 121-134.

LORENZO, M. P. ¿Es posible la traducción inversa? - Resultados de un experimento sobre traducción profesional a una lengua extranjera. **Copenhagen Studies in Language**, 27. 2002a. p. 85-124.

LORENZO, M. P. Competencia revisora y Traducción inversa, **Cadernos de Tradução**, 10. 2002b. p. 133-166.

MOSSOP, B. **Editing and revising for translators.** Manchester: St. Jerome. 2001.

RISKU, H. **Translatorische Kompetenz. Kognitive Grundlagen des Übersetzens als Expertentätigkeit.** Tübingen: Stauffenburg. 1998.

HUXLEY E VERÍSSIMO O: A QUESTÃO DA "INFLUÊNCIA" NOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO¹

Silvana Maria de Jesus (Universidade Federal de Minas Gerais)

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da FALE-UFMG

ABSTRACT

This paper presents a study of discourse representation in fiction based on Halliday's Systemic Functional Linguistics and the methodological approach of Corpus Linguistics with the use of the software WordSmith Tools. The analysis is centered upon the ideational metafunction of language realized by the transitivity system. More specifically, it focuses on the mental processes and the logical-semantic relation of projection. The aim was to verify how the thoughts of the characters in the fictional corpus are represented through an analysis of a prototypical verb of mental process in English, the reporting verb THINK and its counterpart in Portuguese PENSAR, searching for patterns in their use in each novel of the corpus. It also focus on the matter of whether Huxley's text interferes on Verissimo's production as Portuguese author.

Keywords: Systemic-Functional Translation Studies, Transitivity, Discourse Representation, Corpus Linguistics.

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa sobre a representação do discurso ficcional embasado na Gramática Sistemico-Funcional proposta por Halliday e na Linguística de Corpus, utilizando-se o software WordSmith Tools. A análise focaliza a metafunção ideacional, realizada pelo sistema de transitividade, focalizando os processos mentais e a relação lógico-semântica da projeção. O objetivo da pesquisa foi observar como os pensamentos das personagens de um corpus ficcional são representados através dos verbos de elocução THINK e PENSAR, buscando descrever padrões textuais nos três romances que compõem o corpus. Os padrões textuais encontrados são comparados com o objetivo de se identificar uma possível "influência" do romance original de Aldous Huxley sobre a produção textual de Veríssimo tradutor e autor.

Palavras-chave: Estudos Sistemico-Funcionais da Tradução, Transitividade, Representação do Discurso, Linguística de Corpus.

1. Este artigo apresenta dados parciais da pesquisa de mestrado (Jesus, 2004).

Textos em relação tradutória

Através da metodologia da Linguística de Corpus e com o suporte da Gramática Sistemico-Funcional proposta por Halliday² (1994), teorias que dialogam com os Estudos da Tradução, o presente artigo situa-se no campo interdisciplinar conhecido como abordagens discursivas da tradução baseadas em corpora. Pretende-se contribuir para a análise textual das formas de representação do pensamento na ficção, a partir da análise dos verbos de elocução THINK (no inglês) e PENSAR (no português), em um corpus ficcional formado por três romances: *Point counter point*, *Contraponto* e *Caminhos cruzados*. Estes dois verbos foram selecionados como prototípicos de processos mentais de cognição em suas respectivas línguas em função da alta ocorrência dos mesmos no corpus.

A questão de investigação surgiu a partir da leitura do romance *Caminhos cruzados* de Érico Veríssimo (1979), especialmente do prefácio da obra, feito pelo próprio autor, no qual Veríssimo faz comentários interessantes sobre a relação desta com a obra *Point counter point*, do autor inglês Aldous Huxley (1994).

Segundo as informações do próprio autor em seu prefácio, Veríssimo publicou o romance *Caminhos cruzados* em 1935, depois de ter traduzido a obra do autor inglês Aldous Huxley, *Point counter point*, publicada pela primeira vez em 1928³. A tradução teve o título de *Contraponto* e sua primeira edição é de 1934. Os críticos acusaram Veríssimo de ter sofrido demasiada “influência” da tradução, e conseqüentemente, do original, na criação de *Caminhos cruzados*, ou seja, Veríssimo teria recriado em *Caminhos cruzados* várias das técnicas e temas presentes em *Point counter point*.

Daí então as perguntas de pesquisa: Seria possível, através dos estudos de corpora, identificar padrões análogos recorrentes nos três textos em pauta, que pudessem sustentar a afirmação da época, em relação à “parecença”? Até que ponto a escrita de Veríssimo, comparando-se o romance de sua autoria (*Caminhos cruzados*) e o romance por ele traduzido (*Contraponto*), incorpora traços léxico-gramaticais do romance de Huxley (*Point counter point*)?

No campo dos Estudos da Tradução, a pergunta “Qual a relação entre um texto traduzido e seu original?” é pertinente e recorrente (Halliday, 2001:14, House, 2001:127). A discussão sobre a

2. A primeira edição da obra *An introduction to functional grammar* é de 1985. A edição usada nesta pesquisa é a segunda, de 1994. Martin (1997:1) explica que os pressupostos da gramática funcional foram inicialmente aplicados por Halliday na língua chinesa, antes de sua elaboração da gramática para a língua inglesa; posteriormente, a gramática foi desenvolvida por outros pesquisadores em diversas línguas: francês, alemão, japonês, chinês e outros.

3. Nesta pesquisa, faço uso da edição de 1994 da Editora Flamingo de *Point counter point* (Huxley, 1994); da edição de 1971 da Editora Globo de *Contraponto* (Huxley, 1971); e da edição de 1979, também da Editora Globo de *Caminhos Cruzados* (Veríssimo, 1979).

relação entre a obra *Point counter point* de Aldous Huxley e a obra *Caminhos cruzados* de Érico Veríssimo, definida por vários críticos de décadas anteriores como “influência” (Chaves, 1996:13), nos leva a refletir sobre esta questão num novo viés: qual a relação entre um texto traduzido e um texto original de autoria desse tradutor, considerando, no caso, a “parecença” entre a obra de Veríssimo como tradutor (*Contraponto*) e sua obra como escritor (*Caminhos cruzados*)?

Coulthard (1991:2-3) propõe considerar a tradução como uma re-textualização, feita pelo tradutor, da mensagem que foi textualizada pelo autor. Coulthard (1994:1) vê “um texto como apenas uma das numerosas possibilidades de textualização” de uma mensagem, o que se aplica tanto para um texto fonte como para uma tradução. Segundo Vasconcellos (1998:216), a percepção de como “a realidade foi construída através da linguagem no texto fonte, pode ajudar a avaliar os significados escolhidos e re-textualizados no texto traduzido”.

Desta forma, a análise dos três romances aqui tratados visa observar padrões textuais de cada texto, cuja comparação poderá fundamentar ou não a analogia vista pela crítica entre o texto textualizado por Huxley (*Point counter point*), que Veríssimo re-textualiza em *Contraponto*, e a mensagem textualizada por Veríssimo em *Caminhos cruzados*. Não se tem como objetivo fazer uma análise extensiva das obras, tampouco chegar a um veredicto final sobre as questões. Tenta-se apenas fazer o recorte de um aspecto da questão e analisá-lo para fins de pesquisa linguística e não de julgamento (House, 2001:155).

O corpus e os padrões de textualização

A análise concentra-se, então, como já foi apontado, na textualização de processos mentais usados na representação dos pensamentos, mais especificamente, na análise dos verbos de elocução THINK e PENSAR, focalizando os pares *Point counter point* – *Contraponto* como corpus paralelo bilíngue (original-tradução), e *Contraponto* – *Caminhos cruzados* como corpus comparável, ou seja, dois romances em português do Brasil, sendo o primeiro um texto traduzido para essa língua e o segundo um texto originalmente produzido nela.

Point counter point é classificado como um romance de ideias (Bradshaw, 1994). Assim, as personagens se caracterizam muito mais pelas ideias que elas representam do que como representações de seres humanos. *Caminhos cruzados*, por outro lado, é considerado um romance realista, definido pelo próprio Veríssimo em seu prefácio como sendo cheio de histórias “objetivas e de pura ação”, sendo Veríssimo prestigiado por sua presteza como contador de histórias (Chaves, 1972).

No caso em questão, os verbos de elocução THINK e PENSAR aparecem como um aspecto interessante e relevante para descrição e comparação entre as obras, pois uma outra crítica feita à obra de Veríssimo por Monteith, que o autor cita em seu prefácio, foi a de que ele criou em *Caminhos cruzados* “personagens sem nenhuma profundidade psicológica” (Veríssimo, 1979: Prefácio), o que fortalece a expectativa de que a ocorrência de processos mentais não seria expressiva em *Caminhos cruzados*. O próprio Veríssimo (1979) comenta em seu prefácio que o livro foge “às sutilezas psicológicas”; poderíamos, então, supor que a obra não dá ênfase à apresentação dos pensamentos das personagens.

Partindo das reflexões do próprio Veríssimo, pode-se considerar que a ocorrência do verbo de elocução PENSAR no romance *Caminhos cruzados* seria bastante inferior à ocorrência do mesmo em *Contraponto* e de THINK em *Point counter point*, em vista da diferença entre os subgêneros das obras, e de que, segundo o próprio Veríssimo (1979) em seu prefácio, “a semelhança entre as obras é apenas de superfície”. A proposta desta pesquisa é comparar padrões de textualização na representação dos pensamentos das personagens, através dos verbos de elocução THINK e PENSAR, e observar sua analogia ou especificidade no corpus, utilizando como instrumento os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística de Corpus e a teoria gramatical da Linguística Sistêmico-Funcional.

A Linguística de Corpus e os Estudos da Tradução

Até a segunda metade do século XX, a palavra corpus (do latim, pl. corpora) era usada para se referir a um conjunto de textos utilizado para análises e pesquisas linguísticas. Esse material era impresso e tratado manualmente. Com o surgimento e desenvolvimento de computadores tornou-se possível o armazenamento de grandes quantidades de textos e o tratamento automático de dados. Na década de 1960, surgiram os primeiros corpora eletrônicos. Entre 1980 e 1990, os corpora eletrônicos proliferaram e ganharam prestígio junto a várias comunidades acadêmicas, entre elas a Linguística, culminando com o surgimento da disciplina denominada Linguística de Corpus (Kenny, 2001:22-27).

Os pesquisadores da tradução também foram atraídos pelo potencial linguístico representado pelos corpora. Entretanto, o texto traduzido não havia sido incluído na maioria dos corpora existentes. Coube então aos pesquisadores da tradução iniciar a compilação de corpora contendo textos traduzidos, não somente para pesquisas, mas também para legitimar a importância

do texto traduzido no contexto social e linguístico. Mona Baker (1993:234) constata que, no início dos anos 1990, o texto traduzido ainda ocupava um lugar inferior ao texto original, sendo excluído de muitos bancos de dados. Constata, também, que a maior parte das pesquisas em tradução se baseava na relação original-tradução e na busca de algum tipo de equivalência. Baker foi uma das pioneiras a defender que o acesso aos corpora de grandes dimensões no campo dos Estudos da Tradução iria reverter este enfoque para a busca de “princípios que governam o comportamento tradutório” (1993:235), o que gerou o desenvolvimento de corpora de textos traduzidos e o surgimento dos Estudos da Tradução baseados em corpora.

Importa ressaltar que, neste domínio, a palavra *corpus* significa, conforme definido por Baker (1995:225), um conjunto de textos eletrônicos, de fontes diversas, reunidos a partir de critérios e finalidades específicas, passível de receber tratamento automático ou semi-automático. E, como destaca Kenny (2001:23), um dos critérios para a compilação de um corpus é o uso de textos autênticos, ou seja, eventos comunicativos ocorridos naturalmente na língua. Sob esta perspectiva, o casamento da Linguística de Corpus com a Linguística Sistêmica tornou-se bastante viável, visto que esta última trata a linguagem sob uma perspectiva funcional.

A Linguística Sistêmico-Funcional

Dentre as várias vertentes funcionalistas, destaca-se aqui a proposta de Halliday (1994). A Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday não dissocia forma e significado; pelo contrário, o significado se realiza na forma. Entre as várias finalidades que podem ser alcançadas através desta teoria, destacam-se duas dentro do universo do discurso: “entendimento do texto” e “avaliação do texto”, ou seja, a Linguística Sistêmica proporciona a análise de “como e por que o texto significa” e “por que o texto é ou não uma realização bem sucedida do significado que se propôs realizar” (Halliday, 1994: xv).

Para descrever como o texto “significa”, ou seja, como ele textualiza a realidade, Halliday (1994: xiii) propõe três metafunções: ideacional, interpessoal e textual. Estas metafunções expressam a relação entre o sistema linguístico e o uso que é feito da linguagem, quer seja na forma como o texto representa nosso entendimento do mundo (metafunção ideacional), ou a forma como interagimos com o outro (metafunção interpessoal); estes dois aspectos são representados por escolhas específicas do sistema linguístico a partir de uma organização textual (metafunção textual). Assim como o texto não existe isolado de um contexto, que é o “contexto de situação”, a linguagem não

está isolada de seu meio, que é o “contexto de cultura”; texto, contexto, linguagem e cultura são elementos inter-relacionados na teoria funcional hallideana.

De acordo com Halliday (1994:xiv), nossas representações linguísticas são sobre as ações que se desenrolam no mundo material, os pensamentos que se situam no mundo mental ou sobre o ser e suas relações no mundo; assim, uma análise dos processos presentes no texto (aspecto experiencial da função ideacional), o que Halliday chama de acontecimentos ou *goings-on* (1994:106), revela o universo em que a mensagem está inserida. Halliday propõe a análise da função ideacional, realizada pelo sistema da transitividade (processos), através do qual representamos o mundo ao nosso redor.

Como foi apontado, Halliday (1994:106) classifica os processos em três grandes grupos: material, mental e relacional; e três grupos intermediários: existencial, verbal e comportamental. Para cada um destes tipos, Halliday atribui participantes específicos, como por exemplo, ator (*Actor*) e objetivo (*Goal*) nos processos materiais, portador (*Carrier*) e atributo (*Attribute*) nos processos relacionais.

Esta pesquisa focaliza os verbos que realizam processos mentais, mais especificamente, os verbos de elocução THINK e PENSAR, na investigação da representação dos pensamentos das personagens no universo ficcional.

O que aqui se denomina como representação do discurso é comumente chamado, em inglês, de *Reporting* ou *Reported Speech*. Fairclough (1988:125) questiona a adequação desta expressão e sugere o uso do termo *representação do discurso* (*discourse representation*), que será adotado nesta pesquisa, visto que, em português, não existe um termo específico para *reporting*, sendo este assunto geralmente mencionado nas gramáticas como “discurso direto e discurso indireto” (Bechara, 1999:481).

Halliday (1994:215) trata da representação do discurso em termos das relações entre orações, ou seja, através da análise do complexo oracional, mais especificamente, através do sistema lógico-semântico da projeção, que é realizada através de processos verbais e mentais.

Segundo Halliday (1994:250), a projeção é “uma relação lógico-semântica onde uma oração funciona não como uma representação direta de uma experiência (não-linguística), mas sim como uma representação de uma representação (linguística)”. Halliday (1994:250) explica que a relação de interdependência entre duas orações pode ocorrer de três formas no sistema da projeção: parataxe, hipotaxe e encaixe (*parataxis*, *hypotaxis*, e *embedding*).

Nos processos mentais, Halliday (1994:117) classifica os participantes da oração como experienciador e fenômeno (*Senser e Phenomenon*). Geralmente, o experienciador e o processo formam a oração projetante (*reporting clause*) e o fenômeno forma uma outra oração, denominada oração projetada (*reported clause*). Na análise dos verbos de elocução THINK e PENSAR, são considerados, então, três elementos:

- I. o experienciador, que para Halliday é sempre humano; no discurso ficcional é uma das personagens, podendo esta ser humana ou não;
- II. o processo mental prototípico THINK ou PENSAR
- III. o fenômeno, ou seja, o que foi pensado.

Nos exemplos abaixo extraídos do romance *Point counter point*, estes elementos são ilustrados:

‘What a fool!’ <fenômeno> she <experienciador> had thought <processo>
 he <experienciador> thought <processo> it was one of these ridiculous fusses about
 nothing <fenômeno>
 I <experienciador> think <processo> of you <fenômeno> so incessantly

Como o foco da pesquisa é a representação dos pensamentos das personagens, projetados pelos verbos realizadores de processos mentais THINK e PENSAR, foram analisados os tipos de fenômenos, bem como a frequência destes no corpus, considerando-se que a variação na forma implica em variações no significado. Para a classificação dos tipos de fenômeno, utilizou-se também a obra de Thompson (1994) sobre a representação do discurso.

A partir das categorias propostas por Halliday (1994) e Thompson (1994), os fenômenos projetados por THINK e PENSAR foram classificados em cinco tipos: i) sintagma (*thing*); ii) encaixe (*embedding*); iii) paráfrase ou discurso indireto (*report*); iv) citação ou discurso direto (*quote*); e v) relato descontínuo (*discontinuous reports*). Os quatro tipos de fenômeno analisados foram relacionados aos quatro tipos de funções propostos por Thompson (1994:84): palavras, significado, ideia geral e sem mensagem, exemplificados na Tabela 3. A análise quantitativa fundamentou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística de Corpus.

Procedimentos metodológicos

As ocorrências de THINK e PENSAR foram anotadas segundo o tipo de fenômeno e analisadas segundo as teorias da representação do discurso. Os dados foram tratados com o software *WordSmith Tools*.

O software *WordSmith Tools* foi desenvolvido por Mike Scott e comercializado pela Oxford University Press a partir de 1996. Para informações completas sobre o programa, remeto o leitor a Scott (1999, 2001) e Berber Sardinha (1999). Como explicita Berber Sardinha (1999), o programa é composto de ferramentas, utilitários, instrumentos e funções. Para este trabalho, utilizou-se duas ferramentas do programa: WordList e Concord, e um dos utilitários: Viewer. Importa ressaltar, como aponta Berber Sardinha (1999), que o software *WordSmith Tools* funciona a partir de três princípios abstratos: i) ocorrência (itens que não aparecem não serão contados), ii) recorrência (itens que aparecem uma única vez, chamados *hapax legomena*, são tão relevantes quanto itens que se repetem muito), e iii) co-ocorrência (um item tem relevância a partir dos itens que o acompanham). O uso das ferramentas e as análises linguísticas baseiam-se nestes princípios.

Após uma leitura inicial dos três romances, os mesmos foram digitalizados e corrigidos, anotados e analisados. Cada etapa do processo demanda atenção, dedicação de tempo e procedimentos específicos.

Os primeiros dados do corpus são levantados utilizando-se a ferramenta WordList: tamanho, número de palavras, quantidade dos verbos de elocução. Neste primeiro levantamento, destacou-se a quantidade de processos mentais em *Caminhos cruzados*, especialmente de PENSAR, o que confirmou a relevância da investigação de THINK e PENSAR no corpus. A ferramenta Concord é usada para se obter as linhas de concordância de THINK e PENSAR e o utilitário Viewer é utilizado para o alinhamento do corpus.

O corpus passa, então, por dois processos de anotação. Segundo Hunston (2002:79) “a anotação é o processo de adicionar informações ao corpus (...) para interpretação linguística do mesmo”. A informação é adicionada através de etiquetas (*tags*), ou seja, ela é inserida dentro de caracteres como <>, os quais foram usados nesta pesquisa. A contagem das etiquetas é facilitada pelo software *WordSmith Tools*, pois este permite visualizá-las ou ocultá-las.

Observando os dados do corpus

Para melhor apreciação dos dados quantitativos encontrados, faz-se necessária a apresentação de dados estatísticos sobre as obras em análise, extraídos com a ferramenta WordList.

Tabela 1: Dados estatísticos do corpus

Características/Obras	PCP	CP	CC
<i>Types</i> (vocabúlos)	14.426	19.483	11.544
<i>Tokens</i> (ocorrências)	173.492	186.259	93.120

PCP: *Point counter point*, CP: *Contraponto*, CC: *Caminhos cruzados*

Juntos, os três romances formam um corpus de cerca de 450 mil palavras. Segundo Berber-Sardinha (2000), este poderia ser considerado um corpus médio, entretanto, a abordagem de corpora de pequenas dimensões utilizada nesta pesquisa define-se pela metodologia de análise e não pelo tamanho absoluto do corpus. Como aponta Sinclair (2001:xi) a pesquisa com corpora de pequenas dimensões caracteriza-se como aquela onde o pesquisador, a partir da operação manual ou automática de um pequeno corpus, extrai uma amostra de dados linguísticos que serão analisados à luz de uma teoria discursiva, retornando então o pesquisador ao corpus para confirmação das perguntas de pesquisa

Os dados mostram que a tradução, *Contraponto*, é maior que o original, *Point counter point*, tanto em vocábulos como em ocorrências. *Caminhos cruzados* é cerca de 50% menor que as outras duas obras, dado relevante para a análise do número de ocorrências de THINK e PENSAR nos três romances.

É grande a quantidade de PENSAR em *Caminhos cruzados*, considerando-se o tamanho da obra e a expectativa, segundo os comentários de Veríssimo sobre o romance, de que este não enfocasse o aspecto psicológico das personagens. Levando-se em conta o número de *tokens* das obras, *Point counter point* possui 0,28% de THINK, *Contraponto* possui 0,22% de PENSAR enquanto que, em *Caminhos cruzados*, PENSAR representa 0,32% da obra, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2: Quantidade de THINK/PENSAR no corpus

	<i>PCP</i>	<i>CP</i>	<i>CC</i>
TOKENS	173.492	186.259	93.120
Ocorrências Think/Pensar	487	398	295
Porcentagem	0.28%	0.22%	0.32%

Usando as ferramentas do software *WordSmith Tools* e o processo de anotação foram analisados os tipos de fenômeno projetados pelos verbos de elocução THINK e PENSAR, bem como as funções destes tipos de fenômeno no corpus da pesquisa.

Dentre os cinco tipos de fenômeno - descontínuo, sintagma, encaixe, paráfrase e citação – o encaixe foi eliminado devido a sua baixa ocorrência no corpus, não havendo nenhum caso em *Caminhos cruzados*. Como foi dito, os quatro tipos de fenômeno analisados foram relacionados com os quatro tipos de funções propostos por Thompson. A Tabela 3 exemplifica os tipos de fenômeno e suas funções.

Tabela 3: Tipos de fenômeno de THINK e PENSAR e suas funções

Função	Tipo de fenômeno	Exemplos retirados de <i>Point counter point</i>
Palavras	Citação	'How absurd he looks!' <i>thought</i> Mary, as she glanced at him.
Significado Idéia geral	Paráfrase Sintagma (sintagma nominal, geralmente preposicionado)	He didn't <i>think</i> she would He <i>thought</i> of Carling 'I don't <i>think</i> anything
Sem mensagem	Descontínuo	His <i>thoughts</i> returned to Marjorie

A Tabela 4 apresenta a frequência dos tipos de fenômeno no corpus, associados às suas respectivas funções.

Tabela 4: Ocorrência e percentagem dos tipos de fenômeno no corpus

Tipo/Função	<i>Point counter point</i>		<i>Contraponto</i>		<i>Caminhos cruzados</i>	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Citação/Palavras	103	21	124	31	78	26
Paráfrase/Significado	139	28	42	11	14	5
Sintagma/Idéia geral	150	31	129	32	125	43
Descontínuo/Sem mensagem	95	20	103	26	78	26
TOTAL	487	100	398	100	295	100

Observa-se que, em termos absolutos, o tipo de fenômeno mais utilizado nos três romances do corpus foi o sintagma, que representa uma ideia geral do que foi pensado. Proporcionalmente, o sintagma tem alta ocorrência em *Caminhos cruzados*, representado 43% do total. Nota-se também que a paráfrase é o tipo de fenômeno que mais varia no corpus, ocorrendo 28% no original, 11% na tradução e apenas 5% em *Caminhos cruzados*.

Cada um destes tipos de fenômeno representa uma forma de representação do pensamento das personagens, segundo as funções a eles atribuídas. Segundo Halliday (1994:256), citação e paráfrase “não são simples variações de forma: elas diferem no significado”. Como foi explicitado anteriormente, na citação, uma oração é projetada pela outra através da representação das palavras que foram ditas pelo falante no ato de fala. As orações são independentes e estão ligadas parataticamente. Na paráfrase, o significado do que foi dito é reconstruído em uma oração (projetada) e é projetado por uma outra oração (projetante). Neste tipo de combinação, denominado hipotaxe, a oração da mensagem representada é dependente da oração principal que contém a marca da representação.

Caldas Coulthard (1994:304) afirma que o uso de citação é uma estratégia retórica para legitimar o que é relatado, tornando o discurso mais vivo, mais dramático. A paráfrase, por outro

lado, marca a interferência explícita do narrador. Garcia (1986:130) também endossa esta ideia, apontando que, na citação, o narrador representa o discurso como se tivesse as cenas do passado diante de si, evocando os fatos em quadros que se sucedem de maneira mais concreta. Ressalta-se ainda que a citação tipicamente é projetada por processos verbais e não por processos mentais (Halliday, 1994:250)

Deste ponto de vista, justifica-se que Huxley use mais paráfrase (28%) do que citação (21%), visto que o foco do romance são as ideias das personagens e não as personagens em si. Em *Caminhos cruzados*, por outro lado, Veríssimo faz maior uso da citação (26%) e pouco uso da paráfrase (5%), o que poderia ser associado ao “estilo elétrico” atribuído à obra pelo crítico William Dubois, segundo Veríssimo (1974:256), em suas memórias.

Apesar de estes dois tipos de estrutura – citação e paráfrase - serem considerados os mais típicos pelas gramáticas (Quirk et al., 1985:1020), os dados mostram que eles não representam a maioria em relação aos verbos THINK e PENSAR em nenhuma das obras analisadas. Citação e paráfrase correspondem a 49% das ocorrências em *Point counter point*, 42% em *Contraponto* e apenas 31% em *Caminhos cruzados*.

Comparando-se, primeiramente, original e tradução, nota-se que Veríssimo usa, na tradução, mais citação com PENSAR (31%) do que Huxley usa com THINK (21%). Com relação à paráfrase, que ocorre somente 11% na tradução e 28% no original, um aspecto interessante a ser observado é o uso de THINK para indicar modalização, mais especificamente, probabilidade, função que na tradução é realizada pelo verbo ACHAR.

Quanto ao uso de paráfrase em *Caminhos cruzados*, nota-se que Veríssimo utiliza apenas 5% de PENSAR com paráfrase, em contraste com 26% de citação, sinalizando uma menor interferência do narrador, o que, como foi apontado, pode ser associado à caracterização de dinamismo da obra, atribuída pelo próprio Veríssimo.

Considero que o uso de citação e paráfrase está relacionado a uma maior preocupação em explicitar os pensamentos das personagens, enquanto que no uso de sintagma e relato descontínuo essa preocupação é menor, caracterizando diferentes tipos de representação do pensamento.

O uso de sintagma como o tipo de fenômeno de maior ocorrência no corpus é um dado pouco esperado, considerando-se que citação e paráfrase são os tipos mais comuns, conforme apontado pela literatura, onde o sintagma não é muito explorado na representação do discurso. Conforme os

dados apurados, este tipo de fenômeno não apresenta grande variação entre o original (31%) e a tradução (32%). Já em *Caminhos cruzados*, esta categoria destaca-se bastante, correspondendo a 43% das ocorrências. Observa-se, também, que a ocorrência de sintagma nominal não preposicionado foi baixa no corpus: 15 ocorrências em *Point counter point*, 4 em *Contraponto* e 4 em *Caminhos cruzados*; portanto, a maioria dos casos representa sintagmas nominais preposicionados. Além de resumir o que foi pensado, este tipo de fenômeno parece ser utilizado para fragmentar a ideia, apresentando, muitas vezes, o pensamento da personagem como uma lembrança, uma imagem.

Os dados mostram que citação e paráfrase correspondem a 49% em *Point counter point*, 42% em *Contraponto* e 31% em *Caminhos cruzados*. Por outro lado, sintagma e descontínuo correspondem a 51% em *Point counter point*, 58% em *Contraponto* e 69% em *Caminhos cruzados*.

Isto representa diferentes configurações do pensamento nas obras. Enquanto *Point counter point* tem uma distribuição equilibrada entre as duas categorias, *Contraponto* destaca-se pelo uso um pouco maior de sintagma e descontínuo do que o original, enquanto que em *Caminhos cruzados* o uso de sintagma e descontínuo é predominante.

Esta distribuição aponta para diferentes caracterizações, sobretudo no que diz respeito à comparação entre os romances *Point counter point* e *Caminhos cruzados*. Enquanto Huxley preocupa-se em apresentar mais explicitamente o pensamento das personagens, expressando de maneira mais acabada suas ideias e opiniões, Veríssimo, em *Caminhos cruzados*, focaliza esta representação de forma mais fragmentada, preocupando-se menos com a representação exata do que foi pensado.

Os dados mostram que na tradução, sintagma e descontínuo também são maioria (58%), apontando para uma distinção entre o original e a tradução. Entretanto, cabe aqui ressaltar a questão do uso da paráfrase com ACHAR na re-textualização de THINK na tradução, que demanda uma nova pesquisa. De qualquer forma, a alta ocorrência de sintagma e descontínuo na tradução parece apontar um aspecto estilístico de Veríssimo.

As diferenças no uso de PENSAR caracterizam diferentes padrões de uso deste verbo de elocução feitos por Veríssimo tradutor e Veríssimo autor.

Conclusão

Este trabalho se propôs a investigar, dentro dos Estudos da Tradução baseados em corpora, e a partir dos pressupostos teóricos da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday, que se constituem

em uma abordagem discursiva da tradução, os padrões de representação dos pensamentos de personagens em um corpus ficcional de pequenas dimensões, utilizando-se a metodologia da Linguística de Corpus. Teorias sobre a representação do discurso complementam o suporte teórico da pesquisa. O trabalho constatou que cada um dos recursos teóricos e metodológicos citados acima apresenta grande potencial de aplicação em análises linguísticas e textuais, inclusive para os Estudos da Tradução.

Os Estudos da Tradução baseados em corpora de pequenas dimensões, teórica e metodologicamente orientados pela Linguística de Corpus, oferecem, através do uso de softwares como o utilizado nesta pesquisa – o *WordSmith Tools* – inúmeras possibilidades de investigação da linguagem, colocando à disposição do pesquisador, recursos computacionais que facilitam a obtenção de dados quantitativos que corroboram padrões linguísticos existentes em ocorrências naturais da língua. Além de padrões, o estudo com corpora revela também usos criativos da linguagem, tanto por parte do autor quanto do tradutor, exemplificando, assim, que os estudos de corpora oferecem mais do que apenas dados óbvios ou meramente quantitativos.

A Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday, explorada neste trabalho no aspecto do sistema de transitividade e do sistema lógico-semântico de projeção, mostrou-se produtiva enquanto teoria gramatical aplicada na investigação textual, possibilitando a descrição e a comparação de textos, oferecendo ao pesquisador recursos para a análise de como a linguagem representa a realidade e como as formas linguísticas servem à realização de determinados significados.

A Linguística Sistêmico-Funcional é uma teoria abrangente que serve de instrumento para a descrição linguística, a partir da elaboração dos sistemas que compõem o potencial das línguas. Entretanto, cada língua possui especificidades próprias, sendo, portanto, necessário, o desenvolvimento de descrições sistêmicas do português, aspecto para o qual esta pesquisa contribui.

Finalmente, as teorias sobre a representação do discurso, com ênfase dada por esta pesquisa nos verbos de elocução, mostraram-se relevantes quanto à investigação de textos literários, onde os verbos de elocução ocorrem de forma significativa.

A análise focalizou a investigação de dois verbos prototípicos de processos mentais – os verbos de elocução THINK e PENSAR – descrevendo como estes verbos projetam o pensamento das personagens nos romances que compõem o corpus: *Point counter point*, *Contraponto* e *Caminhos cruzados*. A pesquisa investigou os padrões de representação dos pensamentos das personagens,

motivada pelas críticas feitas a Veríssimo sobre a “influência” que a obra de Huxley teria em sua produção literária.

A forma predominante nas três obras em análise foi a representação dos pensamentos das personagens através de sintagma preposicionado, cuja função é resumir o que foi pensado, dando ao leitor uma ideia geral e não o conteúdo específico do pensamento. Os dados mostram que a paráfrase e a citação (discurso indireto e direto), geralmente consideradas como as formas mais comuns pelas gramáticas, não representam a maioria das ocorrências em nenhuma das obras em análise. O uso de relato descontínuo e de sintagma preposicionado mostrou-se muito produtivo no corpus.

Apesar da grande quantidade de ocorrências de PENSAR em *Caminhos cruzados*, o que aproximaria a mensagem textualizada por Veríssimo da mensagem textualizada por Huxley, a pesquisa mostrou que as formas de representação do pensamento utilizadas por Veríssimo não somente diferem das formas usadas por Huxley, como também criam significações diferentes no texto.

Enquanto Huxley enfatiza a representação do conteúdo dos pensamentos das personagens através do uso de citação e paráfrase, configurando uma significação condizente com o gênero da obra – um romance de ideias, Veríssimo, por outro lado, focaliza, em *Caminhos cruzados*, a fragmentação dos pensamentos das personagens, através do uso de sintagma preposicionado e relato descontínuo, aspecto também condizente com o gênero da obra – um romance urbano moderno, entre a crônica de costumes e a notação intimista.

Está pesquisa contribui, portanto, para os estudos sobre a representação do discurso em textos literários, e para os Estudos da Tradução baseados em corpora, promovendo a aplicação de conceitos teóricos e metodológicos para a descrição e comparação de textos traduzidos e seus originais.

Referências

- BAKER, M. Corpus Linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER et al. (Ed.). **Text and technology: In honour of John Sinclair**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993: 233-250.
- BAKER, M. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. **Target**, Amsterdam, v. 7, n. 2, 1995: 223-243.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BERBER SARDINHA, Tony. Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem. **DIRECT Papers** 40, 1999. Disponível em: < <http://lael.pucsp.br/~tony/download.htm> > Acesso em: 12 março 2003.

BERBER SARDINHA, Tony. Linguística de Corpus: Histórico e Problemática. **DELTA**. [online]. 2000, vol.16, no.2. Disponível em: < <http://lael.pucsp.br/~tony/download.htm> > Acesso em: 12 março 2003.

BRADSHAW, David. Aldous Huxley (1894-1963). [Preface] IN: HUXLEY, Aldous. **Point counter point**. London: Flamingo, 1994. (Coleção Modern Classic).

CHAVES, Flávio Loureiro. **Érico Veríssimo o escritor e seu tempo**. Porto Alegre: Escola Técnica/UFRGS, 1996:13.

CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Érico Veríssimo**. Porto Alegre: Globo, 1972.

COULTHARD, Malcolm. A tradução e seus problemas. In: COULTHARD, M. & CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa (Org.). **Tradução: teoria e prática**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991:1-15.

COULTHARD, Malcolm. On analysing and evaluating written text. In: COULTHARD, Malcolm. (Ed.) **Advances in written text analysis**. London & New York: Routledge, 1994:1-11.

FAIRCLOUGH, Norman. Discourse representation in media discourse. **Sociolinguistics**, n. 17, 1988:125-139.

GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna**. 13. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986:129-151.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K. Towards a theory of good translation. In: STEINER, E., YALLOP, C. (Ed.). **Exploring translation and multilingual text production: beyond content**. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001:13-18.

HOUSE, J. How do we know when a translation is good? In: STEINER, E., YALLOP, C. (Ed.). **Exploring translation and multilingual text production: beyond content**. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001:127-160.

HUXLEY, Aldous. **Point counter point**. London: Flamingo, 1994. (Coleção Modern Classic)

HUXLEY, Aldous. **Contraponto**. Trad. Érico Veríssimo. Porto Alegre: Editora Globo, 1971. (Tradução de: *Point counter point* – Coleção Imortais da Literatura).

HUNSTON, Susan. Methods in Corpus Linguistics: interpreting concordance lines. In: **Corpora in applied linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002: 38-95.

JESUS, Silvana Maria de. **Representação do discurso e tradução: padrões de textualização em corpora paralelo e comparável**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG/PosLin, 2004. (Dissertação, Mestrado em Letras/Linguística Aplicada).

KENNY, D. **Lexis and creativity in translation: a corpus-based study**. Manchester, UK & Northampton MA: St Jerome Publishing, 2001: 22-72.

QUIRK, Randolph, GREENBAUM, Sidney, LEECH, Geoffrey and Jan SVARTVIK. **A Comprehensive Grammar of the English Language**. London & New York: Longman, 1985.

SCOTT, Mike. **WordSmith Tools**. Oxford University Press, 1999. Disponível em < <http://www.lexically.net/wordsmith/> > Acesso em: 12 março 2003.

SCOTT, Mike. Comparing corpora and identifying key words, collocations, frequency distributions through the *WordSmith Tools* suite of computer programs. In: GHADDESSY, M. et al. (Ed.). **Small corpus studies and ELT. Theory and practice**. Amsterdam: John Benjamins, 2001: 47-67.

SINCLAIR, J.M. Preface. In: GHADDESSY, M. et al. (Ed.). **Small corpus studies and ELT. Theory and practice**. Amsterdam: John Benjamins, 2001: vii-xv.

THOMPSON, Geoff. **Collins Cobuild English Guides 5: Reporting**. London: HarperCollins Publishers, 1994: v-32, 120-135.

VASCONCELLOS, M.L. *Araby* and meaning production in the source and translated texts: a systemic functional view of translation quality assessment. **Cadernos de Tradução III**. Florianópolis: UFSC, 1998:215-254.

VERÍSSIMO, Érico. **Solo de Clarineta: memórias**. 4. ed. v.1. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. (1ª. ed., 1973)

VERÍSSIMO, Érico. **Caminhos cruzados**. 23. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1979. (1ª. ed., 1935)

AS DEFINIÇÕES EM DICIONÁRIOS DE MEDICINA E DE DERMATOLOGIA: QUE MODELO ADOPTAR?

Viviane do Amaral Ferini (Universidade Estadual Paulista - UNESP)

Bolsista FAPESP

Lidia Almeida Barros (Universidade Estadual Paulista - UNESP)

Participação no encontro da ABRAPT financiada pela FAPESP

ABSTRACT

We intend, in this article, to discuss terminological definitions from the point of view of their content. More specifically, we intend to analyze models of definition found in Medical and Dermatological dictionaries to verify if their definitions are adequate for a target public composed of specialists in Dermatology, students and residents in this medical field.

Keywords: Terminology, Dictionary, Definition, Dermatology.

RESUMO

Pretendemos, neste artigo, abordar a definição terminológica sob o ponto de vista de seu conteúdo. Mais especificamente, pretendemos analisar modelos de definição encontrados em dicionários de Medicina e de Dermatologia com o fim de verificar se os enunciados definicionais são adequados a um público-alvo composto de especialistas em Dermatologia, estudantes e residentes dessa área médica.

Palavras-chave: Terminologia, Dicionário, Definição, Dermatologia.

1. Introdução

A definição é um ponto central para aqueles que se aventuram na elaboração de obras terminográficas. Encontrar os traços conceituais pertinentes e importantes de serem descritos quando da redação de uma definição não depende apenas da natureza da palavra ou do termo a ser definido, mas também da finalidade da obra em questão e de seu público alvo. O projeto terminográfico Vocabulário Multilíngue de Dermatologia (o VMD), no qual desenvolvemos nossas pesquisas, permitiu-nos viver a experiência de redação de um conjunto de definições, fato que nos possibilitou o contato com a teoria e a praxis dicionarística.

Ao estudar as teorias que norteiam o trabalho definitório, percebemos que a discussão em relação ao conteúdo conceitual, ou seja, aos traços conceituais necessários à compreensão do termo a ser definido ainda não se esgotou entre os terminólogos.

No que tange a essa questão, pretendemos, neste artigo, basear-nos em teóricos como Rey (1977), Felber (1984), Larivière (1996) e Béjoint (1997) e, à luz de algumas reflexões desses autores, mostrar como os dicionários médicos e os dicionários de Dermatologia se comportam em relação ao conteúdo expresso na definição.

Essa análise será ilustrada com a apresentação dos mesmos termos em quatro obras, duas de Medicina, a saber, dicionário Dorland (1997) e Stedman (1997) e duas de Dermatologia, a saber, *Dictionnaire de dermatologie* (1990) e *Dictionnaire de dermatologie pédiatrique* (1985). Pretendemos, após essa análise, apresentar a tipologia conceitual de definição adotada em nosso dicionário (o VMD).

2. Os traços conceituais: a caminho de uma tipologia de definição terminológica

O conceito designado pelo termo que encabeça um verbete de dicionário especializado é descrito por meio do enunciado definicional. Este deve conter os traços conceituais, ou seja, as representações mentais de uma propriedade de um objeto (ISO 1087, 1990, p.2) que permitem identificar e distinguir os conceitos.

Estudar a definição, seus princípios e características não é uma tarefa fácil. Vários são os autores que propõem classificações tipológicas de definição, baseadas em sua composição (conteúdo), estrutura, finalidade e outros elementos. Neste trabalho, interessa-nos especificamente a tipologia

de definição segundo sua composição (conteúdo) e finalidade. Nesse sentido, Larivière dá uma grande contribuição aos estudos da definição, distinguindo-as da seguinte maneira:

- a) *definição lexical*: que alguns chamam de nominal e que se compõe de uma perífrase sinonímica. Ex: **aerograma**: carta enviada por avião.
- b) *definição conceitual*: que se compõe de um enunciado que compreende um termo de base ou que inclui (gênero próximo, classe, categoria) e proposições que explicitam os traços semânticos (diferenciadores e essenciais) de um conceito. Ex: **attache (de) signature**: conjunto de elementos que seguem a fórmula de polidez, com a qual forma a subscrição de uma carta e que serve para identificar a pessoa expedidora.
- c) *definição referencial*: que se compõe de uma definição, lexical ou de uma conceitual, seguida de um desenvolvimento sob a forma de uma descrição que comporta os traços acessórios de um conceito. Ex: **cabeçalho de carta**: inscrição impressa na razão social ou na denominação oficial de um organismo expedidor. Tem uma dupla função: fornecer aos destinatários a identidade do organismo expedidor (função utilitária), que se coloca geralmente no alto da página e que pode compreender os elementos principais seguintes apresentando uns sob os outros ou em linha contínua: sobrenome, endereço postal e telegráfico, números de telefone, de fax e de telex. Pode também compreender o slogan de uma empresa ou indicações publicitárias, seu logotipo ou qualquer outro grafismo, seus níveis hierárquicos, passando do geral ao particular, seu status jurídico, o endereço da sede social, os escritórios regionais e sucursais, o sobrenome dos membros do conselho e da administração, a enumeração dos produtos e a indicação de seus horários de funcionamento. Somente a primeira página da carta apresenta-se sobre o formulário com cabeçalho.

(Larivière, 1996, p.406-7, tradução nossa)

Segundo Larivière, as obras lexicográficas e terminográficas não são homogêneas quanto ao tipo de composição de suas definições. O que se verifica, na maior parte dos casos, é que a definição lexical predomina nos dicionários de língua geral, a conceitual nos vocabulários especializados e a referencial nas enciclopédias ou dicionários enciclopédicos.

Alguns autores, ao refletirem sobre os traços conceituais que devem ser levados em consideração quando da elaboração da definição, acabam por distinguir *definição*, de *descrição* e de *explicação*. Segundo Alain Rey, “enquanto a primeira deve explicitar todos os traços pertinentes de significação (definição linguística) ou todos os traços conceituais pertinentes, e nada mais do que isso, a descrição pode acumular traços pertinentes e traços característicos não-pertinentes” (Rey, 1977, p.42).

Comparando essa colocação de Rey aos tipos de definições que acabamos de expor, percebemos que a “definição lexical” e a “definição conceitual” de Larivière estão para a “definição” de Rey, assim como a “definição referencial” de Larivière está para a “descrição” de Rey.

Para Béjoint (1997) a definição terminológica tem uma estreita relação com a descrição, ou seja, o autor acredita ser, por vezes, necessária a explicitação de traços menos importantes em uma definição, dependendo do seu destinatário.

Há, sem dúvida, traços mais ou menos centrais em toda definição, alguns são indispensáveis (não ousaria dizer “essenciais”), outros secundários e outros ainda intermediários, em diferentes graus. A definição não é apenas uma lista de traços mais ou menos pertinentes. É, da mesma forma, uma descrição funcional do conceito [...] Trata-se de fornecer ao usuário da definição os elementos que podem ser úteis dentro de um determinado contexto. (Béjoint, 1997, p.22 e 23)

Concordamos com Béjoint sobre essa questão e, apesar de toda complexidade que envolve a elaboração de definições, acreditamos que o mais importante seja fornecer ao usuário do dicionário uma definição funcional, com traços semânticos pertinentes ao contexto em que a obra se insere.

Helmut Felber (1984) distingue a *definição* da *explicação*:

Uma definição é uma descrição de um conceito feita por meio de outros conceitos conhecidos, sobretudo sob a forma de palavras e termos. A definição determina o lugar desse conceito em um sistema em relação a outros conceitos semelhantes. Uma explicação é uma descrição de um conceito feita independentemente de seu lugar em um sistema conceitual. (Felber, 1984., p.135)

Percebemos, por meio das citações acima, que a definição, para Felber, organiza suas informações de modo a evidenciar seu lugar dentro de um sistema estruturado de conceitos. Por sua

vez, a explicação é uma descrição de um conceito isolado. É importante ressaltar que nem todos os terminólogos concordam com essa distinção, uma vez que nem todos repertórios terminológicos estruturam os conceitos e os termos em uma lista sistemática ou árvore do domínio.

Acreditamos, enfim, que cada obra terminográfica ou lexicográfica possua características específicas que determinam o conteúdo e a organização do enunciado definicional.

3. Ostipos de definições encontradas em obras médicas e de Dermatologia

A fim de identificarmos o tipo de definição mais adequado a um dicionário de Dermatologia em português, que tem como público-alvo estudantes de Medicina e especialistas ou residentes em Dermatologia, procedemos à análise de dois dicionários médicos (Dorland e Stedman) e de dois dicionários especializados em Dermatologia. Como esses últimos ainda não existem no Brasil, baseamo-nos em duas obras francesas, a saber *Dictionnaire de dermatologie*, de F. Daniel (1990) e *Dictionnaire de dermatologie pédiatrique*, de J. Bonafé *et al.* (1985).

Para efeito de estudo, escolhemos, inicialmente, o termo *eritema anular centrífugo* e procedemos à comparação dos dados contidos nos respectivos verbetes constantes das obras Stedman e *Dictionnaire de dermatologie*. Os enunciados lexicográficos apresentam os seguintes dados:

Eritema anular centrífugo: erupção eritematosa recidivante crônica que consiste em lesões anelares pequenas e grandes, tanto isoladas como confluentes; em geral há uma escassa crosta marginal. (Stedman, 1997, p.441)

Éruthème annulaire centrifuge (Eritema anular centrífugo)

Definição

Dermatose caracterizada por lesões eritematosas dispostas em anéis localizados, limitadas por uma dobra de gordura periférica, papulosa, saliente e de extensão centrífuga.

Classificação e fisiopatologia

CLASSIFICAÇÃO

Dois tipos clínicos de E.AC. foram identificados:

- uma forma superficial, com bordas periféricas pouco nítidas, superfície escamosa e prurido frequente;
- uma forma profunda com borda papulosa típica.

Nenhuma correlação etiológica foi estabelecida entre este aspecto clínico e a origem da EAC. O MECANISMO de formação das lesões é desconhecido.

Diagnóstico clínico

Evocado diante de uma erupção pápulo eritematosa de evolução centrífuga.

- no começo, simples pápula edematosa rosada e saliente,
- depois extensão progressiva com constituição em 2 zonas:
 - zona central de coloração amarelo-claro ou normal
 - zona periférica marcada por uma dobra de gordura rosada, papável, de 3 a 5 mm de largura e de 2 a 3 mm de espessura, caindo verticalmente, do lado externo da pele sã, e em inclinação moderada sobre o lado interno;
- os elementos são em número variável, atingindo sobretudo o tronco e a raiz dos membros. Eles evoluem de 2 a 3 semanas para produzir lesões de tamanho variável (3 a 10 cm de diâmetro) frequentemente confluentes ou figuradas e policíclicas;
- o prurido é variável e a evolução imprevisível, podendo ocorrer por ataques durante meses.

Diagnóstico diferencial: outras dermatoses anulares.

Procedimentos

CONFIRMAR O DIAGNÓSTICO

Biopsia cutânea

Em geral, pouco mencionada, mostra:

- uma epiderme subnormal,
- uma derme edematosa com infiltrado de células mononucleadas linfocitárias perivasculares.

Imunofluorescência

Deve ser feita sistematicamente a fim de se encontrar uma banda lúpica e/ou uma dermatose bolhosa.

RESULTADO ETIOLÓGICO

A falta de causa detectada e uma história familiar permitem evocar as formas genotípicas, de fato, raras.

TRATAMENTO: puramente etiológico se a causa puder ser detectada. (*Dictionnaire de dermatologie*, 1990, p.243-4, tradução nossa)

Observando os elementos acima, percebemos que o termo *eritema anular centrífugo* recebe uma definição de tipo conceitual no dicionário Stedman. O descritor inicial do enunciado definicional dessa obra constitui o gênero próximo *erupção eritematosa* e vem seguido dos traços semânticos

que Larivière define como essenciais e diferenciadores: *lesões anelares pequenas e grandes, isoladas e confluentes, escassa crosta marginal*. Esse enunciado definicional curto apresenta apenas os traços essenciais que servem à compreensão geral do termo.

Já o mesmo termo no dicionário de Dermatologia francês apresenta uma definição conceitual semelhante à do dicionário Stedman seguida de uma descrição mais aprofundada: classificação e fisiopatologia, diagnóstico clínico, diferencial, alguns procedimentos, tratamento e outros dados. Caracteriza-se, portanto, como uma descrição ou, segundo Larivière, uma definição referencial, com traços característicos pertinentes e não-essenciais. Assim, o enunciado lexicográfico do *Dictionnaire de dermatologie* divide-se em duas partes: a primeira reservada a uma definição propriamente dita e a segunda a dados enciclopédicos.

Na continuidade de nosso estudo, comparamos o enunciado lexicográfico dos verbetes do dicionário Dorland e da obra *Dictionnaire de dermatologie pédiatrique* que têm como vedete o termo *fasciíte eosinófila*, que podem ser observados:

Eosinophilic f. fasciíte eosinófila; inflamação das fâscias das extremidades associada à eosinofilia, edema e inchaço e frequentemente precedida de exercício vigoroso.

(Dicionário médico Dorland, 1997, p. 299)

Fasciíte à eosinophiles (Fasciíte eosinófila)

Sin. Shulman (síndrome de)

SEMIOLOGIA DERMATOLÓGICA – Início: constituição rápida, às vezes depois de um esforço físico intenso, de um edema duro das extremidades, que se estende na direção das raízes. Posteriormente, ocorre hipodermoesclerose localizada em placa, em faixa radicular, a pele superficial não é afetada ou encontra-se simplesmente edematosa; acometimento máximo nas extremidades, às vezes o tronco pode ser atingido. Evolução espontaneamente curável ou depois de tratamento, ou evolução para elenfatíase generalizada ou para retrações articulares.

OUTROS SINAIS – Cansaço, mialgias e artralguas, às vezes, invalidante, perda de peso, estado subfebril; acometimento visceral excepcional: fibrose pulmonar; alguns casos de síndrome do canal carpiano.

ETIOLOGIA – Desconhecida. Ocorre mais frequentemente no adulto do que na criança, no homem do que na mulher. Quadro semelhante ao da esclerodermia.

DIAGNÓSTICO

- Clínico: esclerose profunda.
- Anatomopatologia: fibrose da hipoderme e da fáscia com infiltração eosinofílica; infiltrado mononucleado e eosinofílico perivascular da derme superficial.
- Biologia: eosinofilia sanguínea, aumento da VS, hipergamaglobulinemia, presença inconstante do fator reumatóide e de anticorpos anti-nucleares, pancitopenia de origem central.

TRATAMENTO – Corticoterapia por via geral recomendada; cirurgia ortopédica. (*Dictionnaire de dermatologie pédiatrique*, 1985, p.225-6, tradução nossa)

Nas definições acima observamos um tratamento semelhante ao do exemplo precedente. O dicionário médico Dorland restringe-se aos dados pertinentes à compreensão geral do termo *fasciíte eosinófila*; já o *Dictionnaire de dermatologie pédiatrique* estende-se a dados relativos à etiologia, ao diagnóstico, ao tratamento e outros, constituindo-se em uma descrição ou definição referencial. Esta última obra, diferentemente do *Dictionnaire de dermatologie*, não separa os dados terminológicos em duas grandes zonas dentro do enunciado lexicográfico (definição + informações enciclopédicas). Ao contrário, esse verbete não contempla nenhuma definição, nem de tipo lexical nem conceitual. O enunciado lexicográfico organiza-se em paradigmas que se caracterizam pela exposição de dados enciclopédicos de diferentes naturezas (semiologia, outros sinais, etiologia, diagnóstico e tratamento). Desse modo, observamos que *fasciíte eosinófila* não é tratada como um termo, mas como uma doença (o referente extralinguístico). De fato, o único dado metalinguístico veiculado no verbete é a indicação de sinonímia.

A partir da comparação dos termos acima nas quatro obras, pudemos concluir que os dicionários de Medicina oferecem mais definições de tipo conceituais, enquanto que os dicionários de Dermatologia apresentam definições de tipo referencial (enciclopédica) ou descrições.

Essas diferenças são, não apenas normais, mas também previstas pela Terminologia e, por vezes, mesmo necessárias. De fato, como expusemos anteriormente, a definição terminológica deve ser uma descrição funcional. Sobre essa questão, Béjoint se pronuncia como segue:

Em Terminologia, a definição não pode se ater aos traços centrais que constituiriam a condição necessária e suficiente para a identificação do conceito; alguns traços, ainda que não façam parte da definição *strictu sensu*, devem figurar, pois são úteis

seja para a compreensão do conceito, seja para a manipulação em discurso do termo que designa, seja para ambos. (Béjoint, 1997, p.25)

O autor deixa, assim, claro que não se deve procurar a fórmula mais econômica, mas sim fornecer ao leitor uma definição que lhe seja útil, sobretudo levando em consideração o contexto em que essa se insere.

Concluimos que o tratamento conceitual (a apresentação de traços pertinentes ou não-pertinentes) não depende apenas da natureza do termo a ser tratado, mas da própria finalidade da obra. Assim, acreditamos que cada obra apresente tipos de definição que sejam funcionais para o seu público-alvo.

4. O modelo de definição do Vocabulário Multilingue de Dermatologia

A análise exposta no item anterior constitui um passo metodológico adotado pela equipe que elaborou o VMD com o fim de obter elementos para a elaboração do modelo de definição mais adequado ao tipo de obra que se pretendia confeccionar. A discussão do assunto com especialistas em Dermatologia e estudantes de Medicina também fez parte desse processo de amadurecimento de ideias e propostas.

Enquanto responsável pela redação das definições de um subconjunto de termos que pertencem ao campo conceitual “dermatoses”, participamos desse processo. A equipe do VMD (na qual nos inserimos), ao final do procedimento acima mencionado (análise dos modelos de definição em dicionários médicos e de Dermatologia, associada à consulta ao potencial público-alvo da obra) e conhecedora dos princípios teóricos e metodológicos próprios da Terminologia, concluiu pela adoção do modelo de definição que apresentaremos a seguir, por considerá-lo adequado e funcional em relação à natureza dos termos (que designam dermatoses, ou seja, doenças da pele), às necessidades e anseios do público-alvo.

O modelo de definição adotado para a descrição dos termos pertencentes a esse campo conceitual foi o que segue:

<u>hiperônimo</u> (gênero próximo)	+	<u>causa, características, localização</u> (diferenças específicas)
---------------------------------------	---	--

A distribuição da carga sêmica no enunciado definicional dos termos que designam dermatoses prevê, no VMD, em primeiro lugar, a recuperação do conteúdo semântico do hiperônimo,

isto é, do gênero próximo dentro da estrutura hierarquicamente organizada da árvore do domínio (que vai no sentido termo mais genérico '! termo mais específico). A indicação das causas da dermatose a ser tratada, suas características ou manifestações e a localização mais frequente das lesões no corpo humano são os dados que vêm na sua sequência. Como exemplo de definição que respeita esse modelo, podemos citar o seguinte:

eritrocianose: s f afecção vascular predominantemente funcional causada por exposição direta a temperaturas muito baixas, mas que não chegam a ser congelantes. Observam-se placas azuladas de limites imprecisos, podendo surgir nódulos fibróticos, eritema folicular, descamação e ceratose pilar. Acomete crianças, jovens e adultos do sexo feminino. As lesões atingem os membros inferiores, que se tornam edemaciados e vermelho-escuros. **Outras designações:- Símbolo de classificação.:** 4.14.6.6. **CID10:** I73.8.

No caso acima, o gênero próximo é expresso por expressão *afecção vascular predominantemente funcional*. As causas da dermatose seguem-no sintagmaticamente (*por exposição direta a temperaturas a congelantes*). As características e manifestações da doença são expressas pela frase *Observam-se placas azuladas de limites imprecisos, podendo surgir nódulos fibróticos, eritema folicular, descamação e ceratose pilar. Acomete crianças, jovens e adultos do sexo feminino*. A localização mais frequente das lesões no corpo encontra-se, como previsto no modelo, no final do enunciado definicional (*de membros inferiores a vermelho-escuros*).

A equipe decidiu que o enunciado definicional deveria compor-se do maior número possível de traços conceituais para a identificação da doença. Assim, não nos contentamos apenas em definir brevemente o termo, mas procuramos expor todos traços que julgamos pertinentes e úteis ao público-alvo. Como nosso dicionário é voltado, sobretudo, aos estudantes de Dermatologia em fase de formação, optamos por uma definição referencial ou descrição sempre que possível. Desse modo, em nossa definição, além de detalharmos as diferenças específicas, também constam dados relativos ao diagnóstico diferencial, histopatologia e outros. Assemelha-se, portanto, ao tratamento dos dados que observamos nos dicionários de Dermatologia franceses. Como exemplo, vejamos o verbete abaixo, extraído do VMD:

fasciíte eosinofílica: s f fasciíte nodular de etiologia desconhecida, relacionada a mecanismo inume, trauma ou a esforço físico. Caracteriza-se como uma doença bastante rara, apresentando esclerose da pele e dos tecidos conjuntivos das extremidades, precedida de edema, eritema e muita dor, o que limita o movimento dos pés e mãos. A histopatologia apresenta fibrose na

derme e infiltrado inflamatório de linfócitos, eosinófilos, plasmócitos, histiócitos, com fibrose na hipoderme e na fáscia profunda. Nesta última observa-se presença elevada de IgG e complemento C3. Anticorpos antinucleados ainda não foram encontrados e níveis de complemento têm sido normais. O nível de 30% de eosinofilia no sangue está associado ao aumento de hemossedimentação e hiperglobulemia. É rara a presença de Raynaud e não há comprometimento sistêmico. Pode haver involução espontânea. O quadro clínico é bastante semelhante à esclerodermia, diferenciando-se desta pela presença de inflamação mais acentuada e pela ausência de anticorpos. As lesões localizam-se geralmente nos membros superiores e inferiores (braços e pernas) e, ocasionalmente, no tronco. **Outras Designações:** fasciíte eosinófila, síndrome de Schulman. **Símbolo de classificação:** 4.29.10.1.20.11.4. **fasciíte eosinófila:** s f **Ver:** fasciíte eosinofílica. **síndrome de Schulman:** s f **Ver:** fasciíte eosinofílica.

Na definição acima encontramos elementos descritivos relativos à causa, características e localização da doença. Além desses dados, achamos pertinente trazer informações acerca da histopatologia (estudo, em nível microscópico, de lesões orgânicas), uma vez que esse detalhamento é essencial para se estabelecer o diagnóstico diferencial em relação à esclerodermia.

Assim, buscamos tratar no VMD o termo de forma mais precisa possível, constituindo-se nossa definição em uma descrição funcional do conceito.

5. Considerações finais

Concluimos que o tipo de definição deve ser escolhido respeitando, sobretudo, as necessidades do público-alvo da obra. Dessa forma, insere-se um lado pragmático quando da elaboração das definições.

Os traços conceituais essenciais ou pertinentes são escolhidos em função de *alguém* e para *alguém*. Muitas vezes, o que não serve para um determinado público, é extremamente adequado a outro.

Por meio da análise nas obras médicas e dermatológicas, concluimos que a finalidade da obra e o público-alvo são decisivos na escolha dos traços conceituais que devem compor a definição. Os dicionários médicos tendem a ser mais genéricos, expondo os traços que julgam pertinentes para a compreensão geral do termo (e da doença) por parte de médicos e de todos os interessados no

assunto. Já os dicionários de Dermatologia trazem os traços que julgam pertinentes e necessários para os especialistas e estudantes da área. Esses traços podem ser classificados como “não-essenciais” ou “secundários”, mas, com certeza, são importantes e úteis ao seu público leitor.

O modelo de definição do VMD foi, acima de tudo, o resultado de entrevistas a vários Dermatologistas que atestaram a importância de um tratamento de dados mais abrangente. Estes afirmaram que as definições dos dicionários médicos não atendiam às necessidades de um estudante de Dermatologia em fase de formação.

Assim, após o estudo de obras lexicográficas especializadas em Medicina e em Dermatologia e após a consulta aos especialistas da área, a equipe do VMD decidiu pela elaboração de uma definição mais abrangente, de tipo referencial.

6. Referências

BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BÉJOINT, H. **Regards sur la définition en terminologie**. *Cahiers de lexicologie*, nº 70, vol.1, 1997, p.19-26.

BONAFÉ, J. L.; CHRISTOL, B.; LASSÈRE, J. **Dictionnaire de dermatologie pédiatrique**. Paris: Maloine, 1985.

DANIEL, F. **Dictionnaire de dermatologie**. Paris : Masson, 1990

DORLAND. **Dicionário Médico**. 25º ed. São Paulo: Roca, 1997

FELBER, H. **Manuel de terminologie [pour le Programme général d’information et l’UNISIST et pour le Centre international d’information pour la terminologie]**. Paris: UNESCO/INFOTERM, 1984.

LARIVIÈRE, L. **Comment formuler une définition terminologique**. *Meta*, nº41, vol.3. Montreal: Les Presses de L’Université de Montreal, 1996, p.405-418.

ORGANIZATION INTERNATIONALE DE NORMALIZATION. **Terminologie-Vocabulaire, (Norme Internationale ISO 1087: 1990)**. Genebra: ISO, (E/F), 1990.

REY, Alain. **Le lexique; images et modèles. Du dictionnaire à la lexicologie**. Paris: Armad Colin, 1977.

REY-DEBOVE, J. **Etude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. La Haye/Paris: Mouton, 1971.

STEDMAN, T.L. **Stedman dicionário médico**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara koogan, 25a Edição, 1997, p.773.

